

GUILHERMEDESÁ

SIRACVSA





SIRACVSA

Guilherme de Sá

Sumário

[Página do Título](#)

[NOTA DO AUTOR](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[PROLOGO](#)

[CAPITOLO PRIMO](#)

[CAPITOLO DUE](#)

[CAPITOLO TRE](#)

[CAPITOLO QUATTRO](#)

[CAPITOLO CINQUE](#)

[CAPITOLO SEI](#)

[CAPITOLO SETTE](#)

[CAPITOLO OTTO](#)

[CAPITOLO NOVE](#)

[CAPITOLO DIECI](#)

[CAPITOLO UNDECI](#)

[CAPITOLO DODICI](#)

[CAPITOLO TREDICI](#)

[CAPITOLO QUATTORDICI](#)

[CAPITOLO QUINDICI](#)

[CAPITOLO SEDICI](#)

CAPITOLO DICIASSETTE

CAPITOLO DICIOOTTO

CAPITOLO DICIANNOVE

CAPITOLO VENTI

CAPITOLO VENTUNO

CAPITOLO VENTIDUE

CAPITOLO VENTITRE

CAPITOLO VENTI QUATTRO

CAPITOLO VENTICINQUE

CAPITOLO VENTISEI

CAPITOLO VENTISETTE

CAPITOLO VENTOTTO

CAPITOLO VENTINOVE

CAPITOLO TRENTA

CAPITOLO TRENTUNO

EPILOGO

NOTA DO AUTOR

Escrevi este livro no momento mais turbulento da minha vida. E escrevê-lo fez com que as nuvens carregadas se dissipassem, em um céu terminantemente nublado. Passei três meses da minha vida imerso nos personagens, dando vazão à magoa e a decepção, que resultou nessa obra repleta de tragédias. Ao lê-lo, o leitor entenda: este não é um livro para crianças, de modo que fique de sobreaviso em relação ao conteúdo. Quanto a mim, já recebi a recompensa que me cabia.

Por isso mesmo, decidi abrir mão da editora que estava emperrando o lançamento, para lançá-lo de graça, usando somente meu pequeno alcance, dentro da minha plataforma social. A princípio, não haverão cópias físicas de Siracusa disponíveis no mercado. Como sempre há os que desejam contribuir com algo, inseri abaixo um QR Code que direciona à minha conta, deixando aqui o meu muito obrigado pela generosidade.

Por fim, optei por não ter qualquer revisão ortográfica acadêmica, portanto o nível gramatical pode ser precário, visto que meu conhecimento da língua portuguesa se deve mais à minha memória (nem tão) fotográfica, do que ao estudo em si, já que fui um péssimo aluno na matéria (continuo achando que o imperfeito não participa do passado). Peço que aceite meu pedido de desculpas por qualquer erro que as páginas seguintes possam ter.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.



AGRADECIMENTOS

Em qualquer nicho literário, uma editora aconselharia o autor a adicionar no início de seu livro, algumas notas de agradecimentos, mais no intuito de, como se diz no popular, “encher a linguiça” do que a preocupação com a obra em si. E é compreensível, afinal além da diagramação do objeto, como se vende um livro com poucas páginas? Pois é exatamente isto que este livro é. Um livro de poucas páginas. Então vamos chamá-lo de “livrinho”.

Neste livrinho, eu tenho o sincero desejo de agradecer as pessoas que tem me acompanhado de perto. Portanto, sem me esquecer de nenhuma delas, eis a lista: à Pam, o amor da minha vida e aos meus três filhos. À minha mãe, meu irmão e minhas irmãs. À minha avó. Ao Ricardo e ao Thiago, irmãos de correspondência. A alguns amigos que trouxe na bagagem e, ainda que não tenhamos mais contato, permanecem no peito e na saudade. E aqui, onde se trata de saudade, é onde dedico esta obra à Vinícius Talman, meu irmão que partiu “sem ao menos dizer adeus”. Gostaria de dizer que a lista termina nessas linhas, o que diz muito a respeito do que passei nos dois últimos anos. Mas os anos dizem que eu me afastei, e não o contrário. Por isso mesmo, à você que leu até aqui, minha gratidão eterna. Obrigado por nos encontramos mais uma vez nesta ágora.

*“O caminho dos ímpios é como as trevas.
Nem sequer sabem em que tropeçam”
Provérbios 4;19*

Cattedrale della Natività di Maria Santissima

17h40m

Giuseppe estava aflito.

A confissão que acabara de ouvir soara-lhe tão nociva, tão perniciosa, que somente uma coisa lhe vinha em mente: ele não deveria saber disso. Não poderia. Era perigoso demais. A figura que saíra do confessionário era o último espectro que ele esperava que o procurasse. Que vomitasse tudo aquilo que ouvira. Temeroso, ele viu o homem dirigir-se lentamente até a antiga porta, fazer uma descuidada genuflexão e sair.

O piedoso padre suava frio. Retirou-se do confessionário cambaleante, tateando os encostos dos bancos de cedro gasto. Seus pés, outrora habituados ao toque rude da saliência dos pisos curvos e irregulares, desgastados pelo tempo, penavam para encontrar qualquer resquício de equilíbrio necessário para percorrer o corredor lateral, tamanho o nervosismo lhe pungia. A catarata nevoenta que avançava em suas írises já não lhe permitia que enxergasse distante dos olhos, proporcionando-lhe um laivo turvo, perpétuo. Mas, mesmo na penumbra daquela tarde de inverno, seu corpo sabia com precisão onde deveria conduzi-lo.

— *La Siracusana!* — Reencontrou na entrada da capela, a fala que há pouco havia perdido por completo. Acendendo uma vela, progrediu vagarosamente ao encontro do relicário que guardavam os ossos da padroeira.

— Sim! Aqui está você.

Ajoelhou-se perante as relíquias de Santa Luzia e fechou os olhos, pressionando a pele fina e seca da testa com o terço entre os dedos. Tomado por um rompante de temor, de voz trêmula, ele rezou:

— Senhor, eu imploro que ouça minha oração. Tenha compaixão de mim, meu pai. Eu rogo pela Vossa misericórdia. Pela intercessão de Santa Luzia, vossa serva, tenha misericórdia deste pobre escravo! Tu, Senhor, me conheces mais do que conheço à mim próprio, sabes que este fardo é pesado demais. Cruel demais! Tenha piedade de mim, Senhor! Clemência, Senhor! Eu não posso suportar este cálice!

Então, o sacerdote chorou. Chorou copiosamente até que as pálpebras não conseguissem mais abrir.

Mal sabia Giuseppe que aquela seria sua última oração. Sua hora havia chegado.

CAPITOLO PRIMO

Santo Salafia não se parecia em nada com um mafioso. Não se distinguia perante os fiéis que, aqui e ali, tomavam seus lugares naquela álgida noite de domingo. Mas todos o conheciam. E ele sabia que, embaixo dos véus, as mulheres, silentes e austeras, o observavam cuidadosamente em seu assento. O primeiro banco da igreja, perto o suficiente do púlpito, da fila da comunhão. Dos olhares. Seus pequenos olhos azuis eram perspicazes, penetrantes. Imprevisíveis. Hora compraziam de forma agradável a quem os olhasse. E num piscar, os olhos endureciam, congelando de espanto quem os fitava. Ao redor das têmporas grisalhas, as rugas que fugiam dos olhos, uniam-se as carquilhas que começavam a surgir na testa proeminente. Seus trejeitos denunciavam, mesmo à distância, a altivez de um corpulento siciliano de um pouco mais de 50 anos de idade. Um respeito mofino e rijo, que ninguém ousava contestar, sobretudo em uma noite como aquela: a noite que antecedia o solene feriado da Padroeira de Siracusa. Santo era leal à família Solarino e seus 17 anos de servidão fizeram dele um sujeito temido. *Il Leone*, como viera a ser conhecido. De família humilde, o Leão crescera longe da badalada *Isola di Ortigia*, mas as ruas que o serviram, empoeiradas e precárias, o transformaram em um garoto que aprendeu a não se menosprezar. De fato, Salvatore Orsi Solarino, o poderoso padrinho de Siracusa, o convertera gradualmente numa importante peça de seu tabuleiro. O peão à frente do rei. O rei que há pouco descobrira sua traição. E que agora, acertaria as contas com ele. Aquela fora uma semana tensa. Embora o mafioso dominasse a arte de se infiltrar em grupos e lugares com destreza, há pouco fora percebido e ele soubera de imediato. Sabia o que aquilo significava. Não poderia fugir de seu destino na Terra. Era demasiado tarde.

— Se ao menos pudesse despedir-me de Elisa...

Perigoso demais, pensara. Sua única filha, prestes a se tornar órfã, agora também de pai, estava resguardada em segurança. Pelo menos por enquanto. Não poderia correr o risco de descobrirem quais sombras a escondiam, porque então não seria ele a ser morto, mas ela. *Um homem morto é só um homem morto. Amaldiçoada é a alma que deixou o amor perecer em seu jardim*, devaneou o imprestável que dera fim a tantas vidas. O homem que conhecia a morte como poucos.

— Não! — disse ele trêmulo e ofegante — Não! Este é o meu destino, não o dela!

— Desejou voltar ao seu esconderijo, o minúsculo cômodo secreto em que estava recluso há alguns dias, localizado dentro das cavernas da pitoresca *Latomia dei Cappuccini*, mas não havia como. A cidade estava apinhada de gente, à procura de

souvenires e presentes para o Natal que se avizinhava. A luz concisa das 14 horas revelou-o e, sob os olhares acusadores que começavam a encara-lo, Santo colocou-se reto e andou com passos firmes rumo à *Chiesa di Santa Lucia al Sepolcro*. Sabia que não derramariam sangue dentro da casa do Senhor. Além do mais, qual padre não o acolheria? Ou melhor, quem seria insensato de não fazê-lo? Bateu na porta. Uma, duas, três. Quatro vezes. Nada. A igreja estava fechada. Rogou uma praga lúgubre, pensando não ter pior azar do que ter sido descoberto naquela maldita hora vagabunda: a hora da sesta. O pároco deveria estar deitado em seu sofá, roncando feito um porco. Sentiu-se encurralado.

Pôs-se a andar determinado, em direção à ilha, a procura de algum lugar para se esconder, mesmo sabendo que lá era território de Salvatore. *Onde diabos não seria?* Via olhos amedrontados desviarem os deles, que o reconheciam na medida em que progredia, quadra a quadra. *Uma igreja! Preciso entrar em uma igreja!* Preferiu o costumaz caminho à beira do mar ao invés dos becos. Esbarrou nos demônios, malditos transeuntes que tomavam sua frente e amaldiçoou a garoa fina que começava a cair. Começou a suar frio, apesar do forte vento, impetuoso e invernal, vindo do Mar Mediterrâneo e sentiu seu tempo esgotar. Finalmente viu a estátua de ouro de Diana, a deusa grega. Agora faltava pouco. Muito pouco. Santo não percebeu o erro. Finalmente entrara na catedral com o propósito de se esconder. E dali, não sairia mais.

CAPITULO DUE

Agora, sentado na madeira dura do último banco, Santo sentia que cada tijolo daquela imensa catedral vazia desabaria sobre ele a qualquer momento. Estava emocionalmente esgotado. Tentou reunir os últimos germes de sã consciência que lhe restavam e percebeu que também o corpo chegara ao limite da exaustão. O coração, descompassado e explosivo, parecia emitir centenas de decibéis peito afora, como se pudessem estourar os tímpanos do infeliz que ousasse se aproximar. Mas não. Não havia ninguém. Era o único homem ali. *Bem, ao menos isso...*

finalmente um átimo de sorte, pensou. Procurou retomar o fôlego e por a tempestade que atormentava-lhe os sentidos em ordem. Ordem para calcular seu próximo movimento. Inspirou profundamente e percebeu que o silêncio da garoa, antes predominante, transformara-se no ruído de um atípico temporal e ele se sentiu preso. *Raios na Sicília! Num inverno!* Os pensamentos volteavam irrefreáveis. *Droga!* Aquilo só poderia ser um mau presságio. Imaginou a sorte, de semblante zombeteiro e desdenhoso, despedindo-se dele com um sorriso cínico. Quase como se quisesse provocá-lo, dirigindo-lhe a palavra:

— “Hmm... então está sozinho? Porque não, hmm... encurralado?”

Tentou abstrair-se da má ventura que perigava apossar-se de sua sanidade. *Estou enlouquecendo!* Mais intenso que o ruído da chuva lá fora, era a desesperança que trovejava dentro do peito. *Vamos, Santo. Volte a si!*

Um barulho estridente de uma pesada porta fechando ecoou na abóbada da cátedra e ele se virou, certo que o pior o alcançara para selar-lhe de vez a sorte. *Justo aqui, Deus? Que ironia da natureza! Um leão com a coragem de um rato, acossado e apavorado!* Desejou ter tido a oportunidade de pegar sua arma antes de ter fugido para a caverna, mas tudo acontecera rápido demais. Não tinha a menor condição de se defender. Sentiu que não passava de um pária. Os pensamentos o fustigavam. *Sim, Santo. O fim é inerente à vida, parabéns para você!*

— Você chegou em boa hora filho, o céu está caindo lá fo...

Quando o padre o viu, ficou petrificado. A garganta secou. As palavras enroscaram em sua glote e ele não conseguiu dizer nada. Quase sem ar, voltou à consciência e, sem que pudesse controlar, a voz acabou escapando-lhe num sussurro ressequido, praticamente inaudível:

— *B-buon pomeriggio signore, b-benvenuto nella casa di Dio.*

Santo o observou em silêncio, olhando profundamente nos olhos opacos do pequeno sacerdote. A leitura que o mafioso fez do espectro à sua frente não poderia ter sido mais ordinária. A tartamudez do religioso dera lugar à mudez e o

homem se alimentou da fraqueza do clérigo, da mesma maneira que se empapuçara de tantos outros infortunados. Embora se compadecesse da fragilidade, exagerada demais para ser ignorada, não nutria a menor empatia pelo ancião, prestes a colapsar de medo. A idade avançada fizera dele um idoso curvado, de corpo frágil e mente cansada. O mafioso esboçou um riso de deboche, mas conteve-se. *É, sinto muito meu velho. A vida é mesmo uma longa jornada, com um mapa feito por um tolo...*

De fato, o tempo de servidão do pároco na casa de Deus estava quase consumado. Nada era-lhe mais caro do que a aposentadoria que se avizinhava. Uma vez concluída, iria direto para a cidade vizinha. *Catena! La mia terra!* Ansiava por 1973. Andava inquieto. Afinal, faltavam apenas três míseras semanas para despedir-se de Siracusa. Mais precisamente dezenove dias. No vigésimo, ele se tornaria monsenhor no *Monastero San Nicolò l'Arena*, longe do caos da máfia siciliana. E agora, no apagar das luzes, a máfia alcançara seu encalço.

Aproximando-se do sacerdote, o mafioso arrumou-lhe o clergiman sem pressa, como quem ajusta o nó de uma gravata, demonstrando um gesto de cordialidade. Chegando perto o suficiente para sentir uma amálgama de odores que saía da boca do velho padre. Uma mistura de almíscar com *grappa*. Estendeu-lhe a pesada mão e, beijando-lhe o anel, disse em uma inflexão severa:

— Olá, Giuseppe. *Mi chiamo Santo Salafia*. O senhor certamente me conhece, não?

— *Si!* Respondeu-lhe o franzino padre, incapaz de olhá-lo nos olhos. Ouvira o boato. A notícia de que o Leão estava morto espalhara-se por toda província. Vê-lo ali, materializado na sua frente, causava-lhe um intenso arrepio na espinha. Era como se estivesse na presença de um fantasma que acabara de desprender-se do seio quente da terra. *Um monstro áfono!* pensou. O silêncio rude que vinha de Santo era mais que opressivo, era draconiano. Tal como um anfitrião malquisto e inconveniente, o mafioso enfim rompeu o silêncio. Pousando-lhe a palma da mão no ombro galgaz, conduziu-o à contragosto ao confessionário, sem muita dificuldade.

— Venha padre. O senhor precisa ouvir minha confissão.

Sentindo como se tivesse adentrado em um antigo armário de mogno, Santo viu Giuseppe vestir a estola e aguardou o ancião dirigir-lhe a fala. Sentou-se no desconfortável banco embutido no móvel de madeira e o rangido ecoou alto no templo, denunciando seu sobrepeso. Ouviu então as cinco únicas palavras que o padre conseguiu dizer, em um rumorejo quase mudo:

— Quais são seus pecados, filho?

E não precisou dizer mais nada. Um longo e pesaroso monólogo percorreu o corredor oeste da catedral. A cada sentença que saía da boca de Santo, o velho

sacerdote somente conseguia sentir a desgraça que caíra em seu colo. Aquelas eram as transgressões da máfia. A confissão da família Solarino. De Salvatore. O padre sabia o que aquilo significava. Ele acolhera o traidor do temido padrinho da Cosa Nostra. Trancara as portas do templo com ele dentro e sabia que uma inelutável confissão não passaria despercebida àqueles homens maus. Percebera que aquela conversa de um único homem era a sentença de duas mortes. Não notou o silêncio. Não ouviu a chuva diminuir. Não entendeu quando Santo Salafia cessara a confissão, batendo rudemente com o nó do dedo indicador na pequenina janela do confessionário, tirando-lhe da letargia que o expulsara daquela dimensão.

— Eu não mereço o perdão do senhor?

O mafioso deu um longo suspiro. Não que quisesse absolvição de pecado algum, pelo contrário. Se queriam matá-lo, ele então não morreria sem que deixassem de saber tudo o que ele fizera em nome do padrinho. Agora que se libertara do fardo que acabara de descarregar, entendera de vez o fado que o abraçara. Saiu do confessionário esmorecido, absorto. Pôs as mãos nos bolsos, observando o teto altivo da igreja. Dando meia volta, pousou os olhos na antiga insígnia negra, quase ilegível, adornada com os dizeres dourados “*CANONICO PENITENZIERE*”. Santo gemeu, indiferente ao infortúnio do padre que soluçava dentro da mobília. *Não... os eleitos não aprovariam um pulha em seu convívio!* Conjecturou frases ocas, contemplando a má ventura que lhe atingira. Pondo-se em direção à saída, caminhou com a serenidade de quem compreende que chegara ao derradeiro lugar onde todas as coisas terminam. Pôs o joelho direito no chão com desleixo, benzeu-se e abriu a pesada porta do templo, permitindo que o ar gélido e úmido penetrasse seu pulmão. Orazio Antonini Brascia estava ali. *Il Leone* o encarou, permanecendo imóvel. O medo o abandonara. Há pouco menos de 20 passos, viu o capanga tirar a mão do bolso e acender um cigarro. Fumou-o por inteiro, observando a fumaça misturar-se ao iminente cadáver que o fitava. Santo não desviou o olhar até que Brascia se virasse, entrasse no carro e ordenasse que Andrea, seu parceiro de outrora, movesse o sedan preto e, lentamente, desaparecesse na bruma, ao dobrar à direita.

Determinado, Santo Salafia girou em seu calcanhar e entrou silenciosamente na catedral. Mais uma vez. Sem dificuldades, encontrou o que procurava. Afundou a mão na pia batismal e fez o sinal da cruz na testa. Deixou que a água escorresse em seu rosto seco. Aquelas eram lágrimas que ele não iria derramar.

CAPITOLO TRE

Elisa Salafia não conseguia comer. O silêncio da ausência inesperada do pai enregelara-a e agora, a menina se perguntava porque seu progenitor a deixara sozinha naquele lugar pavoroso. Apenas uma semana atrás, estava em seu quarto, sendo cuidadosamente amparada pelas freiras que a acolheram no convento, evitando assim que a garotinha fosse parar num abrigo para órfãos. Tinham-na encontrado sozinha, chorando aos pés de uma cova fresca, recém coberta de terra. Desde então, a menina ficara com as irmãs, que se encarregaram de cuidar da órfã como um anjo descido do céu.

Então viera a notícia. E a notícia revelava o ofício de Santo, com o rosto do mafioso estampado na primeira página do jornal mais famoso da Sicília.

Meu Deus, papai é um assassino!

Aquilo revirara-lhe o estômago. A doce menina não via muito o pai. E exatamente por isso, desejava tanto vê-lo. De fato, passara a maior parte da sua vida com o padrinho em San Giorgio, um pequeno vilarejo na costa leste da ilha. Dario era um sujeito de mãos calejadas e espírito afável. Dizia-lhe com frequência que Elisa era seu pequeno milagre. O agricultor de meia-idade acabara de perder a mulher e o filho, afogados em um rio lamacento perto do sítio, quando seu primo Santo batera em sua porta, desesperado.

— Benedetta morreu, Dario. Não suportou o parto!

Santo sentia-se amaldiçoado. Sua primeira esposa o abandonara quando descobrira seu recém envolvimento com a família Solarino. Agora, a segunda esposa, acabara de morrer aos 44 anos, no perigoso procedimento cirúrgico que trouxera a prematura Elisa à vida. Atormentado, o mafioso não via como poderia criar a filha sozinho na matilha selvagem em que vivia. Naquela noite, os primos selaram um pacto. Dario ficaria com a menina e Santo a protegeria de si mesmo. Salvatore jamais poderia saber que Elisa sobrevivera. Elisa jamais poderia saber o que o pai fazia.

Elisa crescera pouco. Passou a primeira infância protegida do perigo, em um mundo à parte. Tornara-se uma criança delicada, tímida. Dócil. Dependente do tio, que a criava como sua *principessa*, a menina não conseguia entender porque seu pai a visitava tão poucas vezes.

— Sinto saudades do papai, tio Dario!

— *Anch'io, piccola!* Seu pai não vê a hora de te encher de beijos! Sabia que ele me disse que, no final do mês, virá para ficar alguns dias aqui no sítio com você?

O pai não apareceria naquele outono, em que Dario sofrera um ataque cardíaco fulminante na lavoura. Nem no seu aniversário de 11 anos, onde esperava que ele viesse e a levasse para morarem juntos na casa dele. Agora, todos no convento diziam a mesma coisa: — “Elisa não era órfã!”. “Santo era o pai da Elisa!”. “Santo está morto!”. “Santo servia à Cosa Nostra!”. — Então Santo soube de imediato que seu pior pesadelo havia se concretizado, ao receber a informação de que as irmãs carmelitas tinham visitado o necrotério de Siracusa, dizendo estarem à procura do corpo do pai da Elisa, na esperança de que a pobre órfã pudesse despedir-se do pai. Agora o Clã Solarino sabia de sua filha e Santo sabia que precisava escondê-la. Na madrugada daquele mesmo dia, o mafioso capturara a garotinha, levando-a com ele na esperança de evitar que o pior pudesse alcançá-la. Colocou-a no único lugar onde pensava que estaria a salvo, pelo menos até que conseguissem fugir da Itália. No minúsculo cômodo que ele usurpara anos atrás, escondido no fundo de uma das muitas cavernas existentes na *Latomia dei Cappuccini*, situada na zona norte de Siracusa. Originalmente, o lugar fora uma pedreira, fornecendo durante séculos as matérias-primas necessárias para a construção da antiga cidade. Com o passar dos anos, abandonada e vilipendiada, tornara-se quase inacessível, não apenas pela vegetação selvagem que tomara o lugar, mas também devido a sua extrema profundidade. Ainda haviam cicatrizes aparentes do passado, traiçoeiras mesmo para aventureiros em busca de desafios, onde resquícios de metais e madeira revelavam a sombria prisão de guerra que fora. Existiam também diversos altares, que denunciavam antigos cultos de adoração pagã feitas no local, ainda utilizadas por satanistas de toda a península, aumentando consideravelmente a tensão de quem visitasse o aprisco. As numerosas câmaras mortuárias e sepulturas subterrâneas, visíveis à metros de distância, assustaram a menina desde que chegara naquela madrugada clarificada pela lua cheia. Definitivamente, a *Latomia* não era um lugar para criança alguma estar. Elisa temeu a aura daquele ambiente no primeiro momento em que pisou os pequenos pés naquele solo hostil. Sozinha no caos silencioso, se perguntava porque o pai não retornara. Alguma coisa estava errada. Algo havia acontecido.

CAPITOLO QUATTRO

— *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.*

— *Amen!*

Io sono un maledetto!

— A graça e a paz de Deus, nosso Pai, e de Jesus Cristo nosso Senhor esteja convosco.

— Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Un maledetto...

— *Amen!* Gritou Santo.

Giuseppe hesitou. Não sabia de que maneira conseguiria dar prosseguimento aos ritos, com aquele intruso se comportando feito um ébrio sem teto. Que a messe toda desejava uma celebração rápida, não restava dúvidas. O ar estava pesado, tenso. O sacerdote mal conseguia levantar a cabeça. Sentia uma profunda tristeza. E a tristeza fazia com que ele presidisse a liturgia de maneira insossa, oca. *Uma missa sem alma. Meu Deus, que desgosto!* E lá estava à sua frente, o homem, graúdo e barulhento, balançando o corpo ruidosamente. Evitava olhar para aquele arremedo de fiel que há pouco negara a fé em sua confissão. O pároco queria sentir um resquício de pena, mas não conseguia reunir nada além de medo. Tinha o pressentimento de que, antes que o serviço daquela noite findasse, algo grave aconteceria. *Não, que tolice! Porque fariam algo comigo? E se não me fariam nada, porque então estou embevecido nesta besteira?* Entrementes, algo lhe passou pela cabeça: E se o mafioso viesse a perecer no templo? *Bem, se o homem morrer aqui, então serei eu que precisarei limpar a sujeira. Eu que mal aguento presidir duas missas na semana...*

Os dias anteriores foram complicados para Giuseppe. Há pouco se recuperara de uma infesta intoxicação alimentar. De fato, ainda padecera de mal-estar no dia anterior. Pedira então para que Dom Tessio Primadonna, o jovem bispo recém-chegado da Basílica de Matera, trocasse o turno vespertino pelo dilúculo dominical e assim o superior o fez, partindo de bom grado o pão naquela manhã. Agora, vendo tudo o que acontecia bem diante dos olhos, o ancião percebeu que não havia como ter tido pior sorte. No entanto, o padre sentiu que a sorte pioraria, quando em seguida, lembrou-se do evangelho que viria na sequência. Apreensivo, presumiu que a noite lhe roubaria ainda mais a paz. Desejou que o mafioso continuasse dançando ao vento.

Non è possibile! Santo Dio! Giusto il vangelo di Luca? Giusto il capitolo 12?

Tão logo Giuseppe iniciou a leitura, a atenção de Santo foi tomada de assalto. O mafioso agora estava atento. Seus sentidos aguçaram. O que ouvira o deixara atônito:

“Não há nada de oculto que não venha a ser revelado, e não há nada de escondido que não venha a ser conhecido. Portanto, tudo o que tiverdes dito na escuridão, será ouvido à luz do dia; e o que tiverdes pronunciado ao pé do ouvido nos quartos, será proclamado sobre os telhados. A vós, porém, meus amigos, eu digo: não tenhais medo dos que matam o corpo e depois não podem fazer mais nada. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: temei Aquele que, depois de fazer morrer, tem o poder de lançar-vos no inferno”.

— Deus, só me faltava isso! — sussurrara para si mesmo, sobressaltado. Só podia ser uma ironia. O mafioso trazia no rosto uma expressão de incredulidade. *Sono maledetto... maledetto!* Não conseguia tirar da cabeça quem teria sido o maldito diabo que lançara sobre ele aquele mau agouro. Dali em diante, Santo Salafia sentou-se, indiferente a homilia efêmera e canhestra que viera a seguir. Ou aos servos que passaram a cesta da coleta, tímidos. Passadiços. Permaneceu desconexo mesmo ao movimento da messe que começava a ajoelhar, fazendo ressoar em coro o rangido vindo dos velhos estrados dos genuflexórios. Estava absorto. Ensimesmado no próprio mundo, como se finalmente tivesse abandonado a marra imberbe que vinha fazendo até então. Olhou para o altar. Observou os lírios, níveos e delicados, que enfeitavam o andor da santa. O Círio Pascal parcialmente derretido. A paramentação sacerdotal rósea com detalhes dourados. O presépio em tamanho real. Sentiu o aroma de incenso, viu o pão ser partido. Viu o cálice ser erguido.

“Tomai todos e bebei. Isto é o meu sangue. O sangue da nova e eterna aliança que será derramado por vós e por todos, para a remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim”.

Sim, o mistério da fé.

Santo ficou pensando nisso. Não conseguiu pensar em mais nada. *O mistério da fé... sempre o mistério, infausto e malquisto. Da vida. O mistério da morte. O mistério...* Voltou a si, assustado, quando o padre disse seu nome. Três vezes seu nome:

“Santo, Santo, Santo! Senhor Deus do universo. O céu e a terra proclamam a Vossa Glória. Hosana nas alturas! Bendito o que vem em nome do Senhor, Hosana nas alturas!”

Um semblante de tristeza se instalou no rosto do Leão. Pensou em Elisa. Nunca fizera uma oração sequer com ela. Há muito abandonara a fé, trazendo na bagagem apenas o ceticismo e a antipatia que tanto lhe fora útil no clã. Será que a filha estaria com medo, sozinha naquele esconderijo medonho? Será que estava rezando? *Eu também estou sozinho...* Percebeu que não havia mais ninguém ao seu lado. Ninguém se aproximou para desejar-lhe a paz de Jesus Cristo ou de qualquer outro carpinteiro.

“Olhai e vede como o Senhor é bom. Feliz de quem Nele encontra seu refúgio. Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.

Imerso em seu próprio nirvana, Santo viu uma fila de apressados se formando no corredor central, ao mesmo tempo em que o sacerdote colocava a hóstia partida no cálice e a bebia junto ao vinho. O momento seguinte fora tão tenso que o solo onde o mafioso pisava pareceu fundir. Giuseppe Lamezia, o padre de 84 anos, berrou de dor quando seus joelhos esmigalharam ao cair forte sobre eles no chão frio de mármore. Imediatamente, um grito cortante de mulher surgiu em meio à multidão: — *Il vino! Il vino del padre è avvelenato!*

Um alvoroço tomou conta do lugar. O Leão viu dedos de todos os lugares apontarem em sua direção. Divisou muitas mulheres entrando em estado de choque, chorando e gritando. Santo olhou de súbito para o altar. Perturbado, pôde ver o que todos viam. Os olhos do sacerdote tinham saltado das órbitas. O rosto começara a ficar roxo, as veias estavam salientes e pulsantes, como se estivessem prestes a explodirem. Ao sentir o corpo cair, o padre tentara segurar-se na toalha do altar e tudo voou pelos ares. Contorcendo-se de agonia no chão, cercado de hóstias consagradas espalhadas em sua volta, sentiu a língua expandir e começou a degustar o sabor amaro da bílis vazando-lhe em abundância boca afora. Sentiu o veneno intoxicar cada célula de seu franzino corpo. Lentamente, Giuseppe foi parando de se debater. Os espasmos começaram a cessar. Derreado, o pároco suspirou — *il corpo di... Cristo... guidami... alla vita eterna!* — Entregue ao inevitável porvir, sentiu o hálito da morte soprar-lhe a face e soube que aquele era seu segundo derradeiro. No próximo, estaria morto.

Santo, que debilmente já atravessara metade do corredor, andava de costas, incapaz de desviar o olhar do altar-mor. Uma lágrima solitária escorria em sua face, incrédula e abismada. *Dio! Solarino ha ucciso il vecchio!* Estava desolado. Um

efeito de manada tomou conta do templo. Fiéis começaram a correr em direção à porta, esbarrando em seu corpo. O sacerdote, agora sem vida, começara a ficar distante. Santo o olhou, uma última vez. Outra lágrima caíra. Consternado, sussurrou:

— Perdão padre! Adeus, Giuseppe...

Em um repentino impulso de fugir, girou o corpo num único movimento.

Imediatamente, sentiu um calor lancinante cortar-lhe o abdômen. O golpe da faca o paralisara e ele ficara inerte, com os olhos abertos de terror, mirando o horizonte de lugar nenhum. Não havia mais nada a fazer. Só lhe restara entregar-se ao destino. O oponente abraçou-lhe firme enquanto enfiava com força a adaga mais fundo, girando-a várias vezes. O Leão rugiu alto, deixando a testa cair nos ombros do homem, quase como se a escora que encontrara não lhe fosse hostil até a medula.

— Salvatore manda lembranças, traidor maldito!

Beijou-lhe o rosto com ferocidade, e, retirando-lhe a lâmina da barriga, saiu com passos resolutos. Santo viu o assassino misturar-se a multidão e desaparecer pela porta. Dando uma meia volta enfermiça, pôs a mão em seu esterno e tentou em vão conter o sangue que começava a sair com profusão. Algumas poucas pessoas que lamentavam a tragédia, ajoelhadas em volta de Giuseppe, viram que Santo, trôpego, caminhava diretamente em direção à elas, tentando encontrar uma maneira de implorar-lhes por ajuda, mas a voz estava sufocada de sumo, sem qualquer laivo de ar.

— Socorro! Estou morrendo!

Bordejando à entrada do altar, o mafioso desabou, batendo a cabeça no ferro banhado a ouro de um dos quatro pés de leão, que assentavam o sarcófago contendo a relíquia do úmero de Santa Luzia. O impacto fora tão forte, que a frágil urna de cristal acabou se desprendendo da guarnição de prata e a relíquia caiu no chão, unindo-se aos incontáveis cacos, afiados e cristalinos. Ambos recepcionariam o sangue do mafioso, que inevitavelmente, tingiria de vermelho o forro damasco do relicário que jazia no piso.

Sem sucesso, Santo Salafia tentou respirar, mas não havia mais ar. O pulmão havia se tornado um balão furado e vazio, que começara a encher com a seiva do corpo, entrando pelo buraco causado pela ferida da faca. Estava acabado. Suas forças esgotaram. Seu cérebro pareceu encolher e ele deixou o corpo cair de vez. Sentiu o labirinto ceder à vertigem, ao ver o domo alabastrino da catedral girando lentamente sobre sua cabeça. Então, o último resquício de respiração que lhe restara ficou pesado, tóxico. A visão, agora turva e confusa, dava-lhe a sensação de que aqueles fiéis que antes estavam com Giuseppe, flutuavam sobre ele, pairando entre a fumaça que restara do incenso. Ouvira algumas poucas vozes distantes, repetindo e se multiplicando pelo templo:

— *“Il Leone é morto! Santo é morto!”*

Lentamente, a dor começou a desaparecer. O frio deu lugar à uma sensação de paz. Ouviu o coração parar. Seu semblante suavizou, o olhar ficou leve e tudo à volta lhe pareceu alheio. Os gritos, as pessoas pressionando sua ferida, outras massageando seu peito, tentando fazê-lo voltar à vida.

CAPITULO CINQUE

Pensou que deveria estar chorando, gritando. Não sentiu dor, medo. Não sentiu desespero. Na realidade, nunca em sua vida sentira-se tão vivo. Santo Salafia pôde sentir seu espírito saindo de seu corpo. E então seu corpo foi lançado ao céu. Foi imediatamente recebido por um grupo de pessoas. Emanavam um brilho que ele não conseguia explicar. Não reconheceu nenhuma delas, mas sabia que, de alguma maneira, elas tinham sido importantes na história da sua vida. Como um avô que morrera antes dele nascer. Ou sua irmã gêmea, falecida poucos dias depois de completarem 2 meses de vida. Estavam radiantes em recebê-lo e Santo se sentiu acolhido. Sentiu-se amado e aquilo lhe trazia uma sensação de aconchego inexplicável. Teve uma sensação física de ser abraçado, reconfortado. E sentia que estava tudo bem. Realmente bem.

Então começaram a levá-lo por um caminho. O caminho estava coberto de centenas de milhares de flores e ele pôde distinguir o aroma de cada uma delas. Tudo em sua volta era indizivelmente belo, único. Logo acima, uma explosão de todas as cores do universo adornava o zimbório e ele soube que cada estrela ali havia sido feita para ele. Houve então uma distorção de tempo e dimensão. Vivenciou toda a eternidade em cada segundo. E cada segundo se expandia para toda a eternidade. O caminho o levou a uma enorme estrutura abobadada. E ele acreditou que estava no Céu. No mundo de Deus. Teve a reconfortante sensação de estar em casa. Ao mesmo tempo em que contemplava o que lhe parecia o paraíso, podia ver as cinco pessoas em volta do seu corpo, deitado do chão da igreja. Ouvir o que diziam. Sentir o que sentiam. Tinham desistido de reanimá-lo e conversavam sobre o que iriam fazer com seu corpo. Estava fisicamente morto e ele sabia que não importava mais. Nada mais importava. Ele não queria voltar. A cada passo que dava, aproximava-se de uma música. *Sim, há uma música ali!* Eram sons e instrumentos que ele nunca havia ouvido. A canção o atraía e ele a seguia, seduzido. Maravilhado. Percebeu que chegara a um majestoso e gigantesco portal. Aquele era o lugar mais feliz em que já estivera. A emoção mais exultante que jamais tivera.

Um anjo de luz desceu até ele.

A luz que emanava do anjo era tão intensa, que Santo ficou repentinamente cego. Quando recuperou a visão, viu enormes olhos negros de fúria fitando os dele. A música cessou. Todos os seres que estavam ali, inclusive aqueles que o receberam, perderam a face e todas as flores imediatamente apodreceram. Tudo ficou sem cor.

O portal havia sumido. Não havia nada além de um vazio infindável. Não havia mais nada. Uma voz de trovão soprou seu rosto:

— Você não pertence à este lugar!

Santo Salafia teve a brusca sensação de ter sido puxado para baixo. Sentiu que estava caindo em um abismo terrivelmente hostil. O pânico que tomara conta do homem era avassalador. Uma força esmagadora o agarrara pela cintura e agora, em uma velocidade insuportável, tudo se tornara desespero. Toda esperança pareceu extinguir, fazendo com que a menor fagulha de felicidade se tornasse uma obsessão doentia. Tudo era carne, tudo se resumia a ser carne. Então cada molécula de água do seu corpo secou e sua pele ficou escura e ressequida, no mesmo instante em que uma dor excruciante atingira seu âmago. Era como se seus órgãos estivessem entrado em ebulição, prestes a derreterem. A ferocidade do calor externo fazia com que sua pele ardesse e ele sufocasse em um ambiente abafado, completamente ausente de ar. Santo sentiu o coração expandir. E expandindo, quebrou vários ossos de sua caixa torácica, perfurando-lhe o pulmão. Mais uma vez. Entretanto, sua pele havia se tornado um couro tão espesso, que não poderia ser rompido por osso algum.

Seu rosto tornara-se uma expressão óssea, perpétua de aflição e a única coisa que conseguia fazer era berrar em desespero, alterando sua voz em um gutural doente e permanente. Viu pêlos negros crescerem em seu braços, mãos, pernas e pés, ao mesmo tempo que sua coluna cervical e seus membros encurvavam. Percebera no que estava se transformando: uma criatura diabólica, tal como as milhares outras ao seu redor e além. Milhões. Desgraçadas como ele, cumprindo uma sentença infernal em queda livre. Queria parar de cair e quanto mais queria, mais aquele lugar pedregoso e espinhoso de cor ocre parecia estreitar. Sentiu a claustrofobia chegar ao limite. Desejava água. Uma mísera gota de água.

Então ele soubera que tudo aquilo acontecera em uma fração de um milésimo de segundo. Sentia que quando o átimo inarrável de completo terror que lhe pungia estivesse consumado, todo aquele sofrimento se estenderia por toda a eternidade, num perpétuo ato de repetição e finalmente compreendeu que aquilo significava a morte eterna. Se imaginou morrendo de formas diferentes a cada segundo por toda a eternidade.

Muito longe, no topo daquele abismo, brilhava um ponto distante. Era a última visão que Santo teve antes de entregar o espírito. Estava lá com o único propósito de lembrá-lo para sempre que, se até o derradeiro suspiro humano tivesse se arrependido de suas transgressões, ele não estaria ali queimando no inferno para todo o sempre. Lá estava o domo de Siracusa. A estátua de Santa Luzia com a espada enfiada no pescoço a olhá-lo com piedade. A mártir que não sucumbiu ao fogo.

Misturado ao grito incessante, que começara a se transformar em uma blasfema oração na língua dos anjos caídos, Santo conseguira arrancar da garganta cinco palavras ressecadas e ocas. Sem qualquer sobejo de ar. Soando de maneira sórdida, hedionda. Repletas de pura agonia:

— *Santa... Lucia... prega... per... me!*

Repentinamente, todo movimento desacelerou de uma só vez. O tempo parara. A queda cessara. Tudo tornou-se gélido e o inferno congelou. O érebro inteiro emudeceu, com excessão do ruído das estalactites e das estalagmites que começavam a brotar como praga nos celerados e nas rochas congeladas, ecoando sinistramente nas trevas, que agora, mais pareciam uma caverna colossal. O gelo seguiu expandindo até que todos as coisas e seres se encontrassem e se fundissem, transformando-se em um gigantesco espinheiro. Não havia cor, tudo havia se tornado predominantemente cinza e a pouca luminosidade que o único feixe de luz trazia, fizera a imensidão de uma treva inteira convertida em gelo parecer um enorme borrão. Literalmente um inferno polar.

O homem agora estava paralisado. Pairava no centro da luz, rijo como aço. Tudo nele estava em estado de suspensão. Tornara-se um trasgo de gelo com olhos de pânico, assustadoramente esgazeados. Carne e alma estavam ambos liquidados, destinados ao limbo de lugar nenhum. Completamente sem vida. Uma morte dentro da morte. Um estalo surgiu, como se o gelo em sua pele estivesse partindo. Como se ele quisesse sair do casulo. Depois outro. Depois outro, até que uma sucessão de estalos acontecesse, trincando-lhe todo invólucro que o selara. Então, sentiu seu corpo subir, muito lentamente em direção à luz. A luz que vinha daquela última lembrança. A última visão da sua vida terrena. Vinha de Santa Luzia. A luz revelou o abismo com amplitude e o homem viu toda a mansão dos mortos virar-se para ele vagarosamente, provocando uma enorme sinfonia de estalares congelados. Faziam um esforço sobrenatural pra libertarem-se do gelo. Queriam ataca-lo. Devora-lo. Mas o ódio turbido e selvagem que emanava deles sob o gelo não o atingia.

Uma fagulha de consciência humana penetrara na alma de Santo e ele compreendera. Estava sendo retirado do inferno, rumo ao seu corpo estirado no chão da catedral. Retornaria à vida. Por um brevíssimo instante, Santo sentira um espasmo, como se seu corpo físico, prestes a ressuscitar, recebesse uma descarga elétrica. Então um forte cheiro de enxofre o atingiu em cheio. Todo peso do universo pareceu desabar em direção à ele. Sentiu uma pressão esmagadora, como se tudo que estava acima de seu corpo dobrasse em sua direção, fundindo à dimensão e comprimisse seu corpo congelado com uma força inesgotável. Um ruído ensurdecedor estava se aproximando e tudo começou a tremer. Naquele instante, um grande terremoto aconteceu. Tudo que havia abaixo dele ruiu rumo ao abismo. Espinhos de gelo de todos os lugares que haviam resistido ao tremor se

desfizeram, desabando rumo ao nada. As últimas paredes começaram a se fender, formando perigosas colunas de icebergs ao separarem-se umas das outras. Agora, todos os seres estavam libertos do gelo. Ainda que continuassem imóveis, revoando no vácuo, preservavam na face ominosa uma expressão malfazeja. No entanto, a partir daquele momento, o pravo cedeu o lugar ao pânico. A mansão começara a se transformar em um temor profundo e desesperado, como se algo terrível estivesse prestes a chegar. Uma grande nuvem negra e tóxica agora estava aterrissando rapidamente sobre Santo. Horrorizado, ouviu uma voz terrível surgir do âmago da fumaça:

— Não! Ele é meu!

Então viu aqueles imensos olhos negros. Era Lúcifer. Tudo em sua volta começou a apodrecer. Vermes famintos começaram a surgir nos condenados. Santo Salafia sentiu seu corpo inteiro se transformando em um grande e doloroso tumor. E o tumor, maligno e mortal, começou a devora-lo. O diabo permitiu que ele sentisse sua presença fétida. Finalmente, começou a esmagar tudo que havia dentro dele.

— Você é meu!

Subitamente, uma enorme luz apareceu. Uma mulher vestida com o sol revelou-se, poderosa e delicada. Tinha a lua debaixo dos pés. E sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas brilhava com incandescência. As estrelas iluminaram todo o inferno, de modo que todo ser maligno que ali habitava presenciou o que veio a seguir. A mulher pisou na cabeça de Lúcifer, humilhando-o perante todos. E o demônio se submeteu à ela.

Então, voltando-se para Santo, estendeu-lhe a delicada mão. Tinha um sorriso puro no rosto. Com amor, a mulher disse-lhe com propriedade:

— Venha, meu filho amado!

Houve um enorme estrondo. Raios de grande magnitude ameaçaram cair em todas as direções. O homem começara a subir muito rápido e tudo voltou a acelerar freneticamente. As criaturas e as pedras ficaram para trás; e todo o abismo tornou-se riscos de luz. A dimensão estava chacoalhando com fúria, como se quisesse regurgita-lo para fora. A luz branca e cegante que vinha de cima começara a se aproximar rapidamente. Irrefreável. Inevitável. Santo iria entrar naquela luz quando uma enorme mão o agarrou por trás com força:

— Sim... você vai voltar. Você vai voltar apenas para fazer sua filha morrer! Sim, você matará sua filha e não há nada que possa fazer para impedir. Então você voltará para mim! Para mim...

Soprando-lhe o rosto, como se lançasse a ele uma maldição repugnante, Lúcifer o soltou. Santo libertou-se do grito, profundo e cortante, ressoando em cada tijolo da velha catedral:

— ELISA!

CAPITOLO SETTE

Giacomo pensou ter visto um fantasma.

O homem estava pálido. Frio. Havia morrido há pelo menos 7 minutos e agora voltara dos mortos gritando feito um louco. Ele mesmo havia checado seu pulso. Sentia-se exausto. Mal conseguira tomar algum fôlego, tudo aquilo acontecera rápido demais. Intenso demais. *Non! Non è possibile!* Divagavam sobre quem teria a coragem de se responsabilizar pelo corpo de um homem como Santo Salafia. A morte na Itália era coisa séria. A vingança mais ainda. Quem em sã consciência desejaria ser associado a um assassino que encerrara tantas vidas? Não se tratava apenas de um sinônimo de má sorte. Se tratava de tornar-se visível aos olhos da máfia. Ele estava ali, banhado do sangue do criminoso que tentara ressuscitar, sem entender porque não saía do templo junto à messe.

Ma com'è possibile che l'uomo sia vivo?

Seu filho, o acólito que servira na missa daquela noite, suplicava-lhe sem parar que tirasse aquele demônio da igreja. Amava o padre Giuseppe. O religioso estivera presente em sua vida desde que nascera. Mateo Albanese queria ser padre. E agora, o sacerdote que o apresentara a fé, jazia abandonado no piso frio, assassinado pelo maldito igualmente morto no chão. Estava revoltado, furioso. *Este desgraçado envenenou Giuseppe e querem salvá-lo?* Agora o garoto estava gritando de medo e o pai não sabia o que pensar. Giacomo sempre fora um homem religioso, mas na Sicília, até mesmo o mais religioso dos homens acreditava que a piedade tinha limites. Um ditado siciliano não lhe era apenas caro. Era um mandamento, passado de geração em geração. Lembrara de seu pai, dizendo-lhe aquilo pela primeira vez, quando aos 12, chegara da escola com os dois olhos roxos.

— *Ah, la vendetta! La vendetta resta una pulsione orribile anche quando si gonfia di ragioni...*

Horível sem dúvida. Pensou.

Virou-se à um dos quatro outros fiéis que estava com ele e dirigiu-lhe a fala em um tom decidido e ofegante:

— Rápido, tranque a porta da igreja!

Arquejante, viu o homem partir em disparada à contragosto. *Onde raios está o bispo?* Esquadrinhou toda o templo à procura de ajuda, mas o lugar estava vazio. *Pense Giacomo, pense!* Não sabia porque queria se arriscar ajudando um assassino. Não fazia ideia do porquê estar se envolvendo. Apenas continuou, como se fosse movido por um impulso que não sabia explicar de onde vinha. Ou pior: para onde aquele impulso néscio o levaria. Mas precisava ser rápido.

— Algum dos senhores sabe se é possível chegar no palácio episcopal por dentro da catedral? Precisamos de Dom Tessio urgentemente!

Vito, um dos três que permaneciam no altar, apontara com o dedo o corredor sul. Partira em uma carreira desabalada, antes mesmo de concluir a resposta, sem ter a menor ideia se tinham-na ouvido ou não.

— No final do anexo, há aquela porta que está sempre fechada...

O padeiro mal atravessara o meio do corredor, quando ouviu Santo começar a gritar alto. Desviando o olhar do anexo, não colidiu na antiga coluna de Apolo por pouco. Ver o mafioso prostrado daquela maneira no chão, roubara-lhe a atenção. Parecia um arremedo de homem. Chorava como uma criança.

— Elisa não! Por favor, Elisa não!

Entrementes, Giacomo aproximou-se, agachando até o Leão. Então o mafioso agarrou-lhe o colarinho da camisa, mirando desesperadamente nos olhos. Ao retribuir o olhar, o bom samaritano pôde ver a angústia no fundo da alma de Santo. O torpor que o devastava era genuinamente doloroso.

— *Aiutami signore, ti prego!*

Sentiu a voz sufocada do mafioso cortar-lhe o ar que inspirara. Soprar-lhe o rosto. Um hálito nauseabundo de sangue invadiu as narinas do enfermeiro, fazendo-o retroceder um passo. Recompondo-se, tentou reunir os pensamentos. Mais uma vez.

Ele está delirando...

— Calma senhor, está tudo bem. A porta da catedral está fechada, vamos dar um jeito de tirá-lo daqui, antes que...

— Não está tudo bem! — gritou Santo — Nada está bem! Você precisa acreditar em mim! Confie em mim!

A morte agira assustadoramente rápida no corpo de Santo. Estava enrijecendo. A pele estava pálida, tal como um fantasma, trajado com uma roupa tingida de escarlate. Ainda estava frio como gelo.

— Preciso falar com um padre! Me ajude a falar com um padre!

— Um padre? Já não basta o que você matou?!

— Cale a boca, Mateo! Fique quieto! — repreendera-lhe o pai, sem perceber que a aspereza da voz acuara de vez o filho assustado. Tinha a única preocupação de encontrar uma maneira de dizer ao mafioso que ele não podia ficar ali. A sensação de que o padrinho descobriria o que ele estava fazendo começara a atormenta-lo.

— Preciso de um padre! Preciso de um padre! — gritava Santo, sentido a histeria aguçando-lhe o desespero vertiginosamente.

— Você precisa de uma cirurgia, foi esfaqueado e perdeu muito sangue...

— Eu preciso de Deus! Eu preciso me confessar! Me ajude a confessar!

Giacomo não sabia o que fazer. O amargor do arrependimento de ter se envolvido naquele absurdo começava a fustiga-lo. Pensou estar preso em um quadro de Salvador Dalí. *Não, não é surreal. É caótico, isso sim!* E agora Santo queria que aquele caos tomasse um rumo de proporções bíblicas. *Quem ele pensa que é? Acha que pode matar meio mundo, se arrepender e ir para o paraíso, correr em verdes pastos verdejantes de mãos dadas com aqueles que assassinou?*

— Levem-no à torre do sino! — gritara uma voz ao fundo. Dom Tessio, o jovem bispo caminhava com passadas fluídas e rápidas. — Depressa, vamos escondê-lo no andar de cima, não temos muito tempo...

— Mas senhor...

— Façam o que estou pedindo! Agora!

No instante seguinte, os homens agarraram *Il Leone*, sem saber de que maneira conseguiriam tira-lo do altar e subir a estreita escada em caracol andar acima.

Em um outro ponto da cidade, uma mão pesada batia o ferro na aldrava de uma porta. Ao ver o assassino entrar na propriedade, o padrinho sorriu com satisfação.

— Está feito, senhor.

CAPITOLO OTTO

O sino da catedral badalara oito vezes, quando a praça em frente à primorosa fachada de mármore começara a encher. Olhares angustiados, vindos de todos os cantos, expressavam um único interesse em comum: observar qualquer sinal de atividade na antiga porta fechada. Os segundos pareciam horas, e a cada momento que passava sem que a porta abrisse, o burburinho e a lamúria aumentavam o tom. — “Mataram Giuseppe! O Leão envenenou o padre! Ele está lá dentro!”

Impaciente, um grupo de homens tentou forçar a porta, no intuito de invadir o templo e pegar o mafioso, mas a estrutura nem se moveu. Os comerciantes da Feira de Natal de Ortígia, habituados ao controle da máfia sobre tudo e todos, foram fechando suas barracas, uma a uma, não tardando a arredarem o pé. Sabiam que se quisessem pagar para ver, a visagem poderia sair-lhes cara demais. Apesar dos fiéis permanecerem aglomerados na escadaria da catedral, o temor era mútuo. A boataria idem. O rumor que se espalhara no último minuto dizia que o assassino estaria mantendo reféns consigo. Ninguém os vira sair e o homem em questão nunca fora flor que se cheire. Outros falavam que tinham-no assassinado, mas se estava morto, então por qual motivo as portas do templo estavam trancadas? Havia um misto de comoção e raiva pairando no ar. Aquela era uma impaciência que não combinava com o italiano em um fim de domingo.

Um uivo de sirene se aproximava rápido. No momento seguinte, duas viaturas de tom índigo escuro, adesivadas com a palavra “*Carabinieri*” estampada nas portas e no capô, chegaram abrindo espaço entre a multidão e estacionaram com muita dificuldade aos pés da escadaria. Os oficiais saíram do veículo irrompendo a multidão, forçando a passagem sem qualquer zelo, ordenando seu afastamento imediato. Quando finalmente alcançaram a porta, seus pesados punhos socaram a madeira maciça.

— *Apri la porta, è la polizia!*

Ao ver que nada acontecera, Manfredo Della Meta, o chefe da polícia de Siracusa, desceu do carro com a expressão carrancuda de quem detestara estar perdendo a ceia junto à família naquele domingo. *Grazie mille, mafia maledetta!* Ao chegar à porta, virou-se para a multidão e disse-lhes o mais educadamente que conseguira: — A noite está fria, façam um favor a vocês mesmos: vão para casa!

Como esperado, a multidão nem se mexeu.

Cazzo!

— Giulio, traga-me o pé de cabra!

Impaciente, o delegado bateu forte na porta com a coronha da arma.

— Abra agora ou seremos obrigados a arrombar!

Manfredo já enfiara a ponta curva da ferramenta no fecho de aço, quando um barulho de chave estalou na fechadura, fazendo com que, imediatamente, os agentes sacassem as armas e ele interrompesse o arrombamento.

— *Fermati! Apri lentamente!* — ordenara o delegado — *Siamo tutti armati!*

Com o ferrolho destrancado, a pesada porta da catedral abria apenas o suficiente para o iminente contato visual. Na penumbra, evasivos olhos de tom verde oliva escuro evitavam os de Manfredo, que o analisava impiedosamente pela fresta. O rosto do bispo era magro, bem barbeado. Seu nariz adunco ainda tinha as marcas do repouso dos óculos que, aparentemente, acabara de retirar. Apresentava uma expressão cansada, como quem estava prestes a apagar as luzes para ir deitar-se. *Não, não estão cansados. Mais parecem olhos tristes, refletiu o delegado. Anda, rapaz. Me ajude que eu te ajudo e vou embora rápido!*

— Se houver algo que eu precise saber, pisque os olhos — sibilou.

Antes que viesse abrir a porta, Dom Tessio sentiu o repulsivo cheiro azedo de tabaco e café que exalara da boca do homem invadir-lhe a garganta. Sob o olhar crítico do agente, o bispo pareceu examinar a situação de maneira indecisa. Então, suavizando o semblante, respondeu-lhe em um tom consternado:

— Não há nada além de anjos chorando a tragédia nesta casa de Deus. Algo muito triste aconteceu na celebração desta noite, o senhor já deve estar s...

— *Permetteci di entrare, signor vescovo?* — interrompeu-o num tom de elevada impaciência, mostrando-lhe o distintivo. — *Gendarmeria Italiana. Aprila per favore!*

— Mas é claro! Claro que sim, excelentíssimo delegado. Entrem em silêncio, por fa...

Mas os agentes já estavam empurrando a porta, obrigando Tessio recuar para um dos lados, não lhe dando outra opção que não fosse ceder-lhes forçosamente a passagem. Com as armas em riste, progrediram com fluidez, procurando penetrar nos segredos bizarros da cena. Bancos fora do lugar, bíblias sagradas jogadas no chão, folhetos da missa rasgados, casacos, bolsas. Tudo estava espalhado. Até um carrinho de bebê tinha sido tombado no corredor central. Parecia que um rebanho de ovelhas havia passado por ali, afugentado por um lobo faminto. Então viram um rastro vermelho escuro, espesso, no centro do corredor.

— Sangue! — rosnou Manfredo. — Não toquem em nada, entendido? Quero um serviço limpo hoje! — advertiu aos seus homens com uma voz autoritária e inflexível. Os policiais avançaram corredor adentro. A trilha rubi levava-os direto ao altar-mor da catedral. Ao contornar a mesa do altar, deram de cara com o cadáver contorcido do padre Giuseppe. Estava horrível. Jazia com uma expressão de pânico no rosto purpúreo. A língua transformara-se em uma carne inchada e

exposta, em meio em uma espuma densa. *Povero vecchio!* Pondo-se de pé, olhou em volta. Não havia outro morto. Manfredo franziu o cenho. Não era precisamente o corpo do sacerdote que o chefe de polícia procurava. *Merda!* Saiu trotando em direção ao bispo, que inesperadamente, lhe passou uma reprimenda.

— Não pise no corpo de Cristo, por favor! gritara Dom Tessio Primadonna, puxando o oficial pela gola da farda — *abbi rispetto del sacro, poliziotto!*

Dela Meta deu um sobressalto, pasmo com a audácia do clérigo. Quis devolver-lhe a grosseria, mas controlou a língua. *Non è ora di religione, stronzo!* Engolindo em seco, retomou a compostura, sem deixar de fuzilar o religioso com uma expressão ameaçadora.

— Onde raios está o corpo do assassino?

O delegado fechara a cara de vez e agora lançava um olhar de cólera para o bispo, à menos de meio metro de distância. Mateo, o jovem coroinha, antecipou-se com afobação e respondeu ao oficial, sem que conseguisse desviar os olhos do chão:

— O assassino fugiu, senhor! Eu o vi saindo junto à multidão.

— *Non ti credo, ragazzo. Non stai dicendo la verità!* — o chefe de polícia devolvera a resposta rispidamente, condenando a atitude do rapaz. *Crianças que tomam a palavra sem serem solicitadas deveriam levar uma correção bem dada pelo pai! Se fosse meu filho...*

— Senhor, meu menino está falando a verdade! — antecipou-se Giacomo Albanese, pondo a destra firme no ombro do filho, como se lhe dissesse “já chega!” — eu também vi, senhor! Santo foi ferido e sumiu junto à messe.

— E o que o senhor me diz a respeito daquela poça de sangue ali, junto à estátua de *La Siracusana*? Há um rio de gosma vermelha no mármore e você tem a audácia de dizer que o homem fugiu? — indagou o delegado, apontando o indicador para o andor da imagem de Santa Luzia, a poucos metros dali — aliás, senhor bispo, queira retirar seus convidados, por gentileza. A partir de agora, esta é uma investigação da polícia siciliana! — disse, observando Dom Tessio atentamente. *Vamos ver se finalmente esse idiota entende quem manda!* No entanto, não fora necessário que o religioso os retirasse. Nem perto disso. Os homens saíram aliviados pelo livramento que receberam, rezando para que nenhum dos agentes tivessem notado os muitos vestígios da trama que havia em suas roupas.

— Façam uma varredura na igreja, agora! — ordenou para seus subordinados, virando-se novamente para o sacerdote. Pôs-se a sibilar entre os dentes, somente quando teve a certeza de que estavam a sós.

— É bom o senhor ter uma excelente explicação do porquê Santo ter conseguido sair, senhor bispo!

— Ele não saiu, Manfredo. Nós o colocamos na torre do sino. Está lá agora. Os homens que acabaram de sair foram me chamar nos meus aposentos, dizendo-me que Santo recebera um milagre e estava vivo. Não soube o que fazer, delegado. Então solicitei que me ajudassem a esconde-lo para, obviamente, entregá-lo ao senhor. Não posso ser implicado nisso de maneira alguma, entende o que está em jogo?

— A questão é: o que o senhor pensa que sabe? Vou dizer o que você acha: acredita que pelo fato de ser sobrinho do *consigliere* de Salvatore, sabe merda alguma sobre este “jogo”. Se quer saber sobre meu “jogo”, é o seguinte: a minha cabeça está à prêmio aqui. Sim, faça o seu que eu faço o meu, *capiche*, caro? Vamos ao meu: vou redirecionar a minha equipe para longe do alvo e daremos um fim nisso. O seu: comece me apontando com precisão em qual direção fica a escada que leva ao cativeiro de Santo Salafia!

Manfredo Della Meta era um siciliano de pavio curto. Sua escassez de humor era conhecida por todos. O homem era uma bomba. Parecia estar sempre em constante erupção, prestes a explodir. Odiava o apelido com todas as forças. E exatamente por odiá-lo, o maldito apelido o impregnara de tal maneira, que bastava virar as costas e todos o chamariam daquela alcunha ridícula: *Della Etna. Eles que vão todos para o inferno! O diabo que os carregue, quem aqueles cretinos pensam que são para difamar o sobrenome de meu pai?* O “Vulcão” não retiraria uma fagulha do temperamento explosivo, por quem quer que seja. *Não mesmo! Não cheguei até aqui sendo porcelana de madame!* Alcançara cedo o topo do corpo da *Carabinieri della Gendarmeria*, a polícia de Siracusa, ao salvar a vida do prefeito de uma saraivada de tiros em direção à comitiva que estava no dia da posse. Desde então, servira ao político, que viria a nomeá-lo chefe da polícia dois anos depois. Aos 59 anos, ele mal lembrava o agente que fora há quase duas décadas, quando seu único interesse era defender os conterrâneos dos criminosos que, em todos os lugares da Sicília, começavam a se organizar. Tinha duas opções: ou entregava suas entranhas às famílias insurgentes que eclodiam aqui e ali, ou em breve estaria sendo devorado por vermes à sete palmos da terra. Sem muita cerimônia, tornara-se cúmplice dos crimes da máfia e sua cumplicidade fizera dele um oficial amargurado, de dentes amarelados e olheiras fundas e escuras. Sem um fio de cabelo sequer para cair em sua *zuppa*. Naquela noite, sua polenta tinha ido para o lixo e ele não retornaria ao seu “castelo” enquanto o coração de Santo não estivesse apodrecendo na palma de sua mão.

— Senhor, encontramos muitas pegadas de sangue no corredor, beirando as colunas do Templo de Atena. A trilha termina em uma porta no fundo da igreja, temos sua autorização para adentrá-la?

— Não, não tem! Preciso que pegue a equipe e disperse a multidão. Quero a *piazza* vazia em menos de uma hora!

— Mas senhor, ele está aqui! Não há evidência alguma de que tenha saído por esta porta, muito menos pela porta da frente, precisamos...

— Faça o que eu estou mandando, quero todos para fora agora! Esta é uma ordem categórica!

Droga, que diabos o Della Etna está querendo com isso? Cesare sabia que fora enxotado sem consideração alguma. Saiu de cara fechada, trotando a passos largos.

— *Andiamo tutti fuori dalla cattedrale. Subito!*

Sem entender nada, a equipe se retirou, decepcionada com o inspetor, que parecia estar descontando toda a frustração neles. Cesare sentiu-se possesso. *Se “il Vulcano” imagina que vai ficar com todo mérito pegando o merda do Salafia sozinho, está redondamente enganado!* bufou o agente.

Agora, desviando o olhar do vazio interior da catedral, Manfredo sentiu o tempo esgotar e entendeu que precisava agir.

— Senhor bispo, leve-me à torre do sino imediatamente!

CAPITULO NOVE

Muito antes de ser um santuário católico, a catedral fora um templo dedicado à deusa grega Atena, construído sob ordem de Gelano I, o tirano de Siracusa, para comemorar a vitória contra os cartagineses na Batalha de Hímera no ano 480 a.C. No século VI, o templo foi transformado em igreja cristã e a catedral passou a ser dedicada à Natividade de Nossa Senhora. Nem sempre a imponente fachada ostentou o atual estilo barroco. A grande frente normanda foi destruída no terremoto de 1693 que arrasou com grande parte do leste da Sicília. O interior, sóbrio e discreto, foi mantido, condizendo mais com a austeridade típica da época bizantina, do que com o elegante exterior renascentista. Naquela noite, a atmosfera sombria fundia-se à inumanidade dos homens. Nenhum detalhe de fachada alguma poderia evitar a inclemência humana, quando a espécie já condenou a comisseração à morte. O sangue precisaria ser derramado novamente naquela casa sagrada e nenhum dos dois senhores estavam interessados em testar a misericórdia dos Solarinos.

Sentindo a tensão à flor da pele, Tessio tirara os sapatos com solas de madeira e, agora descalço, conduzia silenciosamente o chefe de polícia para além dos antigos arcos medievais da catedral, chegando à porta de ferro rústica que dava acesso a estreita escadaria, levando-os diretamente à sala do sino.

— Você sobe junto, bispo! Estou logo atrás do senhor.

O clérigo preferiu abstrair-se da animosidade do agente. Subiu incomodado, sob a mira de uma arma que, mesmo que não estivesse reservada à ele, poderia escolhê-lo por puro capricho da sorte. *O diabo tenta, é o que dizem...* Com o dedo no gatilho, Manfredo mantinha os olhos negros em fixos logo acima de seu ombro.

Inspirou fundo antes de pisar no último degrau. *Vamos acabar logo com isso!*

Ao entrarem na congelante sala do sino, viu o delegado tomar-lhe a frente, parecendo estar degustando com satisfação o aroma da morte que impregnara todo o lugar. Quis que o mafioso jamais tivesse entrado em sua paróquia. Se Giuseppe não o tivesse amparado, nada daquilo estaria acontecendo, e ele estaria deitado em sua cama, flertando com o sono. Mas aquela era a hora de separar os homens dos meninos. E Tessio estava longe de ser um garoto.

— Por aqui! — sussurrou o sacerdote, a voz trêmula soando quase inaudível. Indicava uma porta estreita que ficava dentro da casa das máquinas, apenas 3 metros de onde estavam. — Ali! Ele está dentro daquele anexo...

Os dois homens progrediam agora muito lentamente nas pontas dos pés. Dom Tessio, que já vinha sofrendo com o coração descompassado, sentiu que iria

regurgita-lo ali mesmo, quando inesperadamente o sino bateu forte ao seu lado, sinalizando 20:30 da noite. *Ótimo! Vou morrer de infarto aos 27 anos!* Estavam agora à um passo da porta do anexo. Já tinham adentrado a casa de máquinas, quando uma revoada de pombos invadiu o ambiente, brigando entre si por um espaço na janela aberta que dava para a praça. No entanto, nem mesmo o estardalhaço causado pelo farfalhar das asas fora capaz de roubar a concentração do chefe de polícia, ao contrário do bispo, que mais uma vez, se assustara excessivamente. *Vá com calma, Tessio! O seu jogo já está ganho.* Recompondo-se, respirou fundo. Depois, prendeu a respiração. Era chegada a hora.

Il momento della verità...

Manfredo pôs a mão na maçaneta tomada pela ferrugem e abriu a porta de ferro em um só golpe. Um ar quente e viciado soprara do cômodo, exalando um forte cheiro de óleo, graxa e sangue.

— *Ma che diavolo! Dove si trova? Dov'è Santo?*

— Mas... ele estava aí! Nós o deixamos aí dentro, não tinha como sair! Deve ter fugido pela janela da catedral!

— Porque raios você não o trancou, seu idiota?!

— Ora, vocês estavam quase derrubando a porta da igreja! Mal conseguimos nos reorganizar, fiz o melhor que pude...

Mas o delegado não estava mais ouvindo. Furioso, correria para a janela, afugentando os pombos. *Não! Santo não fugiria pelo parapeito neste vento... muito menos seria burro de andar pelo telhado! Maldito seja!* Olhou para a praça *Duomo*, quase vazia. Viu seus agentes dispersando os últimos fiéis, que insistiam na teimosia de tentar entrar na igreja, conduzindo-os como ovelhas para fora do perímetro. Estreitou os olhos à procura do alvo, mas desistiu, entendendo que seria impossível encontrá-lo no meio de uma distante multidão em movimento. —

Merda! — praguejou gritando a plenos pulmões. Em um intempestivo acesso de raiva, Manfredo deu vazão ao ódio batendo forte com o dorso da arma no casco de ferro do sino. A arma acidentalmente disparou, produzindo um estrondo dissonante que reverberou em toda a sala. Atordoadado, o chefe de polícia paralisou por um momento. Depois, vendo que não estava ferido, retomou a consciência, e viu que a bala atravessara-lhe a copa do chapéu. Tirando o acessório da cabeça, inseriu o dedo no buraco quente da bala. Com um sorriso esnobe entre os dentes, observou o indicador saindo pelo outro lado do chapéu, piscando os olhos lúgubres para o amedrontado bispo.

— Vê, padre? Deus está comigo!

No segundo seguinte, já estava descendo a escada. Correria até a saída da catedral e, quase atravessando a praça por completo, alcançou um grupo de pessoas apavoradas com o barulho do disparo vindo da igreja. Uma à uma, virou-as

bruscamente na base do desespero, nutrindo a esperança de que uma delas fosse o Leão. Viu os agentes partindo de todas as direções correndo ao seu encontro, abandonando a multidão que já se dissipara quase por completo. Ao ver que os subordinados se aproximavam rápido, imediatamente parou de investigar a messe, tentando disfarçar a má investida que dera na catedral.

— O que foi isso, senhor? De onde veio este tiro?

— O maldito disparou em direção à mim, quase acertou a minha cabeça. E vocês deixaram que ele escapasse pela *piazza*! Quero todos espalhados agora! Cacem-no! O homem está armado, atirem para matar!

Vendo sua equipe desaparecer na névoa densa, Manfredo correu para a rua lateral à *Piazza Minerva*. Constatando que estava realmente sozinho, tirou o gancho do telefone público e começou a discar, sabendo exatamente o que significava desapontar Salvatore Solarino.

A sensação de coceira desencadeada pelo excesso de mofo apossara-se das vias aéreas, fazendo com que Santo concentrasse todas suas faculdades mentais no silêncio extremo que precisava ser feito. A menor tosse fatalmente revelaria seu paradeiro, exigindo que o mafioso tomasse o mínimo de ar possível. O tiro que viera da arma de Manfredo, acabara de ricochetear na estrutura de aço que o protegia e um surto de adrenalina fez com que um pânico visceral se apoderasse dele. Sentiu-se preso na terra que o tempo esqueceu. A profunda ferida da faca causava-lhe uma dor insuportável e o Leão pensou que, a qualquer momento, soltaria um brado que entregaria seu cativo. *Vá embora, delegado! Por favor! Saia agora!*

Repentinamente, uma voz de barítono sussurrou terrivelmente próxima:

— Não se mexa!

Santo congelou. O longo minuto sem resposta naquela treva não lhe trouxera luz de compreensão alguma. Não soube o que estava acontecendo, até que Dom Tessio quebrasse o silêncio em um cicio quase imperceptível.

— Manfredo Della Meta acabou de sair da catedral. Vamos! Não temos muito tempo.

Aliviando os pulmões desesperados pela liberdade, o homem tossiu muitas vezes, abafando o som com a manga da camisa, sentindo o reflexo da dor no peito alastrar-se pelo braço esquerdo. Tinha a respiração sufocada, muito doente. Mal conseguiu balbuciar:

— Porque está me ajudando, senhor?

Mas o bispo agora o puxava pelos braços, a fim de libertá-lo das antigas engrenagens no cubículo escuro que o colocara, situado logo atrás do maquinário do relógio. Santo quis gritar de dor. Sentindo o sangue voltar a irrigar-lhe as veias de pernas, adormecidas pela ausência de movimento que a posição ingrata em que fora posto lhe impusera, o Leão entendeu que violaria o silêncio a qualquer momento.

— Preciso confessar, padre. Preciso...

— Agora não! Não fale!

Santo absorveu o terror que havia no olhar do sacerdote, quando este tapou-lhe a boca rispidamente com as mãos. Pôde compreender o desespero sussurrante que saía dos lábios de Tessio, quase suplicando para que o mafioso não lhe dirigisse um ruído sequer.

— Nenhum barulho! Eu não sei se estamos sozinhos. Manfredo pode ter colocado algum subalterno na entrada, antes de sair. Se algum policial estiver guardando a porta, irá nos ouvir e então estaremos acabados. Descerei na frente, você virá logo atrás. Se estivermos sós, então seguiremos rápido pelo corredor, direto para a capela norte. Tenho um lugar seguro para você lá.

Hiperventilando, o bispo prosseguiu com cautela rumo à saída da catedral. Vendo que o templo estava realmente vazio, deu um sinal para que Santo descesse as escadas.

— Venha, agora! Vamos juntos. Juntos, entendeu?

Santo não sabia como conseguiria descer aquela escada. A dor punha-o de tal forma, que a todo momento, travava uma luta contra o corpo, exigindo que ele apagasse imediatamente. Um minuto depois, estava no andar inferior sem fazer ideia de como descera. Mas lá estava ele, lutando com as últimas forças que lhe restavam para continuar em pé. Ao atravessarem a porta que desembocava no corredor, o mafioso compreendera que o céu lhe enviara um anjo da guarda. *Um anjo de mãos trêmulas...* pensou. Sentiu o remorso invadir-lhe ao passar pelo confessionário, onde apenas algumas horas atrás, sentenciara Giuseppe à morte. *Eu deveria saber que a família viria atrás dele. Como fui tolo! Porque não escolhi outro lugar para morrer?* Segundos depois, já alcançavam a lateral do altar-mor. Seus olhos encontraram o miserável ancião sem vida, à distância, abandonado no piso frio. Sentiu um nó apertar-lhe a garganta.

Prega per me, signore... io non sono degno di pietà!

— Agora eu preciso que preste muita atenção — disse Dom Tessio, tentando em vão, domar a angústia que o regia violentamente — escute: a qualquer momento, a polícia vai voltar, entrando por aquela porta. O Manfredo vai vir com tudo, mas não vai estar sozinho. Temos a cena de um crime terrível em nosso templo e logo, um pandemônio de jornalistas vai chegar, invadindo a catedral. Uma morte como esta não vai passar despercebida por aqueles abutres. Será uma noite muito longa...

— Porque está me ajudando? — Santo interrompeu-o laconicamente, incapaz de parar de se perguntar por qual motivo o bispo arriscaria o precioso pescoço, fazendo o que estava fazendo. *Não faz nenhum sentido! Ele pertence à máfia!*

— Estamos quase chegando, rápido!

— Porque, padre? Porque não me entregou?

— Deus age de maneiras misteriosas, meu filho...

Estavam agora atravessando a passagem lateral, que os conduziria até a abside da catedral. Debilitado, o mafioso conseguiu ler a distinta placa de mármore baio no arco da entrada. Esculpido em uma tipologia medieval, o texto dizia: *CAPPELLA DEL SANTISSIMO CROCIFISSO*. Deu uma rápida olhada no lugar. Algumas velas que ainda queimavam, revelavam apenas uma pequena parte do interior barroco.

No entanto, mesmo sob a chama mortíça que debilmente dançavam nos pavios, Santo pôde constatar que o local estava deserto.

Vazio!

— Mas não há nada aqui, padre! Nada! Como irei me esconder em um lugar tão aberto?

— Na verdade, há. Vê o altar onde o ostensório costuma ficar? Embaixo do tapete há uma escotilha secundária que leva à cripta da catedral. É onde enterramos nossos clérigos. Dentro desta cripta, há um esconderijo. Você vai passar a noite lá. Vai estar frio. Desculpe, não há cobertores, nem nada para comer ou beber, portanto recomendo que repouse o máximo que puder. Não dá para ouvir nada do exterior, mas há minúsculas fendas na pedra, onde a menor luz vaza, portanto, evite acender as lamparinas. E o mais importante: em hipótese alguma, saia antes que eu venha te buscar. Partirá bem cedo. E tente não morrer ou a cripta será sua sepultura.

Que ótimo! pensou o mafioso, enquanto desciam as escadas rústicas solo abaixo. *“Aqui jaz o temido ceifador de almas, Santo Salafia, cujos restos mortais descansam perpetuamente neste mausoléu”.* Um nobre epitáfio para um bárbaro plebeu!

Ao entrarem na cripta, o bispo indicou-lhe onde se situava a entrada do esconderijo. Santo estremeceu. *O bispo está louco ou isso é uma piada?* Sentiu os pêlos do corpo arrepiarem de uma só vez.

— Meu esconderijo é dentro de um sarcófago?

Tessio não fazia questão alguma de demonstrar ao mafioso o menor indício de paciência. Respondeu-lhe com pressa. Estava ansioso para se livrar do homem.

— Acontece que, dentro deste sarcófago, há um bunker de guerra. É aqui que você vai ficar. Não se preocupe, é seguro.

Dois minutos depois, já dentro do esconderijo subterrâneo, o Leão vira a tampa falsa do enorme sepulcro sendo empurrada com pressa pelo sobrinho do *consigliere*.

— Obrigado bispo!

Mas Dom Tessio já tinha terminado de selar o invólucro. Quando o resto de luz exterior mingou pela fresta, Santo sentiu-se enclausurado na escuridão. Esperou ter certeza de que a cripta fora completamente fechada para finalmente liberar os pulmões. Tossiu demasiado alto, presumindo estar fundo o bastante para alguém conseguir ouvi-lo. Sentiu uma dor aguda emanar de seu âmago e sabia porque.

Meu pulmão!

Tateou as paredes e logo tocou em um álgido objeto de vidro e ferro, pendurado em um gancho, o que supôs ser uma lamparina a gás. Girando o comutador, uma luz difusa revelou todo interior do pequeno e úmido cômodo. Tudo era absolutamente

espartano. Musgos começavam a crescer no piso frio e um mofo preto predominava as paredes antes brancas. Havia quatro catres de madeira de lei, uma mesa pequena de estudo e uma cadeira. Em cima da mesa, uma Bíblia e um rosário ocupavam o espaço onde antes, um rádio velho costumava estar. Na parede, em uma pequena placa de ferro enferrujado, lia-se: *BUNKER ATTIVATO IN VIRTÙ DELLA GUERRA FREDDA - 1957*

Meu castelo por uma garrafa de água! Pensou, desejando mais do que tudo matar a sede que o castigava. Não conseguia entender. Se aquele era um bunker ativo, onde estavam os suprimentos? *Ativo uma ova!* Lamentou o mafioso. Levou a lamparina para o fundo do recinto e percebeu que, após o último catre, um estreito apêndice guardava uma pia junto à um vaso sanitário. Esperançoso, correu abrir a torneira, mas o som de cano vazio ecoou por todo o cômodo oco.

Va bene! Fico com meu castelo...

Ali mesmo, despiu-se do casaco e levantou a camisa rígida pelo sangue seco e endurecido, no intuito de analisar o estrago que a facada lhe causara. O linho havia grudado em sua ferida e Santo constatou que seria necessário arrancá-lo em um único puxão. Mesmo mordendo a manga do casaco, o homem bramiu alto. Sentira uma dor pujante, como se o tivessem esfaqueado mais uma vez. A ferida ardeu como lava. Ao ver o lugar onde a lâmina penetrou, não teve dúvidas que precisaria de outro milagre para continuar vivo. A longa adaga entrara por baixo das costelas, cortando-lhe tudo que havia no caminho até encontrar seu pulmão esquerdo.

Non sono un maledetto!

Virando-se ao catre mais próximo, rasgou o pano empoeirado do colchão fino e pôs-se a enfaixar o abdômen, temendo que o sangue que voltara a verter, grudasse naquela trama velha. Sentindo a adrenalina estabilizar, deu-se conta de que o frio que fazia no interior do bunker era opressivo. Olhando por todo esconderijo, encontrou sem dificuldades três pequenas entradas de ar, soprando para dentro do covil, o vento forte que vinha de fora. Pegou a espuma do colchão do catre vizinho, já sem o tecido comido pela traça e a partiu em pedaços para tampá-las. O que restou do colchão, usou para se aquecer, deitando-se agora no catre próximo à escada vertical que dava para o sarcófago. Teve medo de dormir e não mais acordar. Atordoadado pelo desgaste e pela dor, deixou que o cansaço o vencesse. Deixando a cabeça afundar no travesseiro, olhou para cima. Havia um pequeno crucifixo, muito velho, colado no estrado do beliche logo acima de seus olhos. Jesus, pregado no madeiro, olhava-o com piedade. Ouviu a voz calma e compreensiva que vinha da cruz:

Não confias em mim, filho? Não me vês pregado por ti? Eu estarei sempre aqui. Eu estarei sempre aqui...

Lá fora, o sino dobrava reverberante, enquanto Manfredo Della Meta retornava à praça vazia. *Nove horas da noite*, pensou, mostrando os dentes feito um lobo. Irritado, aumentou o ritmo do passo com o cenho franzido, em direção à catedral, amaldiçoando cada segundo daquela noite de 12 de dezembro.

CAPITULO UNDECI

— Santa Ágata, ajude-me a suportar o que está por vir!

Suplicou a garota, sem ter a menor ideia do que a aguardava. Lembrara do milagre que salvara a vida da sua mãe ao conduzi-la para tocar o túmulo da santa cataniense, e da promessa que fizera de manter-se pura e casta por toda a vida. A virgem, que quase colapsara de pavor, sentiu um súbito sopro de paz tocar-lhe o rosto e soube que não deveria temer. Ela não seria violada.

Eis aqui a tua serva, Senhor!

Despida de suas vestes, a cativa padecia sob o frio cortante de dezembro que congelava-lhe a pele. Estava pendurada pelas mãos em uma casa de prostituição quando um barulho forte de porta sendo arrombada soou em suas costas. Acuada, viu o homem tomar-lhe a frente nua.

— Seus dotes serão meus de uma maneira ou outra! Pensou que, ao rejeitar-me como seu noivo, me deixarias longe de tua fortuna? Vou tomar de volta os bens que deras àqueles pobres nojentos e gastarei meu espólio com mulheres. Deitarei-me com elas sobre seu túmulo!

A garota recebeu uma cusparada no rosto e ouviu o apessoado jovem rico, de berço politeísta, dar ordens furiosas aos homens, embriagados e libertinos, que gritavam escárnios na antessala, logo atrás dela.

— Pascacio, por ordem de Diocleciano, manda transformarem a donzela em uma prostituta. Dêem a lua de mel que esta meretriz merece!

Dez soldados imbuídos de devassidão despiram-se de suas armaduras e, com truculência, tiraram a garota das cordas, fazendo-a cair no piso duro de mármore e o público deleitou-se em euforia. A grande sala do bordel, que mais parecia um palacete romano, estava banhada por uma penumbra densa. A luz fraca dos archotes presos na parede, revelava um ambiente impregnado por uma aura carnal, cultivada por beberões e prostitutas que se afastavam do centro, aguardando o espetáculo que não tardaria a vir. Estatelada no chão, a garota pôde sentir o fedor de álcool que exalava dos homens invadir-lhe a garganta. Sentindo-se pronta para o que viria a seguir, suspirou com serenidade e, ao ouvirem-na dizer, os varões puseram-se a rir lascivamente.

— Meu Deus, me ajude a morrer como Santa Ágata!

A garota fincou os delicados pés no chão como uma árvore crava suas raízes em um solo firme. Ao perceberem a teimosia da garota, os soldados deram-lhe murros e pontapés, que intensificaram à medida em que ela resistia aos golpes. Puxando-lhe os longos cabelos castanhos, arrancaram tufo e mechas inteiras, mas ela não se

mexeu. Possesso com o insucesso dos homens, Maximiano, o maior dos servos e chefe dos soldados, tomou para si a tarefa e abraçou-a pelo tronco, de modo que envolvesse aquele pequeno corpo por completo. Puxou-a então com toda a força, na tentativa de desarraigar os pés do chão e ouviu o estalar de algumas costelas quebrando. Rígida no solo, a garota resistia, como se nada a atingisse.

Envergonhado pela má ventura, o brutamontes encheu-se de cólera, vestindo rapidamente a armadura e a sala inteira silenciou. Olhou no fundo dos olhos da garota e, após estudá-la como um touro, gritou ordens irascíveis de ódio:

— Tragam os bois! Agora!

Em seguida, disse-lhe baixo no ouvido, com um sorriso entre os dentes escuros:

— Veremos se você vai continuar se fazendo de difícil, mocinha!

Amarraram-na então em uma junta de bois parrudos. Ao sentirem o ardente golpe do chicote no lombo, os animais correram com toda força em direção à saída, puxando a vítima com pujança. Quando viram a enorme pressão exercida pelas cordas completamente esticadas, os soldados tiveram a certeza de que, a qualquer momento, a garota seria partida ao meio. Uma onda de euforia apoderou-se do público por completo e a sala explodiu em um completo furor. Maximiano bradou em êxtase:

— *Attenzione! Questa è l'ora dello spettacolo!*

No entanto, a garota permanecia incólume, cravada no lugar. O gado, exausto pelas chicotadas, grunhia de dor, desesperado para sair para fora daquele inferno. Um quarto de hora depois, derreada de tanto apanhar, a junta inteira parou de súbito e aceitou a punição, deitando-se no chão enquanto sentia a couro arder.

— Diocleciano ordena que ela seja morta por qualquer meio, aqui mesmo!

Imediatamente! Pascacio adentrara o prostíbulo gritando, com um pergaminho nas mãos. Ordenando que parassem de vergastar os animais imediatamente, Maximiano conferiu o selo com a insígnia rubra do imperador e deu um sorriso maligno.

— Retirem os bois, tragam a palha!

Matar a garota tornara-se agora um assunto pessoal para o chefe dos soldados. Bradou em alto e bom som e a sala toda ouviu a troça vinda de sua boca.

— Vamos ver o que você vai fazer enquanto arde em chamas!

No instante em que forravam-na com a palha seca e a encharcavam com uma amálgama inflamável de pez e resina, a garota viu olhos afoitos de maldade observando-lhe à distância. Seu pretendente parecia afobado, ansioso por sua morte. Subitamente, um calor agressivo ardeu-lhe o peito ao despejarem em seu corpo, óleo fervente em abundância e ela deu um berro pavoroso. O fogo subiu com perversidade e, em um único segundo, o grande salão foi tomado pelo clarão e pela fumaça, tornando todo o perímetro invisível e irrespirável. Do centro da

labareda incandescente, uma voz bramiu mais alto do que o trovejar das chamas e todos ouviram:

— Senhor Deus! Jesus Cristo amado! Não deixeis que estas chamas me façam nenhum mal!

Mas a pira não a consumiu. Não causou-lhe vermelhidão alguma na pele. Olhares incrédulos e derrotados miravam a franzina vítima. Imaculada. Desafiadora. Nada a atingia. Nem os homens. Nem os bois. Nem o fogo. Nem o que viera a seguir. A garota não sucumbiu mesmo quando, possuídos por uma sanha incontável, arrancaram-lhe os olhos com as unhas, esmagando-os com força, de modo que a carne gelatinosa vazasse pelos dedos, tornando-se uma massa informe. Um pavor genuíno apoderou-se de todos ao testemunharem, no instante seguinte, olhos novos e cheios de lágrimas de emoção, surgirem na face ensanguentada da garota, apossada de uma expressão plena de êxtase. *Eis aqui a sua serva, Senhor!*

Indiferente ao ódio que recaía sobre ela, a garota estava em estado de graça. Resoluta e certa de que tudo havia sido consumado, deixou o corpo cair sobre os joelhos. Com o rosto voltado para o céu, sussurrou baixo, em uma voz pura de ternura:

— Senhor, eu te suplico pela paz da igreja de Jesus Cristo.

Sentiu uma espada afiada transpassar-lhe o pescoço e serrar o osso da vértebra. Os soldados respiraram aliviados por terem vencido aquele demônio de uma vez por todas. Luzia de Siracusa finalmente estava morta.

Sua cabeça decapitada jazia no chão. Viva. Trazia na língua uma hóstia consagrada. Tinha uma expressão penetrante e uma voz doce. O homem olhou-a, envolvido por uma aragem de paz, enquanto ouvia ela lhe suplicar:

— Santo! Santo! Acorde agora! Você precisa acordar. Elisa precisa de você!

CAPITULO DODICI

— Santo, acorde! Agora!

Dom Tessio Primadonna agitava o mafioso com força. Os farrapos de angústia da modorra que o dominava, deixaram-no nocauteado, de modo que nada parecia capaz de desperta-lo. Depois de tomar um tapa no rosto, o homem abriu os olhos como se tivesse saído de um pesadelo terrível. Sentiu o bispo agarrar-lhe o punho, tentando conter os reflexos involuntários que ele mesmo distribuía à esmo. Viu-se suando, enrolado na espuma do colchão. O estreito covil estava abafado, com um ar viciado, difícil de respirar. Tentou cindir-se do sonho ruim, dissolvendo-o de uma vez por todas.

— Quem é Elisa? Você estava gritando este nome enquanto eu tentava te acordar.

— Elisa? Não é ninguém. Estava tendo um sonho ruim.

O bispo fez cara de dúvida, quando na verdade, quis fechar a cara. Era-lhe óbvio que o mafioso estava suspeitando que ele perguntara sobre Elisa, no intuito de entregá-la aos caprichos da Cosa Nostra. Não que Santo não soubesse quem ele realmente era, ou à serviço de quem ele estava. Mas conjecturar que o Leão tivera a pachorra de pensar que um padre pudesse ser capaz de entregar o filho de quem quer que fosse à morte, soou-lhe um insulto. Sentiu-se ofendido pelo astuto matador de Salvatore.

O homem passou o caminho inteiro do altar-mor até a torre gritando o nome da filha, dizendo que precisava salvá-la e não queria que eu soubesse da existência dela? Pelo amor de Deus, eu sou um religioso de verdade!

Pensou em cutucar o animal com a vara curta. Mas, ao invés de alimentá-lo com uma semente de discórdia, cedeu à tentação de livrar-se logo do indigesto visitante, não dando a mínima se o interlocutor se doeria com a aspereza da voz:

— Trouxe-lhe algumas roupas, tome! Peguei-as na caixa da coleta que fizemos para o Natal, portanto não devem estar limpas. Escolha uma e vista-se rápido. Cada segundo trabalha contra seu favor!

Entrementes, o mafioso colocou-se de pé de um salto, tirando a roupa e a bandagem improvisada que enrolara no peito. Quando o sacerdote viu o estado da ferida, ficou assustado.

— *Ma come? Come potrebbe essere possibile?*

O corte estava cauterizado, como se uma brasa incandescente tivesse derretido a pele e vedado a entrada onde a lâmina cortara. Santo Salafia parecia milagrosamente curado. O homem devolveu-lhe o olhar, igualmente espantado.

— Não se engane, padre. Está doendo um absurdo!

— Mas... eu não entendo! Não há nada aqui embaixo que você poderia ter usado para fechar a ferida. Nenhum instrumento...

— Como disse antes, meu amigo, eu necessito de uma confissão...

— Agora não. Depois! O corpo do padre Giuseppe finalmente foi levado ao necrotério. Será preparado às pressas para a procissão desta tarde. Logo mais, às 8 horas da manhã, uma equipe chegará ao templo para finalizar o preparo do andor da imagem de *La Siracusana* e com certeza entre eles, homens de Salvatore estarão à espreita, garimpando qualquer informação que leve à você. Eu apaguei seus rastros da torre do sino até aqui, minutos antes do delegado voltar, mas a catedral foi revirada de cima a baixo. Foi um pandemônio! Transformaram a casa de Deus na antessala do inferno! Até mesmo a cripta acima de nós foi vasculhada.

Felizmente não descobriram a entrada do sarcófago e você estava dormindo pesado o suficiente para se entregar. Há um carro estacionado quase em frente a fachada da catedral neste exato momento, porque obviamente, suspeitam que você ainda esteja aqui. Daqui a algumas horas, a ilha vai estar um completo caos. Entenda, você precisa sair imediatamente deste lugar e, uma vez lá fora, estará por sua própria conta. Além do mais, alguém pode te...

— Porque está me ajudando? Porque está correndo risco por mim? — interrompeu o clérigo, que desatara em falar, impaciente e exasperado. Retomando o fôlego, o bispo respondeu-o com um ar de irritação por ter sido silenciado. *Não seja infantil, Santo. Ambos sabemos que de santo, você não tem nada!*

— Eu não sei porque. Apenas senti no coração que deveria ajudá-lo. Só isso. Às vezes, há forças que nos movem a fazer coisas das quais duvidamos que poderíamos fazê-lo. Há uma razão para a Igreja Católica ter uma lista confirmada de santos e não ter uma lista confirmada de pessoas que estão no inferno. Pense nisso. Eu aprendi a não subestimar a misericórdia do Senhor e isso se estende a você. Agora escute, porque é de vital importância: uma das portas vermelhas da *Cappella Della Santa* leva à uma passagem que desemboca no cortiço da catedral. Você vai sair por lá. A partir do momento em que passar por aquela porta, não nos veremos mais. Não seja visto ou terei seríssimos problemas com meu tio. Saia rápido e não tente voltar à igreja. As portas deste templo estão fechadas para você.

— Eu não matei Giuseppe, senhor!

— E, no entanto, você está desesperado para confessar! Qualquer siracusano com o mínimo de “cemancol”, sabe que seus pecados não se resumem à noite passada. Vendo que seria impossível angariar qualquer empatia do religioso, Santo desistiu de tentar entendê-lo. De roupa trocada, o mafioso foi convidado a se retirar do esconderijo. Seguiu o bispo, que apressurado, subira pela escada de ferro vertical chumbada na parede. Tão logo saiu da capela, deparou-se com a catedral completamente revirada, exatamente como o sacerdote havia dito. Nada estava no

lugar. Quando alcançara o início do corredor central, recordou-se do golpe mortal que sofrera. Em vão, tentou não revivê-lo. Viu o rastro do seu sangue no chão, seguindo na direção do altar-mor. *Foi aqui que eu morri!* Foi impossível decifrar o que sentira. Percebeu então que já se avizinhava à capela que o bispo falara, distanciando-se do retábulo. Virou o rosto para trás e não pôde desvencilhar-se do nó que sufocava-lhe a garganta, ao ver a silhueta da Santa desaproximando passo à passo, quase como se a imagem estivesse a despedir-se dele, desaparecendo gradativamente na penumbra.

A imagem que me tirou do inferno... Obrigado por tanto, Luzia!

Instantes depois, os dois homens chegaram à ermida, localizada do lado oposto de onde vieram. Ao adentrarem o local, Santo Salafia se deparou com as vestes e os sapatos de Santa Luzia, expostos em um ajaezado mostruário de vidro. Parou de andar, como se tivesse entrado em uma espécie de transe, repousando os olhos nos votos que a santa fizera a Pascácio, seu futuro marido, muito antes de seu pretendente entregá-la para ser martirizada.

— Bispo, preciso que me dê um rosário e o consagre para mim.

Dom Tessio franziu o cenho, pensando em repreendê-lo, mas desistiu. *Será que ele ainda não entendeu a gravidade da situação? Meu Deus, a máfia inteira quer sua cabeça e ele quer um souvenir?* Sem dizer nada, girou no calcanhar e deu meia volta. Caminhou rapidamente até a nave central da catedral e, chegando na mesa do altar, pegou o terço que pertencera à Giuseppe. Ao retornar, proferiu a benção de maneira rápida e indiferente, entregando o objeto nas mãos do mafioso.

— Podemos? — disse o sacerdote impacientemente, indicando a porta vermelha, a míseros passos de distância. Ao se aproximarem do altar da capela da santa, viu que aquele nicho momentaneamente vazio, era o afamado lugar de repouso da padroeira. Ali, a grande imagem de prata ficava exposta durante o ano inteiro, sendo retirada apenas para a popular transladação todo 13 de dezembro. Uma sequência de recordações passou com rapidez na memória de Santo e sua pele arrepiou. *A imagem que me fez gritar enquanto eu ardia no inferno!*

Santo sentiu um emergente desejo de voltar ao altar-mor, mas viu seu tempo esgotar. Virou-se para Dom Tessio com uma expressão de consternação e pôs a pesada mão no ombro do clérigo, rogando-lhe antes de entrar pela minúscula porta ornamentada.

— Dê-me sua benção, bispo.

— *Benedico tibi in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.*

Sem dizer uma palavra, Santo atravessou a estreita porta e saiu da catedral.

CAPITOLO TREDICI

O dia 13 de dezembro amanheceu frio. Densas gotas de orvalho congelado castigavam a pintura dos carros que dormiam nas ruas estreitas da ilha de *Ortigia*. O inverno de 1972 chegara agressivo, sendo de fato o mais frio em anos e Santo sentiu a temperatura castigar-lhe a pele assim que colocou os pés para fora da catedral. Foi absorvido pelo breu da noite. O meridiano que cortava Siracusa ainda trazia à cidade o silêncio da caligem. A Sicília se preparava para despedir-se da lua, sonolenta e preguiçosa, aproveitando cada segundo antes da luz do amanhecer apagar as estrelas. Restava ao mafioso, no máximo, uma hora de escuridão plena e o esconderijo onde deixara sua filha, ficava a meia hora de caminhada. Se ele não chegasse lá até as 8 horas da manhã, a claridade da aurora denunciaria sua posição e tudo estaria perdido.

Preciso chegar até Elisa!

A rua estava deserta, exceto pela curiosa testemunha soturna que o vira sair. A incomum *Madonnina Orizontale*, uma estátua de Nossa Senhora estranhamente surgindo da parede como uma gárgula, observou o Leão sobrevir do jardim do antigo cemitério e o viu sumir na viela. Entre um nicho e outro, Santo Salafia progrediu metro a metro, usando as sombras e a neblina cerrada como aliadas para se esconder. Sabia que a falta de visibilidade o favorecia. Se ele não conseguia enxergar a 2 metros de distância, também não poderiam reconhecê-lo, sobretudo em movimento. Preferiu evitar a costa oeste da ilha, onde os Solarinos tinham olhos em todos os lugares, e pegar a acanhada Via Dione, mais à leste, mofina o suficiente para que os carros não conseguissem circular nela. Rapidamente chegou nas cercanias das ruínas do *Templo Di Apollo*, e infiltrando-se no negrume, pôde identificar dois homens de Salvatore à paisana, conversando com um comerciante que montava sua venda de frutas na feira da cidade.

Droga! Preciso passar pela Ponte Umbertino para deixar a ilha!

Retrocedeu, dando meia volta e invadiu o cortiço de um prédio, desembarcando com cautela na *Porta Urbica*, um território ativo da *Cosa Nostra*. Julgou ser demasiado tarde para os traficantes de ópio estarem acordados e cedo demais para os comerciantes de roupas usadas e artigos em couro chegarem comumente com sua mercadoria, sobretudo em pleno despertar de feriado. *Sim, vou por aqui!*

Estava à uma quadra de distância da ponte, quando viu dois veículos da polícia atravessarem-na em alta velocidade, pegando em seguida a avenida rente ao mar em direção à catedral. Santo não caiu no erro de considerar que a ponte estaria livre. Sabia que, muito provavelmente, haveriam homens entocados ali. *Preciso de*

uma distração. Tenho que distraí-los! As viaturas mal desapareciam no horizonte, quando a silhueta de um ônibus público começara a surgir na neblina. Santo só precisou de um segundo para encontrar uma pedra que estava se soltando da sarjeta e arremessa-la na vidraça de uma joalheria no outro lado da rua. Ao acertá-la, o alarme bramiu com fúria.

— *Sono armato, lasciami andare!*

Como se surgissem do nada, cinco homens com metralhadoras correram sobre a ponte e adentraram a ilha, obrigando o ônibus a frear com força, vindo parar por completo no início da curva. O motorista ranzinza, gesticulou bravo e rogou uma dúzia de pragas aos malditos que o fizeram deixar o ônibus vazio morrer em pleno início de segunda-feira. Estava gritando, enfurecido.

— *Sono le sette del mattino e questi delinquenti pensano di poter fare qualsiasi cosa! La prossima volta li calpesterò!*

Quando o ônibus partiu acelerado, um misto do aço gelado com o calor do cano de alumínio, causou no homem uma dor forte e estranha, difícil de discernir. Sem saber o quê exatamente o feria, Santo pensou que não conseguiria segurar-se por muito tempo no escapamento externo do veículo. Não tinha condições de saltar do veículo em movimento, por menor que fosse o pulo. Muito menos sair correndo. Respirar fundo doía-lhe excessivamente o peito. Vendo a *Isola di Ortigia* desaparecer lentamente na fumaça, percebeu que, ao invés de virar à direita, o ônibus agora seguira em linha reta, conduzindo-o para o caminho oposto que precisava ir. Era vital que o mafioso descesse na tradicional *Mazzarona*, o bairro adjacente à ilha e continuar seguindo rumo ao norte. Precisava fazer algo urgentemente. Sem poder soltar as mãos do escapamento, o mafioso deu pontapés na lataria do veículo, instigando o motorista a parar mais uma vez.

— Mas que inferno está acontecendo hoje? — o condutor agora estava irado, desejando não ter saído nunca da cama naquele feriado, amaldiçoando até a quinta geração do superior que o inseriu na indesejada escala.

Uma vez desvencilhado do veículo, o mafioso lançou-se rumo à uma caçamba de entulhos, que se encontrava próxima de onde aterrizara, escondendo-se atrás dela, até que o ônibus sumisse de sua vista. Santo Salafia agora se sentia no quintal de sua própria casa. Conhecia aquele solo como poucos. Pôs os pés no prumo e tratou de tirar o atraso que a ilha lhe impusera. *Eu sou um andarilho na penumbra.* O Leão logo reconheceu a adrenalina que o invadia. Era o ímpeto, destemido e nu. O velho instinto de virilidade que fizera sua reputação nas ruas do sul da Sicília o visitara mais uma vez. *Eu sou um andarilho na penumbra. E a penumbra me liberta.* Nenhuma porta de comércio abrira, nenhum mendigo levantara. Aquele era o dia da Santa. O feriado mais solene de Siracusa. O dia mais importante de sua vida. O dia em que nasceu de novo. *Eu me escondo na escuridão e sou livre.* As

primeiras luzes da alvorada nasciam no poente e ele viu as pedras da catacumba de *Vigna Cassia* surgindo na cerração. Já podia sentir o cheiro dos galhos secos, da madeira úmida e do calcário da *Latomia dei Cappuccini*. Seus sentidos aguçaram, suas passadas se tornaram rítmicas. *Eu morro na escuridão e sou livre*. Não havia ninguém em volta. Nada que o impedisse de entrar. Santo desceu trilha abaixo, ziguezagueando árvores e rochas, até finalmente enxergar a entrada da caverna. Cumprimentou os morcegos que voaram em debandada à sua volta. Sua filha temera-os, mas o pai a consolou assim que entraram pela primeira vez no esconso e ela amou cada instante daquele abraço que jamais tivera. Agora, frente ao átrio de seu esconderijo, viu como o pórtico se assemelhava com o portão do céu e ele sorriu, sabendo que, definitivamente, aquele umbral divino ele seria capaz de atravessar.

Meu céu! Meu céu é Elisa Salafia e um sorriso em meus braços.

Quando girou a maçaneta, viu que tudo estava perdido. O homem perdeu o equilíbrio, caindo de joelhos no chão que parecia ter liquefeito. O cômodo estava revirado. O lençol estava sujo de sangue. Nas costas da porta, havia um bilhete, escrito com uma inconfundível tinta escarlate. Estava cravado na madeira, atravessado por um punhal manchado de sangue na lâmina. Ao terminar de lê-lo, um rio de lágrimas transbordou em seu rosto lírido.

“Procissão de La Siracusana.

Catedral de Ortigia.

Martírio às 15h”.

CAPITOLO QUATTORDICI

O universo estava em pausa. Uma sensação de náusea o impregnara por completo e ele vomitou a bílis no chão. Toda lembrança veio à tona em um redemoinho impetuoso. A traição, a morte, o esconderijo, o pesadelo, a fuga, a dor, o inferno. *O inferno... meu Deus, o Inferno!* Lembrou-se daquela danação niilista que o próprio diabo vertera em sua face, com um hálito fétido: “*Você vai matar a sua filha e não há nada que possa fazer!*”

— Elisa, me perdoe! Oh, meu Deus, me perdoe!

O homem se encontrava no mais puro estado de desespero. A cada instante que passava, adentrava mais profundamente na seara da insanidade. *Meu Deus, sequer posso defender minha filha de mim!* Um turbilhão de sensações hediondas fez com que o mafioso perdesse completamente o controle do labirinto, caindo no próprio vômito. Sentia-se afogado em uma maré de maldição. Ficou ali mesmo. O chão servia-lhe de berço. Estava prostrado na condenação que ele mesmo provocara. Pensou que aquela dor duraria para sempre. Interminável.

Se eu não salvá-la, ela morre pelas mãos da máfia. Se eu salvá-la, ela morre por minhas próprias mãos!

Questionou-se incrédulo, sobre como poderiam ter localizado seu escondedouro, mas isso não lhe importava mais. Tudo tornou-se desimportante. Trivial. O único fato era que, de algum modo descobriram seu latíbulo e levaram sua filha. E isso era tudo. Tudo que lhe restara. Santo conhecia a sanha por vingança dos Solarinos. Chegou à conclusão de que, se quisessem pega-lo, sem dúvida já o teriam feito. E a razão era simples. *Não! Eles querem que eu sofra! Querem que eu veja Elisa morrer na frente de toda a cidade, para somente então eliminar-me num espetáculo degradante e pernicioso!*

Sentiu uma intempestiva onda de fúria apoderar-se dele. O ceticismo tomou de assalto o lugar que antes pertencia a fé, efêmera e minúscula. Nada mais fazia sentido. *Porque fui salvo do inferno? Somente para que visse minha filha morrer? Que espécie de Santa concordaria uma coisa dessas?* Não entendia como poderia merecer o paraíso sendo um completo covarde. E se não iria para o céu de jeito nenhum, então sentiu-se duplamente condenado. *Dane-se o céu!*

Um aperto imediatamente atingiu-lhe o peito. Um aperto juvenil, cuja temperança gritava pedindo arrego. Arrependida pelo pensamento. Agora a insanidade subjugava-o ao limite. Tentou abjugar a mente daquela tormenta, mas não encontrou ancoradouro algum. Tornara-se refém da própria consciência. Queria gritar. Queria sair correndo com seu revólver e invadir a quinta de Salvatore de

peito aberto. *Aquele maldito! Depois de tudo que eu fiz por ele! Depois de todos que salvei!*

Então, imerso em um único segundo, Santo Salafia tolheu por completo. Estagnou o olhar no horizonte, atônito, como se as paredes daquela clausura estivessem à milhas de distância. Sabia bem o que estava sentido. Era arrependimento. Não se lembrava quando fora a última vez que sentiu culpa na vida tirânica que escolhera ter, e no entanto, lá estava o sentimento, nu e cru, tomando o controle de cada célula do seu corpo.

Eu vou salvar minha filha nem que seja a última coisa que eu faça. E que minha alma vá para o inferno, não me importo!

Examinando o quarto, olhou sua mala, completamente revirada em cima do colchão. Exceto o punhal fincado na porta, não havia mais nada para pegar. Estava inerme. Suas armas haviam desaparecido, bem como toda munição. Levaram o soco inglês, algumas facas e canivetes. Pegaram seus remédios. Até mesmo seu velho cantil de rum austríaco fora vilipendiado. Santo levantou-se do chão com pesar e pôs a arrumar o que restara. Sentia-se péssimo. Não sabia o que estava mais precário, se ele ou aquele lugar úmido e claustrofóbico. Toda a desarrumação combinava com a pobreza do lugar, e Santo percebeu que aquele se tornara o lugar mais triste da Terra. Nunca fora belo, pelo contrário. O esconderijo era absolutamente rústico. De fato, havia apenas um cômodo muito pequeno. No interior, uma escrivaninha velha de aroeira disputava espaço com uma beliche mofado de madeira freijó. Os pés estavam podres. Permaneciam sempre molhados por estarem em constante contato com divisória de plástico mole que separava o chuveiro e a pia do resto do quarto. Embora mal coubesse no aposento, tendo de brigar consigo mesmo por míseros centímetros, a ausência da pequena Elisa fez com que o cubículo parecesse um enorme covil de fantasmas. Temendo o calafrio que se avizinhava, o corpulento mafioso sentiu medo de estar sozinho naquele lugar mal-assombrado. Lembrou-se do pobre homem que estivera lá antes dele. Certo tempo atrás, um morador de rua maltês de 57 anos descobrira acidentalmente que um antigo sistema de água e esgoto, provavelmente remontado à era Romana, passava diretamente na caverna que o abrigava do frio já há algumas semanas. Com ferramentas precárias, o maltrapilho havia esculpido seu castelo na rocha, drenando água para dentro de sua propriedade e interligando canos diretamente ao sistema de esgoto. Naquele recinto paupérrimo, o maltês viveu sozinho, até se endividar com traficantes do clã Solarino. Quando Santo viera sorrateiramente para cobrar-lhe a dívida, seguiu o pobre homem até a *Latomia dei Cappuccini*. Soube de imediato que aquele era seu dia de sorte.

Dentro de uma caverna, pensou o mafioso. Excelente!

Aproximando-se do alvo, disse com uma voz cortante, tão próxima, que o sacomano sentiu o bafo quente amornar-lhe a nuca.

— Obrigado por facilitar meu trabalho, Rüstü.

— Não me mate, senhor! Eu pagarei o que devo! Tenha misericórdia, meu senhor!

Misericórdia, eu? Pensou Santo. Não... não é misericórdia, é a lei do mais forte.

Hoje o caçador sou eu. Pegou um cordão de metal afiado, preso em trenas nas duas extremidades e o esticou firme com as duas mãos, degustando a expressão de terror apoderando-se do mendigo.

— Vamos acabar com isso!

Soltou um longo arquejo abafado e pôs-se nas costas do maltês, posicionando lentamente o fio afiado no pescoço do homem.

— Eu vou pagar! Eu vou pagar! Não faça isso meu senhor!

— Não, Rüstü. Quem vai pagar sou eu. Você vai sair da Sicília. Vai voltar àquele lixo de ilha, onde nunca deveria ter saído. Se eu descobrir que saiu de Valletta, eu juro que te esfolo vivo com este arame!

O pobre homem ajoelhara grato, chorando e beijando os pés e as mãos do mafioso, enquanto rogara-lhe bênçãos e votos de benquerenças. Ali estava o miserável embriagado, de sapatos rotos e calças encardidas, sentindo-se a criatura mais sortuda do mundo.

— *Tu sei un santone, il Leone! Grazie mille, buon uomo! Grazie mille!*

Cambaleante, saiu o mais rápido que pode, desejando não voltar nunca mais àquele país.

Apreciando a solidão, o mafioso agora admirava sua nova aquisição. Um investimento módico para um futuro incerto.

Eu não sou misericordioso? Eu tenho o poder de retirar. Eu tenho o poder de conceder. Eu sou o Leão e este é o meu novo aprisco...

— Elisa...

Prostrado, o felino voltou a si. Via fragmentos de seu reflexo no espelho despedaçado, pensando pela primeira vez em anos no animal que se tornara. Levou um caco longo e afiado para além da divisória e abriu o chuveiro, encharcando a roupa que vestia.

Hoje eu sou a caça.

Quis abrir os pulsos. Quis forçar o vidro contra a artéria. Um simples corte e a seiva que lhe restava sairia e toda a dor lhe deixaria. Permitiu a lágrima cair em abundância. Deixou que o choro diluísse aquele fardo insuportável. E ali, banhado na própria condenação, a iminência da morte lhe pareceu mais leve. O temor do derradeiro minuto o deixara. Sentiu o peso todo minguar. Despiu-se e deixou a água fria lavar seu corpo. Abaixando, pegou o caco do espelho que soltara e olhou

fixamente em seu reflexo. Calmamente, em um tom cadenciado e sereno, disse para si mesmo:

— Se Salvatore deseja um espetáculo, darei um espetáculo a ele.

CAPITOLO QUINDICI

A sala estava escura. Sob a penumbra, os diferentes tornavam-se iguais. Gesticulavam muito, pareciam exasperados. Vestiam camisas escuras. Seus chapéus e sobretudos estavam pendurados no cabideiro em frente à porta. Falavam alto, mas as vozes soavam-lhe submersas, como se os estivesse ouvindo embaixo d'água.

Onde estou? O que me deram?

Sentia-se grogue. O local cheirava tabaco, vinho e antepastos. E um leve odor de resto de lenha que queimara na lareira. Então, ouviu passos pesados vindo do corredor e a sala silenciou.

— Ela acordou — disseram ao homem que acabara de entrar pela porta. O sujeito, geralmente muito polido, tinha naquele momento uma cara péssima. A má noite de sono o tirara do norte. A diplomacia era seu forte, e mesmo assim, sabia que aquele fim de madrugada exigiria dele uma coragem quase sobrenatural. Era isso, ou teria que lidar com seu estômago frágil. Afinal, aqueles eram homens que agiam com o fígado. Piero Campieri não gostava de estar na linha de frente da família e por isso mesmo, tornaram-se o *consigliere* de Don Salvatore. Preferia a normalidade da frieza que os bastidores lhe davam.

“Astuzia, sempre.”

Seu lema o mantivera no topo de uma cadeia perigosamente traiçoeira. O arguto escudeiro da máfia se considerava um estrategista nato. No entanto, lá estava ele, brigando com a lógica às 3 e pouco da manhã e, pelo calor da emoção do velho chefe, só voltaria a se reconciliar com a cama na noite seguinte, já que aquela, continuaria tirando-lhe paz. *Matar crianças não é comigo*, pensou. Olhou para Elisa, mirrada e delicada, deitada no sofá de couro marrom, dopada com ópio.

Sinto muito, garotinha!

O conselheiro tentou recuperar a compostura, ciente da firmeza que precisava ter.

— Eu trouxe o ruivo.

Alexis Samaras entrou na sala com um sorriso pedante. Trazia consigo uma pequena imagem da Virgem Maria. O jovem grego, recém-chegado de Tessalônica, era audacioso, viril. Sozinho, descobriu o paradeiro do Leão de Salvatore e promoveu a captura de Elisa. O clã ficou atônito com a audácia do aventureiro, ao entregar a menina diretamente às entranhas dos Solarinos. A família fora categórica: se ele terminasse o serviço, dando fim ao pai e a filha, herdaria o império do Leão. O postulante ao trono devolveu a moção com arrogância, exigindo usurpar o espólio do Leão imediatamente, colocando-se sob pena de

morte. E lá estavam eles, reunidos para selar o enlace. No entanto, o que a família não sabia, era que a Grécia ficara minúscula para o sádico tessálio. Alexis era um carniceiro. E o carniceiro fazia questão de mostrar o que era capaz de fazer.

Se Salvatore deseja um espetáculo, darei um espetáculo a ele...

Viera à Sicília em busca da soberania que a Trácia não poderia lhe dar. Tinha sede de sangue e de poder. E por isso mesmo, faria seu ritual naquela madrugada. Viu Orazio Brascia comer uma azeitona e chamar os outros para virem ao seu encontro. Olhou nas profundezas das íris verdes do postulante. Jogando o cigarro no canto da boca, falou entre os dentes amarelados e seu hálito exalou um ranço ácido.

— *Stendi la mano sinistra, ragazzo!*

O ruivo sentiu um prego furar-lhe o dedo indicador e viu o sangue escorrer. Orazio apertou firme a ferida e puxou o rapaz com rispidez, fazendo-o chegar tão perto, que suas testas chocaram-se e não mais separaram. Os olhos estavam agora conectados, como se um ímã exercesse uma atração invisível entre eles. O novato retribuiu-lhe a varonilidade na mesma moeda e o veterano dobrou a aposta, bufando feito um touro, empurrando os chifres no oponente. Repetiu com autoridade, as mesmas palavras que lhe foram ditas há uma década, naquela mesma sala.

— Eu o advirto que esta casa tem como função proteger o fraco do abuso do poderoso! De agora em diante, você está sob a *Omertà*! Se trair esta avença, Alexis, considere-se um homem morto.

Entrementes, Piero incendiou a imagem da Santa nas mãos do novato e o fogo rapidamente ficou forte. O mancebo sabia que precisava aguentar a dor da queimadura em silêncio, passando a estátua de uma mão a outra, até que ela se consumisse por completo, enquanto iniciava os juramentos da *Cosa Nostra*.

— Juro solenemente que minha carne queime como esta santa se eu falhar em manter meu juramento!

Quando a imagem da Virgem Maria deixou de existir, Don Salvatore entrou pela porta e progrediu com passos vagarosos em direção ao ruivo. Cumprimentou-lhe com um beijo no rosto e, dando-lhe um abraço paternal, disse com uma voz porosa e cansada:

— Vingue a morte do meu filho!

Em seguida, pôs-se a caminho do sofá. Abaixou até seus lábios secos tocarem a cabeça de Elisa. Deu-lhe um longo beijo na testa. Fazendo um afago amoroso nos cabelos, despediu-se como um avô se despediria da própria neta.

— *Ciao, bambina.*

Salvatore Orsi Solarino sempre fora diferente dos outros padrinhos. Dono de olhos muito felinos, era alto, magro e extremamente narcisista, trajando-se impecavelmente bem durante a maioria dos seus 79 anos. Anéis e relógios de ouro eram-lhe itens indispensáveis, assim como o gel que esticava para trás seus cabelos, salientando o bico de viúva que, ano após ano, afunilava mais, devido à calvície que finalmente começara a vencer a batalha. Ralos ou não, jamais os deixara brancos. O perfume, muito intenso, era-lhe substancial, denunciando sua presença onde quer que estivesse. No entanto, se sua aparência e seus costumes iam na direção contrária à dos outros chefes de família; todos velhos, rotundos e desarranjados, o mesmo não poderia ser dito no tocante à segurança da família. Salvatore era extremamente rígido com a descrição familiar, impedindo-os de confraternizarem com quem quer que seja, seja quando fosse. Exageradamente antissocial, era uma figura furtiva, raríssima de ser vista, mesmo antes de ter alcançado a notoriedade pelos crimes que perpetrara. A fama era uma pecha que, definitivamente, não o atraía. Mas era inevitável. Vilão de poucos, herói de muitos, Salvatore fora o homem que erradicara a violência das gangues no sul da Sicília. Tomando o território alheio com perspicácia, um a um, fez do sul da península o início de seu reinado. Suas mãos de ferro lhe trouxeram o poder. E o poder era algo que o comprazia demasiado. Então, o poder se tornou um vício. Por querê-lo cada vez mais, sabia que, sobretudo, seria necessário domar as pessoas. Todas elas. *Aos fortes, o medo. Ao resto, o ouro.* Aprendeu muito cedo o preço de cada homem, e comprando-os, tornou-se imbatível. Muito rapidamente, a população passou a amá-lo. E ele tornou-se o padrinho de todos. O engenhoso paladino sabia, mais do que qualquer outro, que o endosso popular raramente caminhava de mãos dadas com a justiça.

Muitas vezes, a democracia escolhe Barrabás...

No entanto, a gratidão nunca fora seu ponto forte. Sua personalidade tempestuosa o colocou na trincheira desde muito novo. Veterano da guerra da Abissínia, fiou-se ao ideal fascista, na busca de uma Itália forte. Quando a humilhante derrota de 1944 o atingira diretamente, abandonou o líder, junto com o resto do país. Desde então, sentiu-se traído por Mussolini ao ver o caricato ditador reduzir a Itália em um mero estado fantoche, culpando-o diretamente pelo fiasco histórico. Não admitia pensar na vergonha de um país, outrora conhecido pelo visceral exército romano e seus Césares, ser agora alcunhado por outras nações como um território de machos burlescos. Tinha a constante sensação de ser comparado àqueles

senhores movidos a testosterona, de pouca paciência e quase nenhuma sumidade. E isso tirava-o completamente do sério.

Eu não ladro!

A Itália do pós-guerra fez dele um homem de poucas palavras. Enquanto os italianos recolhiam os cacos deixados pelo *Duce*, Salvatore aproveitou para fazer fortuna. Muita fortuna. De origem judia, herdara as propriedades da família, dizimada pelos Nazistas frente à aproximação dos Aliados na Segunda Guerra Mundial e vendeu tudo. Com o dinheiro nas mãos, o único Solarino remanescente no leste da Sicília, serviu-se da ingenuidade de um povo que abriu as fronteiras para que seus cidadãos pudessem retornar do exílio. Abusou da chantagem. Tornou-se agiota. A agiotagem o levou ao caminho da extorsão e a extorsão o guiou ao enorme arsenal de armas, sucateadas pelo exército italiano. O contrabando das armas o conduziu até o comércio de narcóticos, e as drogas fizeram dele um rei. Dez anos depois, Salvatore se tornara o mafioso mais poderoso da Itália. Dominando o submundo da península com punhos de aço, criou seu monopólio na base do sangue, eliminando com rapidez os inimigos dentro da ilha. Ao herdar o espólio de cada rival morto, tornou-se um mito no país. Sentado no seu trono, o soberano fez um pacto de não-agressão com a *Camorra* e com a *'Ndrangheta*, sob a condição de que permanecessem em seus respectivos territórios. Desde então, quase duas décadas de relativa paz e cooperação entre os clãs transcorreram sem maiores problemas. Porém, tudo mudou depois daquele último setembro, quando a *Sacra Corona Unita* propôs uma união aos mafiosos da Calábria para sabotarem o acordo territorial dos clãs, causando uma crise sem precedentes, atingindo em cheio o padrinho da Cosa Nostra.

Em uma única noite, Salvatore assassinou metade da prole de Don Raffaele Palagiano e o padrinho pugliano revidou, matando Vincenzo, seu único filho varão. A informação precisa que o siracusano Santo Salafia, um afamado matador *caporegime*, fornecera ao clã Palagiano, levou os assassinos diretamente ao herdeiro dos Solarinos. Em uma emboscada, renderam-no após derem cabo aos comparsas que o acompanhavam. Uma vez imobilizado, cinco homens descarregaram o pente de suas armas diretamente no coração do rapaz, fazendo-lhe um buraco equivalente ao tamanho de um abacate, destruindo o órgão por completo. Quando Salvatore resgatou o corpo, um bilhete havia sido pregado na testa do filho, escrito:

“Cortesia di Lecce!”

Vertendo em lágrimas, o patriarca siracusano sentiu o ódio substituir a dor ao ler o verso do bilhete.

“Salute a te, Santo Salafia!”

Em uma única tacada, a máfia de Puglia eliminara o herdeiro e criara uma conflagração diabólica no seio da máfia da Sicília. O poderoso padrinho jamais imaginou que a animosidade entre seu filho e Santo, culminaria em uma traição de morte. Vincenzo Orsi Solarino estava morto. E agora, Salvatore mataria Elisa Salafia aos olhos de toda a Siracusa.

CAPITOLO DICIASSETTE

A aurora nublada da segunda-feira revelara uma Siracusa pesarosa pela perda de Giuseppe. Um silêncio fragoroso, interrompido apenas pelo forte vento que silvava na caverna agora inabitada, contendia com a atmosfera mística que aquele feriado religioso costumava ter. A data, sagrada para os sicilianos do leste, ganhara tons sombrios, dramáticos. Exceto pelo frêmito dos motores de alguns ônibus que circulavam solitários nas vias, um absoluto silêncio reinava na cidade. Não havia carros, motos ou bicicletas na rua, nem padarias ou farmácias abertas. Nada. Apenas o murmúrio da tragédia da noite passada. A cidade amanheceu de luto. As festividades que tradicionalmente começariam naquele exato horário, foram canceladas, restando apenas a procissão de *La Siracusana*, às 15 horas.

Não longe dali, uma fala comprimida soava metalizada. Aliado à estática, o teor do timbre que vinha do noticiário das 9 horas, dava à Santo uma breve síntese do que o aguardava. A voz de barítono vinda dos falantes do aparelho era áspera, seca. O homem estava irritado. Comentava a notícia da tragédia, proferindo uma opinião de tom rude e medíocre. Exalava um ar de vingança.

“O mínimo que podemos fazer pela memória de Giuseppe Lamezia, é comparecer em seu funeral, carregar seu caixão e entregar a cabeça do Leão em uma bandeja para a amada Santa Luzia! Um homem que envenena um padre idoso é um covarde! E nós vamos retribuir em dobro o sofrimento que você impôs ao sacerdote, Santo Salafia! E você irá queimar no fogo do inferno! Você vai sofrer, está ouvindo? Vai chorar e vai ranger os dentes! Eu te desafio! Venha me pegar, fiz um café especial para você. Estou na porta 28 da Via dei Santi Coronati. Está destrancada, venha me...”

Mas Santo não estava mais ouvindo. Desligou o rádio de pilha que trouxera consigo, antes que o volume pudesse denunciá-lo. Havia abandonado o esconderijo há 15 minutos. Saíra molhado do banho e, uma vez na rua, tentou abstrair-se do frio agressivo que congelava-lhe os ossos. Sem sucesso, golpeou-se nas axilas tentando amenizar o frio, mas foi em vão. Apressurado, avançou algumas poucas ruas, até invadir uma luxuosa loja de departamentos recém-inaugurada. Sacando a chave mixa que guardava na carteira, o homem entrou sem dificuldades pelos fundos da boutique. Desde então, deixara o corpo cair em um dos elegantes sofás que decoravam o ambiente. Tentou acalmar, enquanto sentia o calor do corpo voltando ao normal, à fim de colocar a própria tormenta em ordem. O mafioso sabia que, se quisesse ter alguma remota chance de êxito na tarde que viria, precisava recuperar-se rapidamente. Sentia fome. E com a fome, veio a fraqueza. O

cansaço, físico e mental, deixou-o à beira do devaneio. Imaginou as entranhas definhando, prestes a devora-lo em um surto autofágico.

Estou enlouquecendo. Mais uma vez...

Pondo-se de pé, encontrou sem dificuldades a copa dos funcionários. Viu sobre o balcão, uma cesta de pães amanhecidos, o resto de um panetone caseiro e algumas frutas. Junto ao café frio do bule que restara do dia anterior, começou a engolir tudo depressa. O pão, murcho e massudo, entalou no peito bloqueando o ar de tal maneira, que Santo precisou beber um copo de água às pressas, fazendo com que as vias respiratórias desobstruíssem dolorosamente quando a massa deglutida passou empurrando o pulmão ferido. Retomando o fôlego, riu da própria miséria, cantarolando um trocadilho tolo entre um assobio e outro:

— É... depois do café, eu me “espresso”, nanana...

Sentiu náusea. Imaginou os vermes comendo sua carne, bebendo seu sangue. Enterrado em alguma cova. *Eu estava morto! Eu fui condenado!* Tentou sacudir a poeira, abstraindo-se das terríveis recordações. Tão vívidas, que não poderia deixar de temer que elas lhe atraíssem algo ruim ali mesmo. Minutos depois, comprazendo-se de relativa segurança e de estômago cheio, o mafioso se acalmou. Pela primeira vez desde que saíra da caverna, o homem pôs-se a refletir na dimensão de tudo que lhe acontecera na noite anterior. A dor da carne, outrora visceral, havia suavizado. Ele estava inexplicavelmente curado.

Io sono un miracolo vivente!

Um lampejo de discernimento aflorou-lhe os sentidos. Os pêlos grisalhos do braço arrepiaram. E ele compreendeu de imediato: aquele simples momento de existência só poderia ser um milagre divino. Tudo relacionado à sua volta, se resumia à salvação de sua alma. No entanto, o Leão não sentia-se digno de uma segunda chance. Pela primeira vez em muito tempo, refletia seriamente sobre as terríveis consequências de seus atos. *Ato um, parágrafo único: Eu sou um condenado à morte eterna!*

Por mais que sentisse que a padroeira o tivesse retirado do inferno, no intuito de dar-lhe a oportunidade de lutar pela remissão dos pecados, não podia aceitar que Deus estivesse disposto a macular o paraíso inteiro, inserindo-o no livro da vida com meros pedidos de desculpas. *Deus não ignora o pretérito das escolhas em nome do amor. Não mesmo!* Soava-lhe contraditório que ele merecesse estar ali. Justo ele, voltando dos mortos, vagando entre os humanos como um fantasma cartesiano.

Eis a controversa segunda chance da personificação do mal em pessoa.

Sentiu o sangue voltar a ebulir. Ele absorvera o inferno. O inferno o consumira. E lá estava o Leão novamente na Terra, necessitando do perdão divino, enquanto era impelido a usar toda força bruta para salvar a vida da filha. *Meu Deus, que*

situação que eu me meti! Os pensamentos fervilhavam. Com a consciência pesada, começou a pôr na balança as duas temíveis opções que lhe restaram.

Se simplesmente liquidar os encarregados de matar a minha menina, herdo o inferno. Se desistir da vida, antecipando-me a qualquer ataque à minha filha, queimarei no fogo da geena. Meu Deus...

Sentia-se algemado em um poste. Mais do que ninguém, o mafioso sabia que clemência dos homens não escolhe a tangente. É implacável, mesmo com o mais religioso dos homens. Além do mais, parecia-lhe óbvio que o arrependimento e a conversão, dois elementos básicos para a salvação de qualquer alma, eram itens que não alterariam o resultado daquela infame equação. A pobre menina morreria hoje, de qualquer jeito.

A não ser que...

Há menos de hora, pensara em levar à cabo o *spettacolo* que reservara aos Solarinos. Mas tudo era tão descabido, que havia abandonado a ideia antes mesmo de sair do escondedouro. Agora, a ideia o visitava mais uma vez. Na solidão existencial que a caverna lhe proporcionara, uma bizarra obsessão apoderara-se dele. Tinha chegado à conclusão de que, se ainda naquela manhã, matasse Don Salvatore e toda sua família, bem como a alta cúpula da máfia, talvez conseguisse recuperar sua filha e fugir sabe-se lá para onde. Não fora necessário mais do que 5 minutos insanos para planejar tudo. *Vou explodir todo mundo! Não sobrá pedra sobre pedra!* A seiva quente o fizera planejar coisas terríveis. Seus pensamentos fulguraram no covil. O mirabolante espetáculo que criara, não passava de um plano débil, concebido na base do desespero, que consistia em invadir um dos galpões onde a *Cosa Nostra* guardava a armas e os explosivos, estocados em abundância para serem vendidos no mercado negro europeu. Uma vez de posse do arsenal, usaria-os para atacar o clã inteiro com toda a força, em uma missão autodestrutiva. Mas agora, de cabeça fria, compreendeu mais uma vez que não poderia executar aquela loucura em hipótese nenhuma. Tudo era delirante demais. Havia tantos empecilhos para chegar ao armamento, que eram ridículos de tão extravagantes. E se chegasse, como acabaria com os guardas certamente armados que vigiavam o material bélico? Ou, caso conseguisse vencê-los com o pequeno punhal que lhe deixaram, como carregaria os pesados explosivos sem que explodisse junto à eles no meio do caminho? Sobretudo, como Elisa poderia salvar-se do fogo que ele mesmo lançaria contra ela, se ela provavelmente estaria amarrada no arcabouço de Salvatore? E ainda queria ter a hombridade de querer se livrar das chamas de Lúcifer após matar todo mundo? Não aprendera nada com a experiência de quase-morte que tivera?

— Não! Já basta! Nem uma gota de sangue!

Levantando-se do sofá, o beligerante tomou a decisão que considerou ser a mais importante de sua vida errante até então. Pôs-se de pé e vagueou pelos corredores da loja em busca de uma boa lã grossa. Não precisou garimpar pelo melhor sobretudo, o ideal estava ao lado da lã. Encontrou facilmente o par de sapatos que melhor se adequava a composição que escolhera. Perfumou-se, penteou os cabelos, fez a barba. Serviu-se de uma dose generosa de uísque puro malte escocês, destacado em uma prateleira na loja de departamentos. Andarilhou um corredor aqui. Outro ali. No fundo do recinto, deparou-se com o escritório do gerente, que mais parecia a elegante sala de uma casa. Ao lado de um sofá *capitonné* de couro preto, encontrou um antigo gramofone. Seu cantor favorito estava ali, como se o esperasse com impaciência para ouvi-lo cantar. Lentamente, Santo desceu a agulha e a ouviu arranhar a superfície do objeto orbicular, dando-lhe uma agradável sensação de lassitude. Cláudio Vila estava cantando *Luna Rossa*, sua canção predileta e ele balbuciava junto, dançando sozinho, enquanto servia-se de mais uma dose de uísque:

*“Ando distraidamente abandonado
Olhos escondidos sob o chapéu
Mãos no bolso e gola levantada
Ando assoviando às estrelas que surgiram
E a lua vermelha me fala de ti
Eu lhe pergunto se esperas por mim
E me responde:
— Se queres saber, aqui não tem ninguém!
E eu chamo o nome para encontrar-te
Mas toda gente que fala de ti, responde:
— É tarde, o que queres saber?
Aqui não tem ninguém!
E eu digo que ainda espera por mim
Foras ao balcão esta noite às três
Suplicando aos santos para me ver
Mas não tem ninguém!
Tantos e mais cigarros acendi
Mil e mais encontros eu tive
Mil xícaras de café bebi
Mil bocas amargas beijei
E a lua vermelha me fala de você
Eu lhe pergunto se esperas por mim
E me responde:
— Se o queres saber, aqui não tem ninguém!”*

Aqui não tem ninguém!”

Uma lágrima de emoção caiu no rosto do homem. A dança ébria o levava ao desequilíbrio e o desequilíbrio o levava acidentalmente ao cofre do estabelecimento, oculto pelo quadro que derrubara. Quarenta minutos depois, um tanto embriagado, descobrira a senha e, abrindo-o, encontrou duas armas completamente carregadas.

Providência Divina!

Pondo-as na cintura, o Leão sentia-se pronto para o que havia de vir. Para o que deveria fazer. Contudo, desta vez não pretendia dispara-las contra ninguém, a não ser em si mesmo. Não faria concessões a si mesmo. As armas seriam utilizadas para que ele pudesse dar a própria vida em troca de Elisa.

Sim! Quando a presa está armada, o predador dorme com fome...

Não haveria como saber que, às 15 horas em ponto, Santo Salafia mataria pessoalmente a filha.

CAPITULO DICIOTTO

“Ele até comprou um campo com o salário da maldade, mas caiu morto, de bruços, arreventado pelo meio, espalhando-se todas as suas vísceras”

Atos dos apóstolos 1, 18-19

O relógio de pulso marcava 11 horas e 38 minutos, quando Santo fechou o Livro Sagrado que encontrara dentro do cofre, impactado pelo trecho.

Porque raios cada vez que eu abro a Bíblia, só aparecem palavras de morte?

E foi aqui que tudo mudou. Toda normalidade acabou. Seus pensamentos foram sumariamente pulverizados ao sentir um forte odor invadir-lhe as vias respiratórias. O fedor impregnara o ambiente. Ele reconheceu o cheiro. Era a mesma fedentina repulsiva que sentira no inferno.

— Enxofre!

No instante seguinte, divisou um movimento estranho. Célere e obscuro. Sons de passos fizeram com que o mafioso virasse para trás assustado. Um vulto havia passado em suas costas, soprando-lhe em sua nuca um vento invernal. Sentiu um tremor generalizado tomou-lhe o controle do corpo. Dos pés à cabeça, os pêlos estavam de pé. Nunca acreditara em coincidências e, no entanto, acontecera-lhe tantas coisas inumanas na noite passada, que o Leão não conseguia negar que algo muito diferente de tudo que já vira, viria alcançá-lo. Estava temeroso. *Se Deus me ajudou, o diabo não deve estar feliz comigo!*

— Quem está aí? Eu não hesitarei em atirar!

O estalo estridente de um disjuntor caindo ecoou, assustando o homem, deixando-o praticamente no breu. A música cessara. *Ma che cazzo?!* O Leão pôs-se em alerta em um único movimento, armando a guarda como um animal pronto para dar o bote, encurvado e ouriçado. Mirando em todas as direções, escondeu-se atrás do balcão de atendimento da loja de departamentos, procurando abrigar-se do perigo. A luz tacanha que irrompia da distante vitrine de vidro, embaçada pelo frio externo, criara no ambiente uma aura sinistra, sombria. Esquadrinhar o vasto salão tornou-se quase impossível.

Vazio! Não tem ninguém aqui... eu mesmo conferi!

Como se não bastasse a sequência bizarra que acabara de acontecer, o velho rádio de pilha que tinha colocado no bolso interno do sobretudo disparou em um volume estranhamente alto. Improvável. Um pastor gritava, a plenos pulmões, um sermão escatológico. Lia versículos do capítulo 24 do Evangelho de Mateus. A pregação que saía-lhe da boca era densa, soava espirrada:

“Tudo isso é o começo das dores. Então vos entregarão à tortura e à morte...”

— Oh cos'è?! Per l'amor di Dio!

Santo ainda ouvia o eco devolvendo-lhe o brado que dera, quando o radinho começou a falhar, desligando e ligando várias vezes, piscando a luz freneticamente. Enquanto tentava retirar as pilhas do aparelho, o mafioso paralisou o olhar no relógio digital sobre o balcão. O objeto que, assim como todos os equipamentos eletrônicos da loja, desligara com o apagão, também tinha entrado em pane. Agora, voltara a funcionar, porém ao invés de indicar a hora exata, um cronômetro deu início à uma contagem regressiva, semelhante à uma bomba relógio. Em pânico, Santo instintivamente puxou o aparelho eletrônico da tomada com rispidez, desconsiderando que a energia ainda estava interrompida. Jogou o dispositivo com força no chão, quebrando-o em pedaços. O visor jazia no piso, virado para ele. Marcava as horas e os minutos em um tom vermelho vivo, mingando o precioso tempo a cada segundo.

3:21.43.

3:21.42.

3:21.41.

3:21.40.

3:21.39...

Por um momento, o mafioso contemplou a ousadia do destino. Abusando das travessuras. Testando-o de diferentes maneiras. *Estou preso em um suspense de Hitchcock. É isso...*

Então, uma troada rompeu o silêncio momentâneo e Santo pensou que seus tímpanos fossem explodir. O homem agora queria gritar, mas não podia. Com as mãos tapando as orelhas, descobriu que o barulho não vinha de fora, mas tormentosamente de dentro. Sofrendo com aquele absurdo, conseguiu libertar-se de um sussurro engasgado, quase inaudível.

— Pare! Está doendo! Pare! Já chega!

Debatendo-se na esperança de que aquele delírio insano o deixasse, Santo esbarrou com força no armário em suas costas e derrubou várias coisas sobre ele. Quando um livro de capa dura caiu em sua cabeça, toda zaragata se transformou em uma ausência sonora absoluta. Perdeu o controle de vez. Começou a berrar.

Descontrolado.

— Acabou?! É só isso que tem para mim? Manda mais, pode vir!

Ainda ouvia a reverberação do grito, quando viu a imensa besteira que fizera. Tentou tomar algum ar, deixando o corpo cair no chão. O livro que o acertara estava ao lado. Ainda atordado pela pancada, o mafioso pegou-o nas mãos e viu o título: “*Em Busca de Sentido - Viktor Frankl - Edição de luxo*”. Quando o mafioso franziu a testa, sentiu uma protuberância crescer entre a pele enrugada. *Que ótimo,*

um chifre no meio da cara para chamar de meu! Conhecia o escritor austríaco, famoso por ser um sobrevivente do Holocausto. Um marcador de página novo estava posicionado ainda no prefácio, como se o best seller ainda não tivesse sido lido. Santo leu o último parágrafo:

— “Nós que escapamos com vida por milhares e milhares de felizes coincidências ou milagres divinos - seja lá como quisermos chamá-los - sabemos e podemos dizer, sem hesitação, que os melhores não voltaram.”

— Sim. Os melhores sempre vão primeiro...

Procurando abstrair-se da loucura que o dominava, lançou um olhar no marcador de página. Na frente, a imagem de uma famosa pintura renascentista: O Enterro de Santa Luzia, de Caravaggio. No verso, um texto: *Novena di Santa Lucia*. Pôs a mão no bolso da calça e pegou o velho terço que pertencera ao padre Giuseppe, benzido pelo bispo antes de fugir da catedral. Olhou para o pequeno crucifixo de ferro, gasto. Jesus observava-o com misericórdia. O Leão ouviu uma voz doce:

“Vá, meu filho. Abençoado aquele que dá a vida pelo próximo.”

Santo sentiu uma sensação de conforto afagar-lhe o peito ferido. Decidido, levantou-se do chão e rumou na direção da porta principal. Pela primeira vez, desde que entrara na loja, arriscou aproximar-se da vitrine, esteando-se nas roupas penduradas nas araras.

Está na hora. Preciso sair.

Já conseguia ver a rua. Algumas poucas pessoas flanavam, andando vagarosamente na calçada, saindo de suas casas rumo à ilha de *Ortigia*. Santo esfregou os olhos. Mas o que estava vendo continuou a lhe parecer demasiado bizarro.

— Mas que diabos...

O rosto das pessoas havia desaparecido. Todos estavam com as faces apagadas e agora, um borrão, sem olhos, narizes, orelhas ou bocas, era tudo que restara deles. A visão disforme fez o homem avançar um passo à frente. Precisava ver de perto. O mafioso estreitou os olhos, certo de que aquilo só poderia ser um engano. Eram os mesmos seres sem face que brevemente vira na antessala do inferno.

Meu Deus do céu! De novo não! Horrorizado, pensou estar delirando. Nada fazia sentido.

Espera! Cronômetro? Contagem regressiva? Aparelho funcionando fora da tomada? Cheiro de enxofre? O que havia naquele café? Estava péssimo, não? Aquilo tudo era demais para ele. Sim, certamente foi o café!

Por um momento sentiu o universo girar. Depois, procurou colocar o equilíbrio de volta no centro de sua gravidade. Era urgente sair do local de forma inteligente, cirúrgica. E agora, sentia-se entorpecido. Precisava vê-los de perto, tinha certeza que tudo era uma ilusão. Aproximou-se mais da vitrine. A apenas um passo de revelar-se, observou os transeuntes sem face. Não falavam ou gesticulavam.

Apenas andavam com os braços imóveis, esticados, como se fossem autômatos, marionetes. No passo seguinte, Santo já estava grudado no vidro. Mas os estranhos que passavam na calçada, agora viravam o rosto bruscamente em sua direção, fazendo-o retroceder muitos passos, até que caiu no chão, petrificado.

No! Per Dio no! Tutto tranne questo! Tutto tranne questo!

Estava hiperventilando. O corpo tremia inteiro. Deu tapas no rosto. Queria acordar daquele pesadelo grotesco.

— Vamos, recupere-se! Volte a si! Agora!

No entanto, era tarde demais. Dali em diante, Santo Salafia não mais se recuperaria, até que o destino o confrontasse e mais uma vez ele se visse, literalmente aos pés do inferno.

CAPITOLO DICIANNOVE

— *Santa Lucia, proteggi i miei occhi e conserva la mia fede!*

Em sua destra trêmula, Santo segurava o terço. Contava as dezenas com os lábios vacilantes, repetindo como um mantra, a novena de Santa Luzia. Na outra mão, de posse do marcador de páginas, viu que os rostos da pintura de Caravaggio, antes realistas, eram agora inexistentes. A mártir jazia morta no chão com a face borrada, bem como o sacerdote com a estola vermelha, os coveiros e as pessoas em volta. Não longe dali, pode ver o rosto que estampava a capa de um disco de vinil. Cláudio Vila estava esquelético, não possuía nenhuma expressão. Bem como Peppino Gagliardi, Caruso e Josephine Baker nos outros LP's ao lado. Nem as pessoas nos porta-retratos que se encontravam no escritório. Ou as modelos nos pôsteres da loja. Ou nas embalagens dos cosméticos. Santo apressou-se na direção do banheiro. Precisava conferir. Tinha que saber. E sabendo, deu um sobressalto, tão logo olhou no espelho. Seu reflexo revelava a mesma face lívida que todos os passantes do lado de fora tinham. Sentiu-se amaldiçoado. Banido do cálice da vida. Estava pálido, apavorado. Aquilo mudava tudo. Sem poder reconhecer um simples rosto, o mafioso que conhecia como a palma da mão, todos os rostos do clã, perderia a menor centelha de vantagem sobre os inimigos. Ou aquele terror cessava ali mesmo, ou estaria perdido. A esperança de sacrificar-se pela filha deixaria de existir, e ele estaria condenado à morte, antes que pudesse barganhar a própria vida.

Seu tempo finalmente esgotara. Saiu da loja de departamentos colocando na calçada primeiramente a sola direita, conforme rezava a superstição dos anciãos. Sentiu o ar frio do inverno soprar-lhe forte, correndo solto pelo corredor de vento. Porém, desta vez estava muito bem agasalhado, aproveitando-se do abastado magazine para se disfarçar o máximo que pudesse. Decidiu trajar-se sem extravagâncias, a fim de se passar por um turista qualquer, que viera à cidade para a procissão de *La Siracusana*. Tinha escolhido uma boina oitavada, mas acabou desistindo, trocando por um chapéu marrom, que o esconderia de maneira mais eficaz. Arranjou uns óculos de grau leve para não prejudicar sua visão e improvisou um bigode postiço na barba feita, confeccionado com os fios de uma peruca grisalha que pegara de um manequim. Usou o cachecol xadrez para cobri-lhe a parte inferior da boca. O sobretudo de cor caqui fechava a composição, sobrepondo as calças de brim castanho-escuro e sapatos mocassim no mesmo tom. Pusera-se perfeitamente curvado, usando uma muleta de roble brilhante. Fazia agora, o papel de um senhor debilitado, muito diferente do homem gordo,

desleixado e cheio de vigor que fizera sua fama. Esperava que o excesso de perfume que havia passado no pescoço não o denunciasse, assim como o forte bafo de uísque que ele sabia estar exalando. A intenção era misturar-se àquelas figuras, não chamar a atenção das mesmas.

Sutilmente italiano. Sou um senhor doente, sem face como todos os outros, rezando pelas ruas da Sicília.

No entanto, o que lhe parecia complicado, tornou-se difícil. Extremamente difícil. Como se não lhe bastasse o desafio de domar o pânico e o nervosismo que, sem misericórdia alguma, o golpeava minuto após minuto, agora as ruas, outrora amigas de seus crimes, resolveram quebrar o pacto de proteção perpétua que tinham firmado com ele. Mal dera os primeiros passos e todos que caminhavam, seja à sua frente, seja do outro lado da rua, viraram as faces insípidas em sua direção, demonstrando reconhecer seu rosto. Observavam-no sem parar o passo. Caminhavam sem olhar para frente, duros. Como se fossem espectros, sem qualquer vestígio de espírito, loucos para sugar o resquício de alma que lhe restara. Ou como se fossem corujas, com o pescoço girado de forma que desafiasse a própria natureza.

Olhou para si mesmo no reflexo dos carros e viu-se engrossando o coro na procissão dos condenados. Sentiu-se parte daqueles seres, tal como eles, pesando e mensurando o caos e o remanso de um indivíduo sem nenhum traço de identidade. *Sou um monstro sem semblante. Eu não tenho expressão. Eu sou um igual. Carne comum da carne comum. Eu não tenho feição e sou livre. Eu caminho na penumbra. E a penumbra me torna livre...*

Então o que viu a seguir, fez com que o coração parecesse parar. Duas quadras à frente, uma cena brutesca acontecia: um idoso estava sendo esfaqueado impiedosamente nos rins, por um corpulento homem. O senhor urrava de dor. Espavorido, Santo quase deu um grito quando o matador virou-se lentamente e fitou-lhe com um ar de deboche. Estreitando os pequenos olhos azuis, vomitou-lhe aquela frase que lhe era tão familiar, com um sorriso maligno entre os dentes. Um tenebroso mau presságio o invadiu ao reconhecer de imediato o homem.

— Salvatore manda lembranças!

Santo Salafia estava horrorizado. Via a si mesmo, assassinando uma das inúmeras vítimas dos Solarinos. Acelerou o passo vacilante e, ao cruzar consigo mesmo, a cena toda desmaterializou-se, virando cinzas. Sentiu um ódio súbito emanar dos homens sem rosto, como se estivessem a julga-lo impiedosamente pelo que fizera no passado.

Calma, Santo. Você está tendo alucinações! Mantenha a calma!

Agarrou firme o terço e pôs-se a rezar novamente a novena. Três minutos depois, atravessou uma viela e deu de frente com a esplanada do *Stadio Nicola di Simone*.

Imediatamente, sentiu um odor acre de carne queimada invadir seus pulmões. Um carro estava ardendo em chamas com quatro pessoas dentro. Gritos lancinantes atingiram-lhe os tímpanos:

— *Santo, Santo, Santo, abbi compassione di noi! Clemenza signore Dio dell'universo!*

Contorcidos como plástico derretido, olhavam para ele prestes a desfalecerem, com a pele do rosto desprendendo dos ossos. O Leão ouviu-os exaurindo uma última súplica, para que ele os salvasse do homem que reconheceu ser ele mesmo.

Não é real! Não é real!

Santo sabia que precisava se recuperar com extrema urgência ou tudo acabaria ali mesmo.

Estou caminhando entre os normais. Não há nada acontecendo!

Sentiu as cinzas atingindo-lhe os olhos, sem que ficassem irritados, no mesmo instante que passara pelas chamas que haviam acabado de desaparecer. Santo estremeceu. Sabia o que o aguardava na próxima rua. A assombração de Giancarlo Sersale, o farmacêutico pessoal da esposa de Salvatore, que quase a matara por administrar-lhe um remédio errado, sopraria-lhe o pó que restou do seu corpo em decomposição, abandonado em uma caçamba de lixo, e o mafioso estaria confrontando a ele mesmo, mais uma vez. Dizendo-lhe com um rosnado insidioso:

Ninguém quer o banquete das consequências, não é Santo?

Apressou o passo e tentou se recompor, sem muito êxito. Curvado, com o terço na mão, concentrou todas as suas faculdades mentais na novena.

Sim, a novena me salvará!

Vendo que não conseguiria recuperar-se por bem, optou por consegui-lo por mal. Deixou que o sangue subisse e permitiu que o ódio o visitasse mais uma vez. *Sim, aqui está o velho Leão. Finalmente!* Inspirou profundamente e fechou a cara.

Sentiu como se desse vida à famosa caricatura de Winston Churchill, cuspidando fogo ao ser sumariamente questionado sobre Galípoli. Indiferentes à atitude patética do mafioso, a horda de seres sem face seguiu analisando-o friamente.

Saiam! Desviem! Não esbarrem em mim, que o que hoje eu ofereço é tropeço!

Quase conseguiu permanecer indiferente ao passar pela fachada da *Trattoria America*, quando viu-se martelando um enorme cravo na planta das mãos de um homem no madeiro do balcão. Observou a si mesmo impregnando de saliva o rosto lavado de lágrimas do infeliz. Proferia o aresto de sempre.

— Eis aqui a sua chance: ou você implora para morrer como homem, ou morrerá como um verme, esmagado. Então me certificarei de espalhar seus pedaços nas ruínas do *Teatro Greco!*

Ciente que aquilo significava a sentença de uma morte dolorosa, o trapaceiro engoliu a cápsula de cianeto gentilmente deixada por Santo no ábaco do bar. E os

Solarinos dariam-se por satisfeitos, considerando a dívida do problemático viciado em jogos quitada.

Finalmente, chegou defronte à *Catacomba di Santa Lucia*, o local preferido de Santo para cumprir seu ofício. Costumava escolher aquele lugar devido à indignação que um assassinato cometido ali causava nos católicos, que se irritavam mais com a profanação do sagrado do que pela vida que fora ceifada. O mafioso achava engraçado, como um religioso poderia ser tão hipócrita, a ponto de pregar pela vida de maneira genérica e relativizar o passamento de alguém, só porque morreu em solo santo. Nesses casos, a troça era sua amiga predileta. *Ingratos! Vocês deveriam me agradecer, isso sim! Não veem que estou apenas deixando suas almas mais perto do paraíso, para não precisarem bater demais as asas? Vai que acabem cansando e desabem exaustas no colo do capeta!* Agora, lembrando pelo que passou na noite anterior, Santo sentiu-se como uma criança retardada. Antes que a vergonha criasse raízes e ele comesse a ter pena de si mesmo, o drama voltou a golpeá-lo. Ao passar do lado do mausoléu e do fosso, os lugares em que o mafioso executava as vítimas, o homem sentiu um arrepio atingir-lhe a espinha. Se antes, vinha padecendo com os delírios perturbadores nos locais em que passou, agora estava absolutamente temeroso com o que aquele vasto rossio viria a se tornar. Carrancudo, o mafioso atravessou a piazza com o cenho franzido, apoiado na muleta e pressionando o dedão nos minúsculos orbes do terço com tamanha força, que a unha do dedão penetrava-lhe a pele do dedo indicador, sem que ele percebesse que o sangue já tingira o rosário de vermelho. No entanto, a dor lhe era bem-vinda. Para ele era sinônimo de vida.

A dor é minha companheira. A dor é minha confidente. E eu a sinto. E se eu a sinto, eu vivo. Eu morro e não a sinto mais...

A princípio nada aconteceu. Depois, como se surgisse de repente, a praça inteira transformou-se em um lamúrio ensurdecador, afugentando com fúria os fantasmas pessoais de Santo e ele se via agora atravessando uma densa névoa de cinzas humanas que se desfaziam uivantes, colidindo em sua direção. O Leão já tinha alcançado o centro da *piazza*, quando o redemoinho de pó humano que o circundava transformara-se em um furacão feroz. Teve a arrepiante sensação de estar sendo suspenso do chão. No entanto, não girava. Não pairava. Permanecia no marco zero do vórtice, à 15 centímetros do paralelepípedo. Os carros, as motos, as bicicletas e dezenas de outros objetos dançavam com ele, em uma espécie de apoteose, ensaiando acertá-lo a qualquer momento. *Non è vero! Non è vero!* Precisava chegar ao limiar da praça. Depois dali, não era permitido matar, devido ao antigo acordo de paz que a *Cosa Nostra* outrora fizera com a *Isola di Ortigia*. Ninguém era inconsequente de violar o tratado de Salvatore, de modo que à partir

daquele ponto, havia uma sensação de segurança pública que resistia desde o início da capitulação.

Quando ele finalmente chegou à esquina, o furacão inteiro cessou e as cinzas desabaram no solo, causando uma gigantesca nuvem de pó. Tudo terminara por completo.

— Viu, Santo? Os temporais são temporários. — murmurou aliviado, perguntando-se por onde iria agora. Estava convencido de não pegar o caminho da orla do mar, onde desovara tantos corpos nas águas, levando suas almas para o além-mar.

Também sou do além-mar errante, já chega de assombração!

Iria pelo centro da *Mazzarona*, onde uma desagradável surpresa o aguardava.

O prestigiado cardeal Carlo Mortillaro era um clérigo de carreira. Ostentara por muito tempo o título de Guardião do *Dicastério*, figurando entre os grandes nomes na alta cúpula vaticana. Outrora considerado *il papabile preferito*, perdera a eleição do Conclave de 1963, para o carismático Cardeal Montini, então eleito para suceder a João XXIII. Prevendo que Mortillaro tornaria-se um rival agressivo dentro da Cúria, o novo sucessor de Pedro não tardou em removê-lo de seu ofício. O castelo de areia do ambicioso sacerdote ruíra por completo, quando o Papa Paulo VI o destituíra do poderoso cargo de Secretário de Estado, substituindo-o por Dom Francesco Gaggia, curador do *Musei Vaticani* e amigo de longa data. Com o passar dos anos, Gaggia tornou-se o mentor do Cardeal Albino Luciani, o Patriarca de Veneza, que ficara imediatamente famoso, após um de seus assistentes dar uma entrevista ao *L'Osservatore Romano*, transcrevendo um diálogo que seu superior tivera com a famosa pastorinha, a última vidente de Fátima ainda viva. Naquela ocasião, o cardeal do norte havia recebido a visita da Irmã Lúcia, em sua breve estadia em Coimbra. O assistente que viajara com ele à Portugal havia presenciado a famosa religiosa chamando-o várias vezes de “Santo Padre”. Em uma delas, Albino não resistiu à tentação da curiosidade e finalmente perguntou-lhe, com um sorriso amável:

— Não compreendo porque repetidas vezes me colocas no trono de Pedro....

— Ora, Vossa Eminência um dia será eleito Papa!

— Sabe-se lá, irmã. Sabe-se lá...

A pequena pastorinha retorquiu-lhe com uma expressão consternada no rosto:

— Será sim. Mas seu pontificado será muito breve.

Desde então, todos os holofotes se viraram ao Cardeal Luciani e agora, o ávido sacerdote siciliano, sabia que seria difícil chegar ao trono e apoderar-se da chave da Santa Sé, mesmo usando toda a influência que havia conquistado nas entranhas da igreja. Mortillaro andava irritado, destilando veneno nos quatro cantos da Basílica de São Pedro. Quem tinha ouvidos, ouviu em alto e bom som.

O próximo Papa uma ova! Se o Luciani pensa que conseguirá ir longe com aquele sorriso falso, está enganado! O anel do Pescador não merece ser usado por alguém que não se interessa pela pescaria...

Na base da determinação e sob um suor intenso, conseguira recuperar rapidamente parte do prestígio perdido, atuando com fervor nos bastidores do fechamento do *Concílio Vaticano II*. O resultado do seu esforço rendera-lhe tanto destaque, que Paulo VI não teve outra opção senão nomeá-lo secretário geral da Congregação

para os Bispos. Agora, com livre trânsito nos corredores ornamentados dos *Palazzi dei Propilei*, o Cardeal Mortillaro angariara de volta muitos seguidores da ala liberal da igreja. No entanto, a simples presença do também liberal Cardeal Luciani, ameaçava seu eleitorado e ele precisava se mover.

Naquele início de madrugada, Carlo Mortillaro se moveria. Finalmente encontrara um evento que o colocaria na capa do *Corriere Della Sera*. A tragédia do padre Giuseppe Lamezia transcenderia a ilha e rapidamente chegaria a Roma, impregnando a atmosfera vaticana de uma consternação absoluta. A história de um clérigo assassinado em plena missa pela máfia era um prato cheio para a imprensa. Antes que os veículos de informação chegassem para cobrir o evento, o astuto cardeal estaria lá, pronto para exteriorizar o lamento oficial da igreja.

Sem tardar, intimou seu *chauffeur* a levá-lo imediatamente para a Sicília, descendo as estradas da bota com toda velocidade, não antes de dar alguns telefonemas àqueles a quem servia.

CAPITULO VENTUNO

A tanatopraxia do padre Lamezia estava quase concluída, quando o som estridente da campainha do telefone, mais uma vez invadira a silenciosa recepção da funerária. O ramal tocou. Uma. Duas vezes. Irrequieto, o agente mortuário atendeu; — *Prego?*

— Senhor Karim Menara, desculpe-me a interrupção. O bispo está na linha 3, ele diz que é urgente.

O homem franziu a testa. Já não bastara a exigência de preparar o corpo às pressas para a procissão e encomendar o caixão mais barato do catálogo, pareciam querer retardá-lo a cada meia hora. *Como raios conseguirei finalizar a minha arte se sou interrompido sistematicamente?* O trabalho daquela madrugada fora particularmente desgastante. As consequências de uma morte por envenenamento eram sempre imprevisíveis, variando de corpo para corpo. Karim recebera o cadáver do sacerdote no pior estado possível. Os efeitos propínquos do *Rigor Mortis* foram cruéis com o idoso, endurecendo-o como pedra. Contorcido e inchado, estava com a pele quase preta. O sangue saíra pelas cavidades oculares vazias e a língua se expandira de tal modo, que fora impossível recoloca-la de volta, sendo necessário decepá-la inteira. Depois de mais de 4 horas de um trabalho árduo, Giuseppe Lamezia já estava quase pronto, restando-lhe apenas o delicado processo ornamental. O agente funerário estava exausto. Precisava urgentemente de mais um espresso duplo, e no entanto, não conseguira tempo para tomar fôlego algum. Emburrado, teve a certeza de que a bebida ficaria para depois.

O velório começará daqui à 2 horas, estou certo que o clero pode esperar mais um pouco!

Intransigente e inconveniente, o cronograma daquele serviço exigira do homem toda a experiência que adquirira em quase 21 anos de profissão. Conhecia a meticulosidade do clero italiano e, mesmo assim, aquele prazo parecia-lhe ridículo. *Entendo que queiram vela-lo na procissão, mas será que eles se importam com as dificuldades que estou tendo? Sejam menos exigentes, pelo amor de Deus!*

Respirou fundo, procurando recuperar a compostura. Suavizando a voz, o marroquino respondeu com a tradicional polidez que seu ofício lhe exigia:

— Por gentileza, diga-lhe que estou sozinho finalizando as suturas e que daqui à 20 minutos iniciarei a maquiagem de Giuseppe. E que retorno assim que terminar, sim? Obrigado.

Antes que pudesse responder, Edna ouviu o som do telefone sendo colocado no gancho. Católica devota, a secretária de meia idade estava convicta que sua fé

antecedia em muito a sua profissão. *Eu é que não desapontarei a igreja, meu patrão que me perdoe, mas Deus vem primeiro!* Traçou um sinal da cruz mal feito no corpo. Em seguida, mais uma vez, discou no ramal de Karim, com o bispo ainda na espera, rezando para que ele não a amaldiçoasse pela demora.

— Desculpe a insistência, senhor. O bispo disse que não pode esperar. Estou repassando a ligação.

Perplexo, o homem arregalou os olhos. Quis dar um sermão na funcionária, mas percebeu que ela não estava mais lá. Ao invés de ouvir o familiar som da respiração pesada da mulher, o ruído de um ambiente distinto surgiu em seus ouvidos e um timbre derreado e rouco soou no outro lado da linha, chamando-lhe pelo nome:

— Senhor Karim Menara? Aqui é Dom Tessio Primadonna.

— O-olá Vossa Eminência! Estou finalizando o trabalho em nosso querido sacerdote... que tristeza! Uma terrível perda para Siracusa! — disse o homem, dispondo a voz numa lamúria teatral que não passou despercebida ao clérigo.

— Sim, sim! Nosso amado Giuseppe se foi. Escute. Daqui a meia hora, receberei pessoalmente a visita do Excelentíssimo Cardeal Carlo Mortillaro, que está chegando de Roma. Uma viagem desgastante, pobre homem! É inesperado, eu sei. Olha, sei que a solicitação é severa, mas precisamos que o corpo esteja pronto antes do prazo. Poderia entrega-lo a nós, digamos, daqui à uma hora?

— Impossível, Vossa Eminência! Acabei de costura-lo. A máquina terminou a drenagem há pouco tempo e...

— Senhor Menara, eu sei que conseguirá. Seus serviços funerários são os melhores da cidade, tenho a absoluta convicção de que ainda retém consigo alguns coelhos em sua cartola. O senhor é um artista!

— Vossa Eminência, eu...

Mas o bispo não estava mais na linha. Dom Tessio devolvera-lhe a resposta no mesmo tom cênico e desligara o telefone antes que o imigrante pudesse replicá-lo. *Claro! Um bom entendedor, observa calado...* Pensou o agente, lamentando-se por ter atendido a ligação que não lhe dera opção alguma que não fosse correr muito.

CAPITULO VENTIDUE

Dom Tessio mal acabara de colocar o telefone no gancho, quando ouviu o fragor dissonante da campainha reverberar estridentemente no alto teto da entrada do Palácio Episcopal. O bispo fez cara de dúvida. Andou nas pontas dos pés em direção à saída, tomando cuidado para que não fosse ouvido. Receoso, pôs a íris verde oliva no olho mágico recém instalado na porta, desejando estar equivocado sobre à quem poderia pertencer os dedos que insistentemente pressionavam o botão do lado de fora. Quando viu o cardeal, soltou um arquejo desanimado. Planejara receber o corpo do padre Giuseppe logo após a chegada do ilustre visitante, mas agora, seus planos de burlar o encontro com o velho arrogante, foram suprimidos.

Dio mio, Carlo è già arrivato?

Sentia-se fatigado. A noite fora terrível e o dia estava apenas começando. Nem mesmo um sujeito cordato como ele conseguia crer em tudo o que houvera. *Se eu contasse, nem Jesus acreditaria!* Recordou-se da cadeia de acontecimentos que desenrolara naquela madrugada insana e perdeu o fôlego. De imediato, recordou-se de tudo, como se lesse os compromissos do dia em um bloco de notas amassado, retirado do bolso do paletó. Escondeu Santo Salafia dos Solarinos. Depois de Manfredo e da polícia. Esfregando os olhos cansados, lembrou-se do restante. Após prestar contas ao clã, cuidou de Giuseppe e dos preparativos para o funeral. Lidou com seus parentes, chorosos e desolados. Escorraçou a imprensa.

Encontrou-se forçosamente com os organizadores da procissão, que não pararam de procurá-lo até que ele os atendesse. Tentou, sem sucesso, dispersar alguns fiéis que iniciaram uma vigília do lado de fora às 2 horas da manhã. *É inverno, pelo amor de Deus! Vão embora!* E agora, o cardeal que queria fazer da tragédia alheia seu palanque particular, estava de pé, em frente à sua porta. Bateu as mãos na camisa preta, à fim de retirar o resquício de pó que havia e inseriu o clergiman branco em volta do colarinho. Pôs a mão na fechadura e abriu-a em um único movimento.

Lá vamos nós mais uma vez...

Olhos muito claros, que rivalizavam pela atenção com o excesso de rugas em torno das olheiras pálidas, o analisaram em silêncio. Segundos depois, as severas marcas do bigode chinês do senhor acentuaram-se quando este esboçou-lhe um sorriso forçado em meio às palavras:

— Diga-me, filho, porque vocês sulistas tem esta terrível mania de pequenez? É pedir muito que Jesus os cure de sua imperdoável Síndrome de Estocolmo, de uma vez por todas? Me responda!

Dom Tessio franziu a testa, pensando não ter entendido.

— Perdão, Vossa Santidade?

— Não consegue ler aquela citação inglesa ridícula, meu caro jovem? — disse, enquanto apontava com o indicador repleto de sulcos, na direção de um pôster no outro lado da *piazza*, fazendo cara de nojo. O brilho do rubi que reluziu do anel, serviu para lembrá-lo à quem aquela pedra preciosa pertencia. À sua frente se encontrava o poderoso Cardeal da Sicília, outrora papável e ainda um forte candidato à Cátedra do Regente.

Sentindo-se cansado demais para joguetes imaturos, o bispo lançou um olhar rápido na fachada neoclássica do *Palazzo della Sovrintendenza ai Beni Culturali di Siracusa*. Leu em voz alta o texto no cartaz desproporcionalmente grande colado à parede de pedra:

“A verdade é um cachorro que tem de ficar preso no canil. E deve ser posto fora de casa a chicotadas quando madame Cadela quer ficar calmamente fedendo junto ao fogo” - Bobo da Corte, O Rei Lear.

— Ah, sim! Bem-vindo de volta à sua casa, caríssimo Cardeal Mortillaro. Não gosta de Shakespeare?

Espadaúdo e alto, o jovem bispo teve que curvar-se para alcançar as mãos do seu superior de baixa estatura, que não fez questão de levantá-las um centímetro sequer para que seu súdito beijasse-lhe o anel. Vendo-o abaixar-se, Carlo deu um sorriso malicioso.

Isso mesmo. Como um cãozinho!

— Não aprovo nada que venha daquele lixo de país. Prefiro Maquiavel! — o riso entre os lábios agora denunciava o enorme esforço que o cardeal fazia para ludibriar os olhares que começavam a surgir da praça.

— Chega de conversa, *capiche*? Ou me deixa entrar ou logo mais carregará os corpos de dois senhores em sua procissão! Está frio aqui fora, rapaz!

— Mas é claro, senhor, sinta-se em sua própria casa! E seu motorista? — disse Dom Tessio, apontando o carro há pouco menos de três metros de distância.

— Sim, dê-lhe um quarto imediatamente. Não pretendo passar a noite aqui. Quero acordar na minha cama, se é que me entende...

Minutos depois, o *chauffeur* estaria acomodado em um quarto austero, impecavelmente limpo, que uma das empregadas do *Palazzo* providenciara a ele. O homem recusara o café da manhã e fora direto deitar-se, desejando dormir de uniforme, tamanho o cansaço que sentia.

Do outro lado da propriedade, regados a uma grande quantidade de cafeína e açúcar, os dois clérigos estavam à beira da lareira. Mantiveram as aparências, até que o último criado batesse a porta, deixando-os a sós. Carlo Mortillaro bebeu rispidamente o café em um único gole. Após bater a xícara de porcelana com

estrondo na mesinha de vidro, sentou-se na ponta da poltrona e apontou o dedo em riste no rosto de Tessio. Pôs-se à balançá-lo desagradavelmente para cima e para baixo, antes mesmo de começar a dizer, o mais silenciosamente possível, para não ser ouvido fora daquelas paredes:

— Você pode me explicar que merda aconteceu ontem na sua catedral? Como diabos Santo Salafia conseguiu pôr veneno no vinho da consagração? E como você deixou que ele escapasse, me diga!

Evasivamente, o jovem clérigo tentou relativizar o ocorrido saindo pela tangente, à fim de colocar panos quentes no clima polar que se instalara naquela sala.

Procurava domar a fera, que parecia prestes a pular em seu pescoço, faminta por sua carne.

— Vossa Santidade, o velho foi morto porque teve o azar de ouvir a confissão de Santo, mas o buraco é muito mais embaixo: não foi o Leão que o matou. O que houve é que o idiota gordo entrou na igreja para se esconder do Orazio Brascia, que o seguiu pela cidade sem que ele percebesse. Não se engane, amigo. Esse aí é o verdadeiro Oráculo de Sofled. Um imbecil!

O superior franziu o cenho. Respondeu-lhe bufando o ar, impregnando o ambiente com o fedor do hálito azedo de café que saía-lhe da boca:

— Sofled? Quem diabos é Sofled, rapaz?

— Sofled, sabe? Delfos ao contrário. Pelo amor de Deus, tudo que o Brascia fala é o contrário do que faz. Parece o próprio toque de midas reverso. Transforma ouro em merda!

O Cardeal levantou-se, dando um passo ameaçador em direção ao Bispo, embrenhado no assento. Colocando-se no mesmo nível do rapaz, apoiou as duas mãos nos joelhos flexionados e pôs-se a mirar os olhos do subordinado, fulminando-o à menos de meio metro de distância. Tessio sentiu-se encolher, deixando o corpo afundar ainda na velha poltrona capitonê de couro carmesim. Depois de um longo instante de silêncio, em que o jovem não ousou olhá-lo nos olhos, Carlo pôs a destra em seu ombro com força, enchendo-o de tapas desajeitados no rosto, enquanto advertia-o pausadamente:

— Você pensa que vai conseguir escapar, fazendo trocadilhos idiotas e dando sorrisos? Eu vou descobrir o que você fez antes que eu retorne àquele hospício que eu vivo, está me ouvindo?

CAPITULO VENTITRE

O jovem Tessio estava no auge das suas capacidades físicas e mentais. Nomeado bispo aos 28 anos, foi o clérigo mais jovem da sua geração a alcançar o bispado na Itália, despertando admiração, cobiça e inveja no clero. Naquela manhã, sentiu que nenhuma de suas qualidades ou influências que o conduzira até ali, lhe garantiria amparo por muito tempo perante o velho.

Vá pela diagonal, meu caro. Não se exponha sem necessidade. Você é um bispo, caminhe pela tangente!

O rapaz, dono de uma mente brilhante, outrora acostumado a dominar o tabuleiro, estava sendo impiedosamente encurralado pela velha raposa, que afunilava os movimentos com agressividade, decidido a derrubá-lo. Tessio precisava mexer-se com inteligência e rapidez, antes que seu rei sofresse o xeque-mate que se avizinhava. Mas não havia como escapar. Sua queda era iminente. O flanco estava completamente desguarnecido, os peões já não existiam mais. Estava entregue. À apenas um átimo de ceder a confissão, o ruído de uma leve batida na porta interrompeu a virilidade do superior. Sabia do que se tratava.

Um respiro, finalmente! Obrigado por me salvar, Giuseppe.

Levantou-se de um salto, tentando conter a ansiedade, sem muito sucesso:

— Entre, por favor!

Um franzino seminarista de cabelos ralos e negros, trajando sua habitual batina negra adentrou na sala, parecendo extasiado pela presença do Cardeal Mortillaro. O riso contido, que evidenciava-lhe as maçãs rosadas no rosto magro, denunciava a admiração exagerada que nutria pela figura de alta patente, paralisada no centro da sala, devolvendo-lhe o sorriso, sem graça, com o olhar absorto em lugar nenhum. O visitante ia abrindo a boca para falar, mas Tessio antecedeu-lhe, dizendo com brandura:

— Pietro, por gentileza, peça que depositem o caixão diretamente na nave central da catedral. E que o senhor Karim Menara aguarde um instante que já vou ao encontro dele, sim? Não permita que ele parta antes de falar comigo, isso é muito importante. Obrigado!

O seminarista coçou a cabeça. Tinha no rosto uma expressão confusa.

— Mas... agora? Eu... não entendo, senhor. Nem Giuseppe nem o senhor Menara estão aqui... o novo cronograma diz que o corpo do padre sairá diretamente do Panteão de São Tomás, unindo-se ao estandarte de *La Siracusana*, na *Piazza Duomo*, às 15 horas. Toda a organização está cuidando da alteração do itinerário, seguindo a solicitação do Excelentíssimo Cardeal Carlo Mortillaro à risca. Aliás,

antes que eu me esqueça, uma mulher chamada Madalena acabou de nos telefonar para avisar que já estão de posse do corpo, preparando o andor que o levará pelas ruas. E eu respondi à secretária do cardeal que lhes informaria sobre terem recebido o padre Giuseppe. Foi por isso que bati na porta, para avisar-lhes que está tudo certo e que recebemos as alterações. Está tudo certo, não é?

Dom Tessio Primadonna franziu a testa. “Madalena” era o código cifrado que a Cosa Nostra usava em ações veladas ou em operações de extremo sigilo. *Mas que diabos Salvatore quer com o corpo de Giuseppe?* Um calafrio, cortante e sinistro desceu-lhe a espinha. *Meu Deus!* Algo terrivelmente mau estava acontecendo e ele sentiu a situação fugir do seu controle.

— Sim, claro! Descuido meu, devo estar delirando. Esta noite definitivamente acabou comigo!

— Tem certeza, senhor? Se preferir, podemos cancelar e seguir com o itinerário original. O público ainda não foi informado. Não é algo difícil de ser feito, posso cuidar pessoalmente disso...

— Não será necessário, meu amigo — antecipou-se Carlo, fazendo uso de seu costumeiro sorriso amarelo, estendendo-lhe a mão encarquilhada, num evidente gesto de despedida — Não se preocupe meu jovem, podemos dar prosseguimento com o novo planejamento. O pobre Giuseppe merece toda a nossa homenagem e é o que faremos logo mais. Um grandioso tributo em sua memória, junto à nossa amada padroeira.

Pietro quase perdeu o jeito, ao receber os cumprimentos do Cardeal. Respondeu-o cego de admiração, incapaz de perceber que acabara de ser enxotado do lugar.

— Mas é claro, Vossa Eminência! Toda honra ao nosso querido padre Giuseppe!

— disse, benzendo-se após separar as mãos do aperto firme de Carlo. Ia saindo, quando se lembrou do outro assunto que viera trazer, girando de súbito sobre o calcanhar.

— Ah, senhor bispo, mais uma coisa: o padre Massimo Vitale está na sala ao lado. Disse que precisa alinhar alguns detalhes com o cardeal e que será breve. Ele pode ser atendido agora?

— Sim, podemos fazer isso agora, peça-o para entrar, por gentileza! — disse Dom Tessio antecipando-se ao Cardeal Mortillaro, que o fulminava com uma expressão ameaçadora.

A raposa esperou que o seminarista saísse da sala, para disparar-lhe sua sentença, dotada de uma fúria letal:

— Nosso assunto termina aqui! Eu sei o que você fez, Tessio. E o clã também saberá! Aguarde as consequências.

CAPITOLO VENTI QUATTRO

Massimo Vitale era um padre conservador do baixo clero. Aos 63 anos, passara os últimos vinte e sete deles lutando com unhas e dentes contra a ala liberal da igreja. Do início ao fim, gladiou uma batalha desigual e perdeu o conflito. E, como resultado da derrota, quase fora excomungado da igreja. Ao invés disso, foi condenado a permanecer no sorvedouro até o fim de seu ministério, como pároco auxiliar, pulando de comunidade em comunidade nas cercanias de Siracusa, sendo sempre tratado como o rebotalho do refugio. Mas nada daquilo o perturbaria por mais tempo. Seus últimos dias na Terra estavam contados, e agora, o clérigo pelejaria contra outro oponente muito mais agressivo. Vitale herdara um câncer mortal no intestino delgado, que rapidamente se espalhara em seus outros órgãos vitais. Não tendo mais nada à perder, colocou-se na linha de frente do exército mais uma vez. *Já que eu vou morrer, que seja de pé e com a baioneta em riste! O que mais Golias pode me fazer? Arremessar uma montanha em minha cabeça? Que a esmague, minha consciência está limpa!*

Naquela noite de domingo, o infausto sacerdote estava acompanhado de não mais do que 20 pessoas. Eram admiradores que apreciavam as ideias conservantistas do religioso, a maioria deles homens de meia idade, anotando cada asserção que saía de sua boca. O clérigo estava ali, ministrando uma palestra sobre o livro de sua autoria, intitulado “*As Portas do Inferno*”. Lançado há 3 meses, a obra tivera uma vendagem pífia e o velho Massimo sabia o porquê. Suas palavras traçavam um paralelo perigoso entre a promiscuidade recente da Igreja Católica e a adesão ao profano vindo das entranhas de Roma. A prefeitura encomendara uma réplica da famosa porta de Auguste Renoir, a afamada obra de arte conhecida como *La Porte d'Enfer*. O reverenciado artista, notado amigo íntimo do satanista britânico Aleister Crowley, havia feito uma peça de ferro colossal, inspirada no *Inferno de Dante*. Uma cópia da porta seria instalada na entrada principal do *Palazzo del Quirinale*. E agora, os afortunados que quisessem entrar na toda poderosa residência presidencial, teriam que passar pela porta do inferno, literalmente. Neste pano de fundo, Massimo Vitale costurou o roteiro do seu denso manuscrito, resultando no simbólico número de 666 páginas.

O autor, que já esperava um duríssimo boicote de seus colegas de batina, ficou desanimado com a baixa adesão do público leigo à história que escrevera. Aparentemente, a polêmica religiosa não era uma curiosidade comum. Sua obra passara quase despercebida, beirando o flerte com a irrelevância literária. Vitale ponderou, considerando que seu próprio livro espelhava o insucesso de suas ideias.

O interesse comum pelo sagrado estava em baixa. O conservadorismo na Itália passava por um declínio vertiginoso. De acordo com sua visão, a Igreja Católica estava perdendo a guerra contra àqueles que pregavam que Deus estava morto. Nos poucos países em que ainda existia a liberdade de culto, proclamava-se abertamente que o mundo sem Deus era um mundo melhor. Esta crise sem precedentes fez surgir uma geração de religiosos, que o padre conservador definia como “santidade de brinquedo”, adeptos à teoria de que Deus era incapaz de condenar alguém ao fogo eterno, sendo todos destinados à salvação do inferno que nem existia. Agora, a geração havia se infiltrado nos ares vaticanenses e a igreja afrouxava as rédeas, cedendo terreno às exigências da messe moderna que, sem qualquer piedade, impunha uma ditadura libertina e impudica ao ocidente.

— Como podem ver — disse o padre Vitale, trocando a imagem do slide, amplificada na parede por um projetor — o aborto e o satanismo vem sendo cada vez mais aceitos na sociedade. Algo que há 60 anos era impensável e que hoje, apenas alguns dias após algo do gênero ser publicado, gera no público um fascínio comum, que massivamente compra a ideia à cargo de curiosidade, divertindo-se como se o mal fosse uma ficção, colocando a fé no mesmo balaio. Então, o artigo é deixado de lado e esquecido, como se fosse um fato corriqueiro...

Um dos presentes levantou a mão alto, como se quisesse fazer uma pergunta. O clérigo, interrompendo o próprio monólogo com absoluto interesse, respondeu ao garoto:

— Sim?

— Padre, tenho uma dúvida: até onde Deus pode permitir que o demônio envolva as pessoas, de modo a levá-las aos comportamentos mais hediondos? Digo, em que sentido se aplica, diante dessas condições, a promessa que Nosso Senhor Jesus Cristo fez à igreja, no qual Ele dizia que “as portas do inferno, não prevalecerão contra ela”?

O padre Vitale deu um sorriso aberto. Como bom italiano que era, iniciou o discurso gesticulando o indicador, dando uma prévia gratuita da dramatização que usaria como tempero às palavras, quase cantadas:

— Sim, uma questão pertinente que constantemente vem sido feita. Meu jovem, veja, a pergunta não consiste em “até onde o diabo pode chegar”, mas sim “até onde ele já chegou.” Pelo menos no que se refere ao coração da cristandade, que é a Itália, sobretudo a Cidade Eterna. Entenda, não se pode afirmar que Roma é uma cidade qualquer. Estamos falando da sociedade que brutalmente martirizou São Pedro e São Paulo, os dois pilares da igreja. A outrora Roma dos imperadores, se tornou a Roma dos papas e a paganização deste centro é muito significativa...

— Mas o que o paganismo tem a ver com o satanismo? — disse um outro senhor, no fundo da sala, reticente ao tema.

— Entenda bem: quando nós falamos de satanismo, isso equivale à rigor ao paganismo, porque o culto que os gentios prestavam aos deuses pagãos, eram cultos aos demônios. Contradizer isso é ir contra o que prega São Paulo em suas encíclicas, por exemplo...

O senhor, insatisfeito com a resposta recebida, interrompeu o padre mais uma vez, demonstrando ceticismo com a questão.

— Sim, sim eu entendo. Mas qual paganismo tem sido efetivamente cultuado na Itália? Penso que estes são cultos obsoletos de tão insignificantes, ou mortos mesmo. Esquecidos através das eras. Um mero folclore, não?

Massimo Vitale sorriu. Sabia que esta pergunta antecedia o que viria a expor em seguida. Respondeu-lhe com firmeza e certeza, sem deixar-se vacilar pelo desafio que lhe era imposto.

Hora do show...

— Você sabia que, recentemente, em um evento promovido pelo Ministério da Cultura da Itália, houve uma celebração bizarra — à título de folclore, claro! — onde um homem apareceu no palco vestido de bode, com chifres e asas negras, rodeado de astros e símbolos diabólicos? Entenda, isso não aconteceu em uma rodinha de adolescentes, mas em plena capital da República, mais precisamente na casa dos senadores, atendida pelo nome *Palazzo Madama*. O evento foi aclamado pela mídia, que divulgou o fato profusamente. A maior delas, divulgou uma matéria com o título “Uma Nova Era nasce entre nós”. Sabia disso? Pois tente adivinhar quem, além do Senado inteiro, estava prestigiando e aplaudindo de pé. Sim, algumas figuras do alto clero, incluindo o ilustre camerlengo do Papa Paulo VI e o notável Cardeal Mortillaro. Um autêntico tributo à Baphomet.

O senhor que fizera a pergunta ficou intrigado. Assim como todos na sala, pareceu emudecer por completo.

Quer mais um exemplo? Que tal a exposição inspirada na cultura da religião de Cartago, realizada em Roma no ano passado? Pois eis que, logo na entrada do Coliseu, uma colossal escultura de Moloch fora colocada no lugar da grande cruz. Mas qual cruz? A cruz que marca o lugar perpétuo de recordação à memória dos incontáveis mártires, que foram mortos ali, sacrificando suas vidas pela igreja de Cristo. Preciso mencionar que Moloch é o inimigo por excelência do Deus Uno, mencionado explicitamente cinco vezes no Pentateuco, onde é condenado e abominado pelos profetas? Sim, o deus pagão, para o qual se faziam sacrifícios humanos, substituíra por um semestre inteiro a cruz no abatedouro de santos mais famoso da história. Financiada pela aristocracia italiana, obviamente.

O público presente agora estava perplexo.

E tem mais! — disse Vitale, empolgando-se pela reação de espanto que emanava da sala — nos jardins do Vaticano, uma celebração em honra à Pachamama,

aconteceu há três semanas. Sim, no território mais terrivelmente católico do planeta! A igreja está usando as chaves de Pedro para abrir seus portões para o diálogo com outras crenças, à fim de demonstrar que está alinhada com o pluralismo de ideias que a Era Moderna tem imposto. E permitiu que centenas de pessoas estivessem prostradas de joelhos à imagem pagã, em pleno solo sagrado, onde a cruz do próprio São Pedro fora erguida com o apóstolo vindo a ser martirizado de cabeça para baixo. Mas quem é a Pachamama? Sim, para alguns é uma personificação da Gaia. E para outros, o arquétipo do universo, que engendra uma espécie de anti-virgem Maria. Veja, enquanto a sagrada Virgem trouxe o Cristo em seu ventre, a Pachamama, uma falsa mãe-terra, deu à luz a um falso deus, oferecendo outra divindade ao mundo e confrontando Jesus, nosso único Senhor. Ora, o que é um falso deus senão o próprio anticristo? Meus amigos, vejam como é o progresso no ministério da iniquidade. Em Nápoles, foram espalhados cartazes com blasfêmias, como um simples manifesto pela liberdade de expressão. O homem está se afeiçoando à Lúcifer, o rebelde desde o princípio. Assim como o anjo caído queria usurpar as prerrogativas divinas, o homem tenta a todo custo, demonizar os cristãos, colocando-se como o novo-deus e centro da vida, buscando ser imagem e semelhança de Satanás e não de Deus. Veja, isso aconteceu justamente em Nápoles, uma cidade prestigiada por grandes homens como São Tomás de Aquino, Santo Afonso Maria de Ligório, São Januário e outros muitos santos. Um verdadeiro santuário para os apreciadores da filosofia escolástica, visto que a cidade abrigou ninguém menos que São Severino, o padre que ajudou a reestabelecer a união escolástica na Itália.

O murmurinho tomou conta da sala.

— Espero que não estejam cansados, afinal, os exemplos são infindáveis — o padre deu um sorriso aberto, tomou um gole de água e retomou o monólogo — em Pádua, um boneco gigante será colocado em frente à basílica. Exatamente! O Wicker Man, o deus celta, usado para queimar as pessoas vivas dentro de sua barriga, será reverenciado nos idos de maio, em uma exposição ao ar livre, celebrando a miscigenação dos povos e a imigração de país em país, que vem causando uma secularização de culturas. Entenda, meu filho, a Nova Ordem Mundial está sendo aclamada na Europa neste exato momento. Quando por exemplo, um muçulmano imigra à um país de cultura cristã, é inevitável que um desajuste bastante grande, ocorra. Com isso, ambas culturas perdem muito de sua identidade. Secularização! Pura e simplesmente. Meus amigos! Da Iugoslávia ao Golfo Pérsico, irmão está se virando contra irmão, os filhos estão abandonando os pais. Ônibus escolares e mercados estão sendo explodidos semanalmente. Há anos o povo judeu retornou a pátria Israel, não seria isso um sinal do fim dos tempos? O outro rapaz me perguntou até onde o diabo pode ir. Contemplem o rumor que

precede a turbulência! Para cada coisa divina na Terra, há outra que não o é. Essa é a própria essência do tentador. Ou acaso seu anjo da guarda está apenas apreciando a vista terrena, enquanto assiste você brincar de livre arbítrio?

O público estava silente. Assustado. O padre, sabatinado pelos próprios leitores, distribuía-lhes seu parecer sobre uma instituição milenar que vinha permitindo ser pressionada por uma filosofia de vanguarda. No momento em que Massimo Vitale acusaria o papa Paulo VI de ser um antipapa, flertando com a excomunhão e assustando de vez o público, uma porta abriu, interrompendo o clímax. Pietro, o seminarista, entrava afônico, quase não conseguindo dizer:

— Senhor, mataram o padre Giuseppe! Ele está morto no altar-mor da basílica!

CAPITOLO VENTICINQUE

Há séculos, a laureada procissão de *La Siracusana* recebe milhares de peregrinos de nações e etnias díspares, que abarrotam a ilha, disputando cada pedaço de chão, à fim de chegarem o mais próximo possível ao andor de Santa Luzia. A maioria andeja as velhas ruas sicilianas em gratidão à padroeira pela graça que lhes fora concedida. Outros, vão à ilha devido ao versado apelo literário da Santa, tendo como grande instigador, ninguém menos do que o pai da língua italiana. Seiscentos anos atrás, Dante Alighieri atribuiu à Luzia a notável função de “graça iluminadora” em sua obra-prima *A Divina Comédia*, e desde então, a imagem da mártir espalhou-se rapidamente como símbolo cultural, vindo a ser uma fonte permanente de inspiração para artistas e para a plebe comum.

No entanto, os plebeus estavam prestes a experienciar uma procissão diferente de qualquer outra já realizada ali. Naquele 13 de dezembro de 1972, uma temerosa Siracusa dividiria a celebração de sua padroeira com o cortejo fúnebre de Giuseppe Lamezia. O corpo do sacerdote já estava pronto quando Massimo Vitale, seu grande amigo, tentara sem êxito persuadir o Cardeal a desistir de inserir o velório do desventurado defunto no afamado préstito de Luzia. Antes que pudesse implorar, fora praticamente escorraçado da sala. A situação só não chegou às vias de fato, porque Dom Tessio intercedera à favor de Massimo, sob o pretexto de que o polêmico padre seria necessário na celebração, visto que não sobrara quase ninguém do clero para compor a equipe em um evento daquele porte. O sempre irredutível Mortillaro, pôs a intransigência de lado e aceitou a proposta de Primadonna, não antes de amordaçar o desafeto, com uma expressão ameaçadora: — Nem um pio, Vitale! Eu não quero ouvir a sua voz de novo e não ouse mexer no meu cronograma, está ouvindo? Não me conteste!

E sem sombra de dúvida, ninguém o contestaria. Por sua própria exigência, o corpo de Giuseppe partiria do Panteão de São Tomás às 14 horas em ponto, para então, encontrar-se com a imagem da Santa às 15 horas, em Ortigia. A organização, acostumada com as tradições do rito, se incomodou demasiado com o pedantismo exagerado daquele homem, mas não ousou fazer uso da voz, preferindo o consentimento mudo à uma réplica perigosa. Parecia claro que Carlo Mortillaro estava à procura de palanque, desejando de ser incensado às alturas, e decidiu memorar a alma do velho sacerdote justamente no templo em que iniciara sua célere ascensão ao poder clerical. O cardeal, na época um jovem diocesano recém ordenado, fora o principal incentivador do término da construção do Panteão e de sua inserção no calendário cultural de Siracusa. Porém, desde a sua inauguração

em 1919, a edificação neoclássica orbicular fora pouco utilizada, deixando o clérigo profundamente irritado com a prefeitura e com a diocese. Agora, fazendo uso da autoridade que seu poderoso cargo lhe oferecia, decidira quase que ditatorialmente, roubar o protagonismo e se tornar a figura central do evento que viria causar uma profunda comoção na Europa. Carlo buscara tirar proveito de Giuseppe Lamezia, o morto que estampara as capas dos principais jornais vespertinos da Itália. E herdaria o terrível episódio que sobreviria em plena celebração. O horrendo assassinato de Elisa Salafia acabaria por tirar dele qualquer possibilidade de um futuro papado. Seis anos depois, após ser posto de lado no Conclave que selaria sua rejeição, Mortillaro cumpriria a profecia da pastorinha, envenenando a ceia de Albino Luciani, o patriarca que lhe roubara o trono, destronando-o do pontificado apenas 32 dias após conquista-lo, fazendo com que João Paulo I se tornasse um nome quase esquecido na história.

CAPITULO VENTISEI

A feérica luz do sol das treze horas tocava o solo na *Mazzarona*, incapaz de amornar os muitos pés que sapateavam os ladrilhos. Naquela tarde, a gigante estrela de fogo não podia rivalizar com o vento, congelante e tempestuoso, soprado pelo Mediterrâneo. Indubitavelmente, era uma segunda-feira muito fria e a multidão, já aglomerada no *Parco del Foro Siracusano*, não se importava em roubar o calor do corpo do estranho ao lado, desde que aquele zéfiro maldito não lhes congelasse as vias aéreas. O burburinho contido, crescente à medida em que mais pessoas chegavam, murmurava o mesmo lamúrio dolente:

— “O assassino está solto! O mafioso fugiu! Il Leone pode estar entre nós!”

E de fato, estaria. Há apenas cinco quadras dali o ruído estridente e agudo do sino do Panteão ressoou nas grades que guardavam as vitrines de um prédio comercial, fazendo Santo Salafia estremecer. Desejou poder apressar o passo a esmo. O pouco tempo que lhe restava embrulhava seu estômago.

Uma da tarde!

Sabia que cada segundo dos cento e vinte minutos que lhe sobravam, significavam a continuidade do sofrimento de sua filha. Preciso encontrá-la depressa!

Furtivamente, quis serpentear a multidão que ensaiava juntar-se na confluência das direções logo à frente, mas aquilo o denunciaria e tudo estaria acabado.

Se o povo se levantar, o jogo acaba...

Como se já não bastasse estar completamente imerso naquele ambiente opressivo, algo ameaçador estava prestes a acontecer. No meio daquela multidão hostil e dos fantasmas de suas vítimas que esporadicamente continuavam a sobrevoar sobre seu caminho, um ruído aflitivo e selvagem começara a surgir. Ao reconhecer os rosnares guturais, Santo sentiu sua fobia aguçar. Interrompeu a novena que vinha rezando com fervor e tentou ouvir direito. Teve certeza ao distinguir os timbres que tornavam-se mais audíveis na medida em que se aproximava da rotatória que abrigava o Panteão. Todo o árduo trabalho que tivera de abstrair-se do absurdo que acontecia em sua volta fora pulverizado, quando cães mestiços de grande porte começaram a surgir em sua linha de visão. Estavam uivando e rosnando. Tinham a cara desfigurada, repleta de cicatrizes severas. Alguns pareciam cegos. A saliva, espessa e esbranquiçada, saía com profusão em meio à uma espuma densa e doente. O mafioso, dominado por uma vertigem nauseante, viu muitos olhos opacos mirando a cicatriz que tinha no dorso da mão esquerda. Alguns anos atrás, Santo tentou se esquivar de um dobermann agressivo que o atacara. O cão se precipitara em sua direção com o intuito de proteger a propriedade que o estranho

acabara de invadir, mordendo-lhe a mão com ferocidade e acabou morto com um tiro. Desde então, o Leão adquirira um intenso trauma de cães. No entanto, aqueles estranhos cachorros não se aproximavam. E ninguém os notara, de modo que o fluxo continuou, lento e decidido. *Não é possível que ninguém os esteja vendo!* Estavam se movendo com fluidez, como se estivessem cercando-o, acompanhando o ritmo da multidão, indiferente à ameaça que os cerceava.

A duas quadras dali uma entusiasmada senhora estava debruçada na balaustrada, saudando com um pano branco os fiéis que desfilavam logo abaixo. Entoava o famoso refrão, distribuindo sorrisos — *Ciao a tutti! Siracusana è! Siracusana è!* — Santo não ouvia nada. Era incapaz de sentir o verdadeiro clima que emanava das ruas. Havia uma comoção generalizada, misturada à alegria da data, causando nas ruas uma aura única naquele dia. Dali podia-se ouvir o canto que timidamente vinha da praça do Panteão, trazendo ares de religiosidade nos arredores da *Mazzarona*. O público, cada vez mais entrando no clima, acenava de volta o cumprimento da senhora, devolvendo-lhe o jargão — *Si! Siracusana è! Viva Santa Lucia!* — Mas Santo, absorto em sua maldição, sorvia apenas o ódio que emanava dos seres, perambulando com as faces inexistentes viradas em sua direção, alheios aos cães. O uivo se espalhou pela rua, aumentando lentamente de intensidade. Outros cães, que estavam dentro dos apartamentos, se puseram a uivar também e logo o ar estava impregnado com o coro dissonante da morte. O mafioso começou a identificar os sons que vinham da praça, primeiro em um volume velado, abafado. Depois, como se o vento soprasse a música em sua direção, a melodia se tornou alta. O canto, dramático e agourento, era enervante, subindo e descendo, parecendo renovar-se a cada passo.

Agora, a apenas uma quadra de distância, a cantante senhora que até então abanava o pano com vigor, pareceu petrificar-se ao olhar para baixo. Reconhecera imediatamente aquele rosto. Era o rosto do assassino do seu filho. Não importa a alteração que o homem fizesse, jamais o esqueceria. O mafioso, indiferente à face sem traços que o observava de cima, viu os cães aproximando-se furiosamente em sua direção. Pôs-se a rezar com mais fervor, crente que aquela situação não era real.

Não se mexa, Santo. Continue a andar entre os iguais. Ande! Nada disso está acontecendo!

Viu-se no reflexo de uma vitrine. No entanto, não se enganou com a imagem. O reflexo continuava devolvendo-lhe o próprio rosto apagado, idêntica aos demais, mas ele sabia que seus olhos estavam vidrados. Resolutos. Não viraria para trás de maneira alguma. Contudo no instante em que se viu refletido no vidro, pode ver também que estava cercado. Havia cães em sua retaguarda e agora, Santo sabia que estava encurralado. O Leão não poderia correr. O Leão não poderia ficar. Não

importasse o que fizesse, acabaria pego ou devorado. Um cheiro adocicado de carne podre invadiu-lhe as narinas e o homem percebeu que os animais exalavam uma forte carniça. A ânsia de vômito se intensificou, fazendo o coração do mafioso disparar, na medida em que tentava pôr o estômago no lugar.

Respire, Santo! Abstraia! Não vomite!

Apertou a dezena do terço com força, pensando em Luzia. Acima, a senhora, com lágrimas de pânico que lhe inundaram os olhos, virou-se bruscamente à fim de entrar depressa em sua casa. Abaixo, um enorme cão magro, preto como o olho do abismo, distinguiu-se da matilha e avançou em direção à Santo Salafia, mostrando os dentes afiados, a boca se abrindo com uma raiva assassina. Então tudo aconteceu. A senhora, à um passo de entrar na porta da varanda, involuntariamente puxou para si o pano branco que trazia nas mãos com uma força sobrenatural, mas este se enroscou em uma estaca de aço que era utilizada de improviso para segurar a janela aberta. Santo, dominado por um estado absoluto de terror, fechou os olhos na esperança de alhear-se ao pesadelo que lhe entranhava. Um rosnado viril se aproximou e o mafioso arregalou os olhos, vendo que tudo confluía para aquele momento. O som ensurdecedor, os seres emanando ódio, abrindo espaço para o cão que pairava livre no ar, com às garras prestes a fincar em sua carne e derruba-lo com toda força. Gotas de saliva tocaram-lhe o rosto e o homem compreendeu que aqueles dentes eram reais. Em uma fração de segundo, tentou se defender do impacto, sem perceber que o real e mortal perigo vinha de cima. A afiada estaca de aço descia vertiginosamente, com força e velocidade, mirando diretamente seu coração. Mas, ao invés de sentir a mordida cravar-lhe o pescoço, olhos opacos de pânico fitaram os dele e o cão sentiu a dor lancinante da estaca atravessar-lhe o dorso. As pessoas gritaram em uníssono, horrorizadas, vendo o animal instantaneamente empalado na calçada, se debatendo lentamente nos estertores da morte.

CAPITULO VENTISETTE

Por um lapso de momento, o tempo pareceu congelar e Santo sentiu o pânico ceder lugar a uma estranha sensação de paz. Estranhíssima. Quis sentir medo, mas não conseguia. Era controverso, não fazia o menor sentido não senti-lo. E, no entanto, tudo em sua volta estava paralisado. Congelado. As pessoas, os cães, a fumaça que saía das chaminés. Até mesmo alguns pombos que iniciaram o voo de um telhado ao outro, ao se assustarem com o movimento repentino da senhora, pairavam inertes sobre seu chapéu. O vento havia cessado. O canto, outrora enervante e que há pouco havia se transformado em um prenúncio apocalíptico, agora inexistia. Prestes a morrer, a dimensão do inferno havia iniciado a fusão com a dimensão humana e o mafioso soube quem estava vindo buscá-lo. Em um único segundo, o solo abriu-se, rachando os prédios da *Mazzarona* de alto a baixo. Havia enormes fendas no asfalto. Das fendas, névoas negras de calor escapavam, distorcendo a linha do horizonte estático. Em meio ao caos inanimado, Santo Salafia se movia normalmente. Lentamente, andou à beira da rachadura mais próxima e olhou dentro. Inúmeras criaturas repugnantes, consumidas por uma chama viva e paralisada, escalavam as paredes do abismo, surgindo da escuridão. Mas nada daquilo parecia afeta-lo. Indiferente ao apocalipse iminente, Santo somente conseguia sentir uma empatia vívida pelo cão, que chorava baixo e triste, empalado na calçada. Girando no calcanhar, voltou-se para ele. Estava suspenso pela barra de aço, fincada no solo. Ao aproximar-se dele, deixou que a lágrima escorresse em seu rosto, enquanto acariciava as longas asas brancas tingidas de vermelho que saíam do dorso ensanguentado do cão. O animal, dando os últimos suspiros de vida, olhou-o fixamente. Santo agora chorava copiosamente. Finalmente conseguiu dizer, com a voz embriagada em uma absoluta tristeza:

— Você vai ficar bem, meu amigo! Tudo vai ficar bem.

O cão sentiu a dor do último abraço. Sabendo que aquela era a última centelha de vida que lhe restara, usou-a para proferir as derradeiras palavras àquele a quem guardou desde que nasceu.

— Santo... não desperdice sua... Não haverá... ou-tra. Confesse, San...to ... confesse!

— Meu zeloso guardador! Diga-me o seu nome! — disse Santo em meio a um soluço tão intenso, que as palavras saíram maceradas, inaudíveis.

— Diga... à... D-Deus... q-que... eu...

Subitamente, uma luz cegante emanou do cão e Santo o viu se desfazer em milhares de fagulhas de luz, desaparecendo no ar por completo. Seu anjo da

guarda, desfigurado pelas iniquidades que cometera ao longo da vida, materializara-se e agora, ao interferir diretamente no destino do mafioso, deixara de existir, rumo ao nada. O salvara pela última vez. Fisicamente.

Então, em meio ao profundo silêncio que somente uma dimensão em pausa poderia conceber, um som distinto começou a surgir. No começo, veio de forma contida. Depois, aumentando o volume em uma progressão constante e amplificada, o mundo dos vivos ensaiou seu retorno ao tempo e Santo soube que no próximo segundo, tudo voltaria ao normal. As fendas e as rachaduras começaram a se juntar ao solo, como se o tempo retrocedesse. Os cães, enfurecidos e vis, estremeceram por um instante. Depois explodiram, transformando-se em um espetáculo de cinzas, tal como vinha acontecendo aos condenados que assombravam o homem. Os pombos iniciavam o farfalhar das asas que daria-lhes sustentação ao voo rumo à outro telhado e Santo Salafia sentiu o vento e o ar frio voltando gelar-lhe a pele. Estava suspenso no ar, os pés longe do solo, impulsionando-se para trás, numa súbita intenção de esquivar-se da estaca de aço que, por um pequeno passo adiante, não o acertara, cravando firme em um enorme cão de rua que acabara de cruzar com ele, matando-o na hora. Ao tocar os pés de volta ao chão, o grito da messe irrompeu, afligindo os tímpanos do mafioso. Olhavam com repulsa o sangue espesso que imediatamente saiu da boca aberta do animal. Estavam alheios à sua presença, indiferentes ao livramento que acabara de ter. Eram testemunhas de um milagre e, no entanto, se importavam apenas consigo mesmas, pensando na sorte que tiveram de não terem sido acertadas por aquela barra mortal. Um círculo pequeno se formou em torno do cão. Próximo a ele, um homem consolava a jovem esposa que aninhava os três filhos sob os braços, dizendo-lhe com complacência em uma voz plangente:

— Calma, meu amor. Calma! Você tem um anjo da guarda muito poderoso!

CAPITULO VENTOTTO

A tempestade de areia que recentemente castigara o Cairo, migrara do Saara rumo ao norte, buscando pouso em ares mais frios. Junto à persistente neblina que pairava em Siracusa, a areia fina encontrara seu destino passadiço, proporcionando aos olhos, uma cortina de luz peculiar. Os raios horizontais do sol que penetravam as ruas, criavam inúmeros feixes âmbares, fazendo a areia brilhar de tal modo, que a atmosfera ficara envolta por uma aura angelical, repleta de purpurinas douradas. Contrastando com a esplêndida paisagem, abaixo, a lama fina e arenosa que impregnava as solas dos sapatos, agora misturara à poça de sangue, servindo de berço ao cão, que deslizara da estaca, jazendo perante todos. Ali, no frágil limiar da vida, Santo Salafia se deu conta de que tudo fora real. Viu-se no misturado à multidão, se começava a se aglomerar em torno ao animal sem vida. Todos estavam normais. A maldição parecia ter chegado ao fim. Pode distinguir os rostos tristes, mortificados. Sorviam o momento lóbrego que os olhos haviam acabado de testemunhar. Um silêncio expectante, como se a própria atmosfera estivesse prendendo o fôlego, emanava com profundidade em uma *Mazzarona* incrédula. Diante da turba aturdida, que ensaiava voltar a caminhar, um idoso se apoiava com dificuldades na bengala. Parecia vago, distinto. Exalava uma mistura de álcool com uma fragrância exótica demais para a idade que aparentava ter. De cabeça baixa, rezava o terço com piedade, aparentemente indiferente ao milagre que acabara de receber. Parado entre os fiéis, Santo sentia-se diferente. Um profundo arrependimento partia-lhe o coração ao meio. A culpa esmagava os pulmões do homem, que queria desabar de chorar, mas não podia.

Deus, o que eu fiz? Que monstro eu fui?

O mafioso, que acabara de ter uma intrínseca experiência com Deus, sentiu o ódio abandonar-lhe para sempre. Teve um desejo incontável de poder ter mais tempo para viver. Tempo para encontrar algum modo de consertar todo o sofrimento que causara. As chamas da inquietação ardiam o interior do homem e Santo sentiu um amor incandescente queimá-lo por dentro. Queria por tudo para fora de uma só vez. Chorar até a lágrima secar, gritar até a garganta inchar.

A messe finalmente começava a dispersar e o Leão tratou de pôr-se em movimento, dançando conforme a música tocava. O silêncio, rude e dissonante, regia a afluência comum, que optara pela consternação da quietude. Poucos falavam. Seguiam compenetrados pela fatalidade de tal modo, que Santo Salafia pode ouvir com retidão cristalina, o canto fúnebre que sobrevinha da cerimônia. Ao chegar à travessia que o levaria a rotatória, o mafioso percebeu que a transladação

do corpo do padre Giuseppe já havia sido iniciada. Aquilo era péssimo. Sentiu o frenesi roubar-lhe o sufrágio que, até então, apoderara-se dele por completo. Teve um terrível pressentimento de que, se não chegasse logo no centro da celebração, dificilmente conseguiria antecipar-se ao que quer que acontecesse.

Lá vamos nós, mais uma vez...

Olhando de soslaio, apurou os sentidos. O tropel a sua frente, que já pisava sob o último ladrilho da rotatória, começava a engrossar o coro enlutado, somando às vozes que se deslocavam da praça com um murmúrio contristado. Ao aproximar-se de vez da multidão, Santo perdeu completamente a referência de onde o caixão de Giuseppe poderia estar. Sentiu-se uma célula infinitesimal, minúscula e irrelevante perante o desafio que se impunha à ele com severidade. Mal se juntara ao denso fluxo da procissão, quando uma mulher, aparentando ser um pouco mais velha do que ele, passou-lhe uma vela acesa. Com um semblante de bondade, sussurrou-lhe em um tom de indulgência:

— Nunca pensei que, justamente no dia em que viria agradecer à santa por voltar a enxergar, rezaria também pela alma de um pobre sacerdote que fechou os olhos tão tristemente...

Um momento de pausa retardou a reação do mafioso. Depois, percebendo que estava tomado pela emoção, respondeu-a em uma arfagem embargada, carregada de pesar:

— Confesso que também não. Jamais imaginei que meu primo fosse morrer desta maneira. Ele era um bom homem, não merecia isso.

A réplica inesperada fez a senhora tomar um susto. Cobrindo a boca com a mão livre, tentou sem sucesso, conter o soluço involuntário que escapara-lhe. Mais rápidas do que a voz, as mãos expressaram condolências, encontrando um refúgio temporário no peito. *Como poderia eu saber que o padre era primo dele?*

— Oh! Sinto muito, senhor! Muito mesmo!

Um breve silêncio seguiu. Depois, olhando vagamente os muitos ombros à frente, retomou a palavra falando baixo, como se estivesse pensando em voz alta:

— Que Deus perdoe o assassino. E que ele encontre no perdão o caminho do céu. Tenho certeza que o padre o receberia de braços abertos.

Mirrada e grácil, a senhora era dona de uma expressão vivida. Vestia um longo vestido pardo, discreto. Sob o véu de renda marrom escuro, viu lágrimas emergirem dos olhos do idoso. Compadecida, desejou segurar-lhe as mãos, mas decidiu não ultrapassar aquela linha. Limitou-se a dizer a familiar frase, e Santo imediatamente recordou-se de Tessio, que dissera-lhe a mesma coisa nas primeiras horas daquele dia:

— Deus age de maneiras misteriosas...

O homem quis devolver a gentileza, respondendo de maneira amável. No entanto, ao invés de retribuir-lhe a empatia, apoiou-se na bengala e investiu no momento.

Sim. Deus está agindo agora... obrigado por isso, Senhor!

— Desculpe te pedir algo nessas circunstâncias. Mas a senhora poderia me ajudar a chegar perto dele? Preciso vê-lo! É meu primo!

— Me chame de Judite. Mas é claro que vou te ajudar, meu senhor! Eu vou abrir o caminho aos poucos. Não impedirão o progresso de dois jovens idosos, ansiosos por prestarem uma última homenagem a um amigo.

— *Mia cara signora!* — disse enxugando os olhos com a manga do sobretudo — Não encontro palavras para lhe agradecer. A propósito, eu sou Santino... Lamezia. Se importaria de irmos agora?

Inserindo o antebraço nos braços do debilitado senhor, a senhora sentiu o tremor do homem, fazendo força para conseguir compensar o passo débil sobre a muleta.

Estava permanentemente curvado, como se uma poderosa hérnia consumisse-lhe o disco da coluna. *Pobre Santino! Deve sentir uma dor terrível com este sobrepeso...*

Apertando o passo, segurou firme o braço de Santo, esbarrando nas pessoas com determinação, sem muito cuidado. De modo geral, não havia reação. Estavam consternados demais para se incomodarem com o inconveniente. Apenas abriam caminho ao casal, que sopravam-lhes pedidos de perdão nos ouvidos, passando entre eles com passos apressados e os viam desaparecer no mar de gente.

— O senhor está aqui somente para despedir-se do seu primo ou também teve uma graça alcançada?

— Eu era cego e agora posso ver... — respondeu Santo, pensativo e evasivo ao mesmo tempo.

Judite assentiu. Depois, bateu com a unha na lente grossa dos óculos de alto grau que sobejamente encolhiam os já pequenos olhos escuros da senhora. Uma minúcia visível, mesmo escondida embaixo do véu.

— Eu também! Anos atrás, por causa de uma cirurgia mal sucedida que fiz no baço, perdi grande parte da visão. Foi Santa Luzia que me resgatou da escuridão... O mafioso consentiu, quase não prestando atenção na resposta da senhora. Olhava em frente, satisfeito com a inesperada progressão que tivera. Aquela mulher caíra do céu. Não apenas trazia força ao seu disfarce, como estava conduzindo-o direto ao cerne da celebração, onde quem realmente importava deveria estar.

CAPITULO VENTINOVE

Estou por conta própria...

Santo prosseguia perturbado, pensativo. Não conseguia tirar a imagem do cão alado se desfazendo no ar. Seu anjo da guarda partira para sempre e agora, o homem sentia-se desguarnecido, sem saber ao certo o que isso significava. Decerto, estaria vulnerável também ao oculto. Sabia que, muito em breve, seria testado e, quando isso acontecesse, a última coisa que desejaria era que os resíduos de sua maldição resvassem em outros.

Judite não pode carregar minha cruz por muito tempo ou acabará pregada à direita do bandido...

Pela segunda vez no dia, o mafioso cruzaria a velha *Ponte Umberto*, onde as coisas ficariam mais perigosas. Tinha certeza de que em *Ortigia*, a maioria dos olhos que observariam o cortejo serviam à Máfia. Discerniu que precisava ser incisivo, certo, antes que entrasse definitivamente na ilha, repleta de ruelas antigas, ávidas por comprimirem impiedosamente o público. Mais cento e cinquenta metros e os poucos espaços que haviam findariam por completo. Já estava no final da larga *Via Malta*, quando avistou estandartes dançando sob o vento marítimo, que revelaram-se aos olhos logo no início da subida da ponte. Muitos marinheiros se encontravam sobre suas embarcações, espremidas umas nas outras no cais, buscando a melhor posição para saudar a imagem da Santa quando o andor passasse. Ao verem a trasladação do padre Giuseppe, puseram-se a cantar, adaptando o popular bordão ao modificarem o gênero linguístico, substituindo o “a” pelo “o”. O mafioso pode ouvir o lamento vestido de luto vindo da maresia, que comedidamente bradava: “*Siracusano è! Siracusano è!*”.

O Leão estremeceu. Ou apressava decididamente o passo, ou a filha morreria sem que o pai pudesse protegê-la, seja lá como fosse. O pensamento volteava infrene. No que vivera antes, no que acabara de viver. No que viria a viver.

Uma quadra. Tenho uma quadra para me aproximar! Meu Deus, me ajude!

Então, ao alcançar o topo da ponte que se elevava timidamente sobre o cais, a comitiva parou, sem nenhum motivo aparente. O público fez uma longa genuflexão em adoração ao ornamentado Santíssimo que seguia à frente do cortejo e Santo Salafia finalmente pode ver o andor de Lamezia. Angustiado, sentiu-se hiperventilar. Não viu ninguém conhecido. Nenhum homem do Clã. Nenhum soldado dos Solarinos sobre os joelhos. Sequer Dom Tessio Primadonna estava lá. No lugar do bispo, apenas o velho pároco suplente da cidade auxiliava um cardeal

velho, de baixa estatura, trajando um suntuoso manto róseo, adornado com detalhes em ouro fosco e brilhantes que reluziam mesmo a distância.

Deus! Estou no lugar errado! Eles já estão na Piazza Duomo com Elisa!

O cardeal permanecia de costas para o Leão, de modo que não pode reconhecê-lo. De posse do ostensório, começara a proferir palavras que chegaram inaudíveis no ouvido de Santo e, como não podia se mexer com a turba inteiramente ajoelhada, o mafioso aproveitou para estudar a situação. *Observe com cuidado. Você não pode errar!* O caixão era uma simples caixa de cedro rústico, sem alças laterais ou qualquer detalhe. Estava depositado sobre o que o homem presumiu ser uma plataforma, preterida por uma enorme bandeira italiana que sobrepunha tudo. O lábaro era tão grande que as franjas douradas quase tocavam o chão.

Completamente oculta aos olhos de todos, a plataforma carregava uma minúscula caixa de madeira, fixada por pregos no teto do console, como se fosse um apêndice. Não saber o que havia embaixo da bandeira, deixou o mafioso aflito. No entanto, o que fez os pêlos do homem erigirem dos poros, foi ver o quê precisamente carreava o corpo do sacerdote. Oito enormes corcéis negros, absolutamente vigorosos, conduziam o caixão de Giuseppe, em um lento passo de trote. Quatro iam à frente, sustentando o caixão com correntes presas nos quatro que vinham atrás. Reconheceu de imediato os animais de Salvatore. Era proprietário dos cavalos puro sangue mais caros da Sicília, todos garanhões reprodutores. Ali, trotando lentamente sob olhares admirados, sustentavam o esquife do padre, como se o invólucro estivesse flutuando. Estava suspenso por um total de oito correntes de ferro. Quatro delas eram finas e estavam esticadas.

Estranhamente, eram elas que traziam sustentação a toda a estrutura.

Assemelhando-se a cabos de aço, estavam chumbadas nas extremidades da plataforma encoberta. As outras quatro, grossas e rudimentares, pareciam presas dentro do caixão, adentrando nele em buracos feitos sobre medida. Estavam relativamente folgadas, como se cumprissem a função de apenas ornamentar a composição. O féretro, austero sobre a bandeira, mal balançava, tamanha a sincronia entre os animais. Apenas os quatro da frente puxavam a diligência, enquanto os quatro de trás, davam passadas mais lentas, no intuito de criar a tensão necessária para manter o caixão suspenso. Aos olhos da messe, os corcéis pareciam executar uma dança cadenciada, como se estivessem sob o feitiço de uma melodia tênue, fazendo o caixão balançar como se fosse um berço, adornado com penduricalhos que chacoalhavam sobre a cabeça. Fixados na plataforma, quatro grandes estandartes com bandeiras eclesiais diferentes entre si, farfalhavam ao sabor dos ventos, complementando o grande adorno central: uma cruz simples de ferro rústico, que repousava em uma espécie de trave muito fina, também de ferro, fixada no console, fazendo com que a cruz permanecesse suspensa acima do

madeiro que guardava o corpo do sacerdote, dando a impressão de estar flutuando no ar.

Um homem ruivo, aparentemente na faixa dos 30 anos, conduzia os corcéis. Estava muito bem trajado. O fraque preto, em combinação com a longa cartola, chamou atenção de Santo. Não o conhecia de lugar algum, mas achou estranho um desconhecido ser o responsável por domar os animais de Salvatore. Improvável.

Tem algo errado com este homem...

Vasculhou a memória na tentativa de encontrar onde ou quando poderia tê-lo conhecido, mas não encontrou nada. Vendo-se obrigado a desistir do sujeito ruivo, tentou mais uma vez reconhecer algum membro da Cosa Nostra próximo ao homem, mas o cardeal que portava o ostensório fizera um gesto para que todos se levantassem e a messe se ergueu, colocando-se novamente em marcha, voltando a ocultar a comitiva dos olhos de Santo.

Merda!

Dar meia volta e seguir pela outra ponte estava fora de cogitação. A única maneira de chegar na explanada da *Piazza Duomo*, era seguir entre os fiéis. Conferiu a hora. Eram 14 horas e 29 minutos. Dali, a procissão fatalmente ficaria lenta devido ao fluxo que se estreitaria. Santo agora tinha no rosto uma expressão de angústia.

Trinta minutos, Santo! Acabou o tempo!

— Vamos Santino! Vamos dizer adeus ao seu primo.

Sentindo na pele a aflição do homem, Judite agarrou mais uma vez o braço do mafioso. Trombando em quem estivesse na frente, começara a abrir o caminho com eficiência e em seis minutos, o casal já estava subindo a ponte.

Quatorze horas e trinta e cinco minutos. Acabou o tempo, Leão!

Olhou de viés. Judite tinha um sorriso no rosto. Estava alegre em doar toda a disposição física pela causa de Santo. Mas a senhora não podia mais levá-lo.

Tornara-se perigoso demais e o mafioso tomou a decisão. Em um só movimento, fincou a muleta entre as pernas da mulher e esta subitamente tropeçou sem saber em quê, caindo forte do ladrilho. Desacordada, ficou para trás. Metade dos fiéis à frente parou momentaneamente o passo, paralisando quem vinha atrás e Santo Salafia avançou consideravelmente em direção ao andor de Giuseppe. Contudo, quando finalmente completou a travessia da ponte, ao invés de pegar a direita, junto ao andor que acabara de virar, tomou o caminho da esquerda, adentrando em um beco estreito. Dali, serpentearia as entranhas de *Ortigia*, rumo à praça onde Elisa estaria, no intuito de antecipar-se à chegada do cortejo, mesmo que isso lhe custasse revelar-se a todos, perdendo de vez o disfarce.

CAPITOLO TRENTA

Uma densa neblina começava a precipitar sobre a ilha, que já se preparava para despedir-se da claridade do dia. Sob a luz difusamente cinzenta, os tímidos raios áureos não mais atravessavam as vias e o sol lateral de inverno já estava escondido atrás dos prédios históricos de Siracusa, intensificando o frio na ilha. Em meia hora, a estrela irrevogavelmente se poria em um emaranhado de névoa, chaminés e gente. Muita gente. Timidamente, som de vozes cantantes chegavam aos ouvidos de Santo, aumentando à medida em que ele se aproximava da *Piazza Duomo*. O mafioso estremeceu:

Quatorze horas e quarenta e seis minutos. Meu Deus!

Os cantos agora soavam perto. À sua frente, o público murmurava uma antiga cantiga mariana, prestes a receber o velho sacerdote morto. Nas costas, os sons dos sapatos misturavam-se ao trote dos corcéis que continuavam dançando sob o andamento cadenciado da melodia, entoada pela messe em movimento. *Mais rápido, Santo! Mais rápido!* Apertando o passo, o mafioso notou que as quadras circunvizinhas à catedral estavam vazias, livres para receber o cortejo que se já se revelava no horizonte. O Leão sabia que seria visto no momento em que pisasse os pés em qualquer ladrilho deserto. Decidiu não enveredar por este caminho, preferindo seguir costurando os poucos becos que restavam. Seguiu invadindo cortiços e quintais limítrofes às ruas até chegar na estreita *Via Delle Carceri Vecchie*, desembocando no epicentro fervilhante da *Piazza Duomo*. Ofegante, Santo novamente curvou-se, investindo no disfarce. Subiu o cachecol e, fazendo uso da muleta, foi abrindo caminho em meio às pessoas, comprimidas umas as outras no final da ruela, distribuindo a esmo, pedidos de desculpas pelo inconveniente.

Estou aqui, Elisa! Papai chegou!

As pessoas olhavam irritadas, sentido-se incomodadas pelos esbarrões desajeitados, mas isso não importava para o homem. Menos de dois minutos e o mafioso estaria em frente ao grande andor que carregava a estátua de prata de Santa Luzia. Um rumor de aplausos emergiu do outro lado da praça, parcialmente ocultada pelo véu da bruma e o povo irrompeu em um único canto, tomado de consternação:

— *Siracusano è! Siracusano è!*

Escondendo-se atrás de um anafado idoso, tão corpulento quanto ele próprio, Santo se colocou no melhor lugar onde poderia estar. Relativamente protegido, conseguira inserir-se no meio de muitos velhos ranzinzas, a maioria deles homens,

provavelmente vindos de algum asilo para idosos. Olhou o relógio de pulso. Faltavam menos de cinco minutos para as quinze horas. *É agora! Estou aqui, filha! Papai está aqui!*

Sob a aba do chapéu, pôs-se a olhar para todos os lados. Todavia, a densa neblina trazia-lhe uma baixa visibilidade, dificultando muito a vida de Santo naquele momento. Não via a filha. Não via mafioso algum. A cada investida frustrada, o Leão sentia a mão leviatânica do destino, inevitável e implacável, esmagar-lhe o coração. A cada resquício de indício, a cada ausência de evidência, incapaz de revelar a menor pista de qualquer Solarino, Santo Salafia tentava com todas as forças, reprimir o surto autodestrutivo que apoderava-se dele, momento após momento, intoxicando com severidade a menor célula do seu sistema nervoso.

Que droga, Salvatore! Cadê você?

As palmas e os cantos cessaram no momento em que o Cardeal Mortillaro chegara ao púlpito de carvalho, cuidadosamente talhado para a ocasião. Dom Tessio o aguardava temeroso, prontamente posicionado em frente à estátua de Santa Luzia, soerguida sobre o ombro de doze fiéis robustos, prontos para conduzi-la pelas ruas, até a *Basilica Santa Lucia al Sepolcro*, onde permaneceria por sete dias, retornando à catedral no dia 20 de dezembro, também com uma procissão. Após receber o beijo do bispo no anel, Carlo virou-se para o caixão, fazendo uma longa reverência ao padre, cujo cadáver repousava a poucos metros, lateralmente alinhado ao andor da santa. Massimo Vitale, que servilmente levava o microfone ao superior, voltara-se defronte ao púlpito, unindo-se aos familiares de Giuseppe, como se fosse o guardião do invólucro mortuário de Lamezia. Tomando o incensário, pôs-se a grassar cuidadosamente a prataria, perfumando a praça, que absorvia o aroma do incenso, na medida em que o vento o conduzia, dissipando-se nos ares da ilha. A angústia agora infundia em Santo um desespero excruciante. Aquele último minuto restante, significava o fracasso de um pai que levou sua filha para o abatedouro. Teve a certeza que veria a pobre garotinha morrer, sem que nada pudesse fazer contra seus algozes. *Me perdoe, filha!* A mão direita já havia encontrado a coroa fria do revólver, enfiado na cintura. Estava prestes a colocá-lo na têmpora e invadir a *piazza*, explodindo os miolos perante todos, na esperança de que aquilo satisfizesse a sede de vingança de Salvatore, freando de súbito o atentado contra a vida de Elisa.

— Meus irmãos. Meu povo. Minha terra...

Com os braços cenicamente abertos, Mortillaro inclinara a cabeça, domando a afobação. Tinha uma voz trêmula, embargada de uma falsa tristeza. A prece há muito fora memorizada. Aguardava apenas o badalar da sineta nas mãos do seminarista, que faria dobrar todos os joelhos de Siracusa, para então dar início a encomendação de Giuseppe Lamezia.

— Inclínemos nossas cabeças e nossos corações, em um silêncio que diga mais do que nossas palavras poderiam dizer.

O som estridente da sineta soara inaudível, completamente anulado pelo ribombar grave que vinha de cima. O sino da catedral sobreveio como um trovão. Depois de novo. E depois, de novo.

Em *Ortigia*, às 15 horas.

CAPITOLO TRENTUNO

— *Dio ti prego! Abbi pietà di me!*

Aos gritos, Santo Salafia invadiu o coração da *Piazza Duomo* com olhos esgazeados de pânico. Fremente e desesperado, caminhou torto, retesado. As mãos trêmulas empunhavam o fulgente revólver calibre 22, pressionando a têmpora com força. Sabia exatamente onde e quando puxar o gatilho. Precisava acontecer no centro entre os dois andores. Sob a vista de todos. Para que ninguém tivesse dúvidas de que o maldito Leão dera cabo ao rugido de uma vez por todas. O corcel negro que estava à frente da diligência de Lamezia, virou a cara para o outro lado, parecendo torcer o nariz para o mafioso, quando este passou por ele quase esbarrando, como se o esnobe animal não estivesse em seu caminho. O peito doía. Só conseguia pensar no fim. E o fim era amargo.

Me perdoe por tudo, Senhor! Me perdoe por tudo, Elisa!

O indicador já articulava o movimento. O gatilho já recebera a pressão, preparando o coice da espoleta. Os pés, decididos a despedirem-se dos últimos passos, pisaram em falso sob o chão que febrilmente pareceu desaparecer. Os olhos de Santo haviam encontrado os olhos do homem ruivo. Alexis Samaras trazia consigo um dispositivo com um único botão. Com um sorriso malicioso entre os dentes de ouro, apontou com o indicador da mão vazia o artefato que trazia na mão esquerda. Piscando o olho sadicamente, apertou o botão no exato momento em que, pausadamente, soletrava a sentença, rindo como uma criança:

— *Arrivederci!*

Impulsivamente, o Leão mergulhou no chão. No entanto, ao invés de sentir o impacto esperado atingir-lhe em cheio, viu uma explosão de pequeno porte incendiar a bandeira italiana, assustando os cavalos que começaram a empinar-se desordenadamente e se debaterem em pânico, chacoalhando com violência toda a estrutura. A segunda explosão aconteceu logo em seguida. Ominosa e trovejante. Viera do objeto central e destruiu por completo o falso caixão de madeira, revelando um pequeno corpo absorvendo o início das chamas, suspenso, com os pés e as mãos presas nas grossas correntes. O grito aterrorizante de Elisa Salafia pôde ser ouvido mesmo com a boca fechada por uma fita adesiva, dando-lhe muitas voltas por toda a cabeça.

O pânico tomou conta da messe, que apavorada, começou a correr para fora da praça, pisoteando umas nas outras. Quando a terceira explosão eclodiu, dois segundos depois, a plataforma deixou de existir, libertando os finos cabos de aço e fazendo com que o pesado ornamento de ferro que estava suspenso sobre o caixão,

descesse com fúria. A cruz pontiaguda precipitou-se como uma guilhotina em direção à garota, mas o movimento desordenado dos corcéis, fazendo esticar-lhe com agressividade o corpo frágil em todas as direções, tirou-a do alvo, impedindo que o ventre fosse mortalmente perfurado pela ponta afiada, partindo-a ao meio e a estrutura ficou pendurada em uma Elisa sob chamas, pressionando-a para baixo. Então, uma sucessão interminável de muitas explosões frias que saíam das montarias dos corcéis, desencadeou um pânico generalizado nos animais, fazendo-os tentarem fugir com toda força, atormentados pelo apocalipse. Santo precipitou-se, agarrando a filha, chorando de agonia, tentando soltá-la em vão.

— Minha filha! Meu Deus!

Ao verem a menina esticar com violência, os homens que seguravam o andor da santa entraram em desespero. Mais da metade deles saiu em debandada de uma só vez, abandonando o posto. Com apenas três voluntários tentando segurar a pesada imagem, o andor rapidamente cedeu e a grande estátua de prata caiu no ladrilho de pedra com um enorme estrondo, prensando dolorosamente as pernas do padre Vitale, deixando-o imobilizado em frente à Elisa. Percebendo que a garota iria ter os membros arrancados a qualquer momento, Massimo gritou entre urros de dor, implorando para que o homem desse fim ao sofrimento da filha. Santo caiu de joelhos. A pele ardia como brasa viva. Sacando a outra arma que tinha na cintura, olhou-a de soslaio, incapaz de fitá-la nos olhos já inexistentes. Vários tiros acertaram a cabeça de Elisa, que parou de gritar na hora. O fogo sobre seu corpo se intensificou e instantes depois, os braços e as pernas foram brutalmente arrancados do tronco com violência, fazendo cair no chão o que restou da pobre menina. Já não tinha mais os membros, que partiram arrastados no chão, tingindo-o com listras rubras, riscando a praça conforme os cavalos fugiam. Desolado, o mafioso debruçou-se no sangue da filha, chorando como uma criança. Tinha o olhar turvo, perdido. Tudo estava consumado. Estava prostrado na própria maldição, completamente banhado na seiva escarlata. Rugia baixo. A voz dolorosa e pesarosa, entoava o canto da morte. Pegou o que restara da filha carbonizada no colo, envolvendo-a num abraço fervente, dando beijos, fazendo carinho nos cabelos queimados. Quase como se quisesse fazê-la ninar. Quase como se não sentisse o fogo queimar-lhe no peito incendiado.

— Sangue do meu sangue! Sangue do meu sangue! Sangue do meu sangue!

Levantando-se com dificuldade, pegou o tronco da filha entre os braços, olhando absorto no horizonte. Ouviu estampidos de uma arma trovejarem e, imediatamente, sentiu os dois joelhos esmigalharem, deixando de existir antes mesmo que a inércia precipitasse-o de volta ao chão ensanguentado. Jazendo junto a criança despedaçada, caíra em frente ao padre. Estava face a face com Vitale. Sob a destra da morte, Santo Salafia olhou no fundo dos olhos do sacerdote, que tentava lutar

contra a dor. Massimo viu olhos de sofrimento encarando os seus e sentiu compaixão pelo homem, prostrado na própria miséria. Então, ouviu as palavras trêmulas saírem e soprarem-lhe o rosto, sentindo o odor do sangue misturar-se à olência da pólvora:

— Padre... eu me arrependo de todos os meus pecados...

Do nevoeiro e da fumaça, os homens de Salvatore surgiram como hienas famintas. Caminhavam com passadas firmes, certeiras. Massimo os viu aproximarem-se nas costas de Santo. Santo os viu aproximarem-se nas costas de Vitale.

— Eu te absolvo de todos os seus pecados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

Santo viu o sacerdote receber um golpe de porrete na cabeça e desmaiar. Sentiu uma mão agarrando-lhe o sobretudo e puxando-o com truculência, fazendo com que soltasse da filha. Vários rostos conhecidos estavam em sua volta, encarando-o com desprezo, enquanto outros comparsas, companheiros de muitos crimes, abriam-lhe os braços e as pernas. Orazio, que estava entre seus pés, deu um passo de lado, liberando espaço para o ruivo chegar com um grande e pesado cutelo de açougueiro nas mãos. Agachando ao lado do Leão, Alexis tinha olhos de fúria. Uma expressão possessa tomou de assalto o semblante do assassino.

— Veja seu nome na lâmina, maldito!

Levantando-se, esticou os músculos e estalou o pescoço. Arqueando as pernas sobre os joelhos, tomou fôlego. Inspirou uma vez. Duas vezes. Na terceira, jogou o cutelo para trás, reservando a força para o segundo seguinte.

— Isso é pelo Vincenzo!

Santo viu a lâmina descer mortalmente, fechando seus olhos para sempre.

— Queime no inferno, Leão de merda!

Abrindo os olhos, viu Samaras levantando e cuspido-lhe no rosto. Orazio Brascia deu então ao homem um firme aperto de mãos, desejando-lhe boas vindas à família, sob a afirmação de que só sairia dali da mesma maneira que o cretino aos seus pés. Limpando o sangue de Santo que espirrara em sua testa, o ruivo distribuiu chutes a esmo no mafioso prostrado no chão, com o rosto partido ao meio pelo cutelo que jazia cravado no ladrilho. Indiferente a violência e ao ódio vindo de cima, Santo Salafia permaneceu deitado, vendo os olhos de repulsa dos antigos companheiros desviarem dos seus na medida em que começavam a se retirar de seu entorno.

— Vamos embora, deixem que o Della Meta limpe a sujeira!

À dois metros de distância, Massimo Vitale continuava desacordado. Vendo o vestido rígido de prata comprimindo de forma grave as pernas do padre, subiu o olhar e percebeu que Santa Luzia estava com o rosto virado para ele. Mas a imagem não o fitava. Olhava pra baixo, como se observasse o ponto onde as explosões ocorreram, fazendo com que o mafioso colocasse a filha na mira da própria arma. Não sentia culpa ou peso algum. Estava leve, sem medo. Alheio ao som da sirene que surgia distante, Santo Salafia se levantou devagar, indiferente à ausência de gravidade. Tinha no rosto, lívido e limpo, uma expressão de paz. Virou-se em meio à bruma e sentiu o amor amornar-lhe o coração.

— Papai!

À distância, Elisa Salafia parecia um anjo. Estava vestida de branco. Brilhava como se uma luz própria saísse de dentro da epiderme. Colocando suavemente um joelho no chão, o homem abriu os braços. A garota correu com um sorriso imenso, inominável de tão intenso, encontrando refúgio em um abraço paterno e amoroso, tão puro, que humano algum seria capaz de dar. Levantando sem dificuldades, o homem pôs-se a girar nos calcanhares com a filha abraçada, como se estivessem dançando a canção mais feliz que jamais existira. Estavam indiferentes às luzes das viaturas, que invadiam a praça com velocidade. Seguiam dançando entre os policiais que haviam saltado dos carros, aos berros, colocando as mãos nos lábios, atônitos com a cena sangrenta. Todos eram desimportantes. Tudo era irrelevante, secundário. Trivial perante a dança em passo de valsa entre o pai e a filha. Os cabelos dourados de Elisa pairavam no ar, tão leves como nuvens de algodão-doce. As pernas, delicadas e finas, continuavam suspensas do chão, apreciando o giro sem se importar se aquele momento seria eterno. Ou se fosse durar apenas mais

alguns instantes. Todo instante era tudo. Sentindo o pai colocá-la no chão com ternura, deu-lhe um beijo na face.

— Eu te amo, papai!

— Eu te amo, minha filha!

Uma luz surgiu no horizonte. Santo Salafia entendeu que era hora de partir. Não poderia ver Deus naquele momento, sem que sua alma purgasse e se contraísse em chamas ao vir a conhecer todos os mistérios da vida. Não importava. Sabia que quando estivesse pronto, faria parte do convívio dos eleitos. Tudo estava bem.

Meu céu é Elisa e um sorriso.

Vendo as mãozinhas delicadas da filha esticadas em sua direção, segurou-as sem se preocupar com a velocidade do passo. Ou quanto tempo demoraria para voltar a segura-la nos braços novamente. Junto à Benedetta. Junto aos seus ancestrais. Um sorriso eterno apoderou-se da face de Santo. O homem olhou para a luz, ouvindo a filhinha dizer-lhe com voz amável:

— Vamos papai, eu te mostro o caminho...

FINE